



**UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS E LINGUÍSTICA**

CLAUDIA VIVIEN CARVALHO DE OLIVEIRA SOARES

**CONSTRUÇÃO DE SENTIDOS EM AMBIENTES VIRTUAIS
DE APRENDIZAGEM:
OS FÓRUMS DE DISCUSSÃO DO CURSO LETRAS LIBRAS – POLO
BAHIA**

Salvador
2011

CLAUDIA VIVIEN CARVALHO DE OLIVEIRA SOARES

**CONSTRUÇÃO DE SENTIDOS EM AMBIENTES VIRTUAIS
DE APRENDIZAGEM:
OS FÓRUNS DE DISCUSSÃO DO CURSO LETRAS LIBRAS – POLO
BAHIA**

Tese apresentada ao Programa de Pesquisa e Pós-Graduação em Letras e Linguística, da Universidade Federal da Bahia, como requisito parcial para obtenção do grau de Doutora em Letras e Linguística.

Orientador: Profa. Dra. Elizabeth Reis Teixeira

Salvador
2011

Biblioteca Universitária Campus Anísio Teixeira - UFBA

Soares, Claudia Vivien Carvalho de Oliveira

Construção de sentidos em ambientes virtuais de aprendizagem: os fóruns de discussão do Curso Letras Libras – Polo Bahia / Claudia Vivien Carvalho de Oliveira Soares - 2011.

150 f.: il.

Orientadora: Profa. Dra. Elizabeth Reis Teixeira

Tese (doutorado) – Universidade Federal da Bahia, Instituto de Letras, 2011.

1. Ambiente virtual de aprendizagem – Ensino a distância. 2. Fórum (Debates) – Realidade Virtual. 3. Língua Brasileira de Sinais. 4. Educação bilíngue – Português escrito – Língua de sinais. 5. Interação verbal. I. Universidade Federal da Bahia. Instituto de Letras. II. Título.

CDU – 81'1

CDD – 410

CLAUDIA VIVIEN CARVALHO DE OLIVEIRA SOARES

**CONSTRUÇÃO DE SENTIDOS EM AMBIENTES VIRTUAIS
DE APRENDIZAGEM:
OS FÓRUNS DE DISCUSSÃO DO CURSO LETRAS LIBRAS – POLO
BAHIA**

Tese apresentada ao Programa de Pesquisa e Pós-Graduação em Letras e Linguística, da Universidade Federal da Bahia, como requisito parcial para obtenção do grau de Doutora em Letras e Linguística.

Orientadora: Profa. Dra. Elizabeth Reis Teixeira

Aprovada em 20 de maio de 2011

BANCA EXAMINADORA

Profa. Dra. Elizabeth Reis Teixeira
(UFBA – ORIENTADORA)

Prof. Dr. Sérgio Roberto Kieling Franco
(UFRGS)

Profa. Dra. Lodenir Karnopp
(UFRGS)

Profa. Dra. Iracema Luiza de Souza
(DLV/UFBA)

Profa. Dra. Enilde Leite de Jesus Faulstich
(UNB)

Dedico essa tese aos meus filhos, Rômulo e Lília

AGRADECIMENTOS

Certamente, o término, de um trabalho dessa natureza, representa o início de uma nova fase em nossa vida. Por isso, expresso meu agradecimento eterno à oportunidade que a vida me apresentou para a realização dessa pesquisa. Nessa trajetória, preciso agradecer, primeiramente, a DEUS, pela vida. Como esse trabalho representa passos, que foram percorridos durante quatro anos, mas que foram possíveis em decorrência de outros, vivenciados anteriormente, de modo especial agradeço:

À professora Dra. Elizabeth Reis Teixeira, pela acolhida e pela orientação, que, de forma constante e segura, alimentou-me o desejo de sempre prosseguir.

À professora Dra. Ronice Muller de Quadros, que, ocupando o cargo de coordenadora do curso Letras Libras, no período em que iniciei a pesquisa, concedeu-me licença para adentrar o ambiente e iniciar os trabalhos de investigação.

À Fapesb pela bolsa concedida, nos três primeiros anos do curso, e à UESB pela complementação da bolsa para a conclusão do trabalho.

Às professoras Dra. Iracema Luiza de Souza e Lodenir Becker Karnopp, pelas contribuições apresentadas na banca de qualificação desse trabalho.

Às tutoras do polo UFBA, Nanci e Edvânia, pelo apoio e pela colaboração em todo o percurso da pesquisa. A Neemias, intérprete da turma 2006.

Aos professores do Programa de Pós-Graduação em Letras e Linguística da Universidade Federal da Bahia (UFBA), que fizeram parte desse processo de construção.

À Fernanda, pelas interações no curso de LIBRAS, e a Marcos, por aceitar ser o nosso professor.

Aos alunos surdos e ouvintes do curso Letras Libras, do polo UFBA, turma 2006, pela contribuição no percurso da pesquisa e pela participação nos momentos de entrevista.

Aos funcionários do PPGLL, seu Wilson e Tiago pelas orientações quanto aos trâmites burocráticos acadêmicos.

Às colegas de trabalho da UESB, Alessandra, Ângela, Ester, Denise, Flordinice, Maria Aparecida e Zeneide, pela compreensão, no início do percurso do curso.

Agradeço, com um eterno carinho, à minha família, que sempre, apoiando os meus projetos, proporcionou-me suporte para não desistir, mesmo nas horas mais difíceis:

Aos meus pais, José Claro e Marinalva, que, com muito amor, me educaram e me mostraram a grandeza da perseverança, da disciplina e da força de vontade; a Mãe Du, pela dedicação.

Aos meus filhos, Rômulo e Lília, simplesmente por existirem e pelo amor que nutre a nossa vida, nos unindo eternamente. A Augusto, meu esposo, pela compreensão e pelo compartilhar de nossas vidas.

Aos meus irmãos, Graça, Kátia, Jefferson, Jacqueline, Cristina, Cyntia e Jackson, pela convivência e companheirismo; Aos meus sobrinhos, Bruna, Natália, Gustavo, Gabriel, Fernando, Eduardo, Pricila, Caio, Leonardo, Notwen, Tiago, Leandro e Kalila, pelo sorriso.

RESUMO

Esse trabalho tem o objetivo de analisar os processos de construção de sentidos, nos fóruns de discussão, do Ambiente Virtual de Ensino e Aprendizagem, do Curso de Licenciatura em Letras, com habilitação em Libras, no polo da Universidade Federal da Bahia. A pesquisa, de cunho intervencionista, insere-se nos estudos da linguística aplicada, em uma abordagem crítica (SIGNORINI, 2006; ROJO, 2006; RAJAGOPALAN, 2006, 2008; PENNYCOOK, 2006; MOITA LOPES, 2006; CAVALCANTI, 1999, 2006, 2007), apresentando uma proposta de uso para os fóruns de discussão, em contextos de educação bilingue, em que a língua portuguesa, na modalidade escrita, e a LIBRAS são utilizadas como línguas plenas dentro do espaço dos referidos fóruns. Os fóruns de discussão são compreendidos, nessa perspectiva pela concepção de gêneros do discurso apresentada em Bakhtin (2003) e Marcuschi (2003, 2004, 2008). Para o desenvolvimento dessa pesquisa, foram realizadas duas intervenções no ambiente virtual do polo UFBA e uma entrevista com alunos surdos e alunos ouvintes. A primeira intervenção ocorreu no sentido de dinamizar o uso dos fóruns e proporcionar aos alunos e tutores do polo, diferentes perspectivas de uso para o fórum de discussão do ambiente. Nesse momento, foram criados três fóruns de intervenção: o primeiro fórum para apresentação, o segundo, para discussão temática e o terceiro, para arquivo de atividades. A segunda intervenção ocorreu, após um período de análise dos fóruns pós-intervenção. Foi constatado que a participação dos alunos surdos acontecia de forma diferenciada dos alunos ouvintes, ou seja, sua base de participação referia-se muito mais à postagem de atividades do que a discussões teóricas acerca dos conteúdos das disciplinas, como acontecia no contexto dos alunos ouvintes. A intervenção, então, se desenvolveu no sentido de apresentar aos participantes do Curso a possibilidade de fóruns em LIBRAS, com vistas a oportunizar o uso da língua de sinais como forma de interação e expressão naquele espaço, visto que o polo da UFBA constitui-se de alunos surdos e ouvintes. Nesse sentido, os fóruns desenvolveram-se de forma bilingue. A língua de sinais e a língua portuguesa são compreendidas como práticas enunciativas que propiciam processos de interação e de construção de significados pelos participantes que, ao fazerem uso de dois sistemas lingüísticos distintos, objetivam a representação de conceitos. Observou-se que a ativação da LIBRAS e/ou da Língua Portuguesa é condicionada à necessidade do falante/sinalizante, como também, ao conteúdo abordado no desenvolvimento dos fóruns.

Palavras-chave: Ambiente Virtual de Ensino e Aprendizagem. Fórum de Discussão. Ambiente Bilíngue. Interação. Língua Brasileira de Sinais. Língua Portuguesa.

ABSTRACT

This dissertation aims at analyzing the processes of meaning construction in discussion forums within Virtual Teaching and Learning Environment in the Letras Libras Licensing Course at the UFBA Unit. The research has been developed by means of an interventionist approach, focusing on Critical Applied Linguistics (SIGNORINI, 2006; ROJO, 2006; RAJAGOPALAN, 2006, 2008; PENNYCOOK, 2006; MOITA LOPES, 2006; CAVALCANTI, 1999, 2006, 2007). It presents a proposal for using discussion forums in a bilingual education context, in which written Portuguese and Brazilian Sign language are used in discussion forum spaces as means of communication. Discussion forums are comprehended, in this perspective, as genres of discourse as presented in Bakhtin (2003) and Marcuschi (2003, 2004, 2008). The developing of the investigation was carried through two interventions in the virtual environment and an interview with the Course's hearing and deaf students. The first intervention was initiated to show students and tutors different perspectives of using online discussion forums. Three intervention forums were created: the first one for enhancing introductions, the second for discussing a thematic content of the Linguistic Studies discipline, and the third for depositing activity files. The second intervention consisted of a period of analyses of pos-intervention forums, which showed that deaf and hearing students differed in their way of participating in the forums. Forums were being used by deaf students as a means of posting activities and not for theoretical discussions as used by hearing students. The intervention, thus, had been developed in the sense of presenting the participants the possibility of forums in LIBRAS, as a mean of interaction and expression in that space, since UFBA Unit is constituted by hearing and deaf students. Therefore, the forums evolved in a bilingual way. Sign Language and Written Portuguese are understood as enunciative practices which propitiate interaction processes and meaning construction by participants, who, in the action of using two distinct linguistic systems, aim at concept representation. It was observed that the activation of sign language and/or written Portuguese is conditioned by users needs as well as by the content approached in the forums.

Key-words: Virtual Teaching and Learning Environment. Discussion Forum. Bilingual Environment. Interaction. Brazilian Sign Language. Portuguese Language .

LISTA DE FIGURAS

Figura 1: Imagem do fórum de discussão	43
Figura 2: Fórum de discussão	53
Figura 3: Postagem de atividades no fórum	64
Figura 4: Abertura de vários fóruns para postagem de atividades	66
Figura 5: Apresentação de uma disciplina no AVEA	67
Figura 6 - Fórum de discussão primeiros contatos	72
Figura 7: Postagem de atividades no Fórum Portfólio	77

LISTA DE QUADROS

Quadro 01: Primeiros Contatos	73
Quadro 02: Aspectos Linguísticos	74
Quadro 03: Participação dos alunos surdos nos Fóruns de D1	80
Quadro 04: Participação dos alunos surdos e não-surdos nos Fóruns de D1	80
Quadro 05: Participação dos alunos surdos nos Fóruns de D2	81
Quadro 06: Participação dos alunos surdos e não-surdos nos Fóruns de D2	82
Quadro 07: Participação dos alunos surdos nos Fóruns de D3	85
Quadro 08: Participação dos alunos surdos e não-surdos nos Fóruns de D3	86
Quadro 09: Participação dos alunos surdos nos Fóruns de D4	87
Quadro 10: Participação dos alunos surdos e não-surdos nos Fóruns de D4	87

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

AVEA – Ambiente Virtual de Ensino e Aprendizagem

CMC - Comunicação Mediada por Computador

LA – Linguística Aplicada

LAC – Linguística Aplicada Crítica

LIBRAS – Língua Brasileira de Sinais

MEC - Ministério da Educação

MOODLE - Modular Object Oriented Dynamic Learning Environment

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	14
2 A ENTRADA EM UM CAMPO DE DESCOBERTAS	20
2.1 OS PRIMEIROS CONTATOS	20
2.1.1 Bem vinda ao mundo do silêncio	23
2.2 DIMINUINDO BARREIRAS	24
2.3 QUESTÕES QUE NORTEARAM O TRABALHO DE PESQUISA	26
2.3.1 Uma proposta intervencionista na perspectiva da linguística aplicada crítica	29
3 AMBIENTES VIRTUAIS NO CONTEXTO DA EDUCAÇÃO A DISTÂNCIA	31
3.1 AMBIENTES VIRTUAIS COMO ESPAÇO DE INTERAÇÃO E APRENDIZAGEM	35
3.1.1 O Texto como unidade de sentido no espaço dos ambientes virtuais de aprendizagem	38
3.2 LEITURA E ESCRITA NO FÓRUM DE DISCUSSÃO DE AMBIENTES VIRTUAIS DE APRENDIZAGEM	40
3.2.1 O fórum de discussão: princípios e caracterização	40
3.2.2 A linguagem virtual e o processo de leitura e escrita	49
4 O PERCURSO METODOLÓGICO: DA GERAÇÃO À ANÁLISE DE REGISTROS	55
4.1 O PERCURSO METODOLÓGICO	55
4.1.1 Abrangência espacial e social	56
4.1.1.1 O curso Letras LIBRAS e o polo UFBA	57
4.1.2 Os sujeitos da pesquisa	60
4.1.3 Entrada em campo	60
4.1.4 Instrumentos da pesquisa	61
4.1.5 Análise dos registros	62
4.2 O PROCESSO INICIAL DE INTERVENÇÃO	64
4.2.1 Observando o ambiente	64
4.2.2 A organização dos fóruns de discussão no curso Letras Libras	67
4.2.3 A proposta de intervenção	69
4.2.4 A intervenção	70
4.2.4.1 Primeiros contatos	71
4.2.4.2 Aspectos Linguísticos	73
4.2.4.3 Portfólio	76

4.3 CONSIDERAÇÕES PÓS-INTERVENÇÃO: A PARTICIPAÇÃO DO ALUNO SURDO NAS DISCUSSÕES DOS FÓRUNS DAS DISCIPLINAS	78
4.4 FÓRUNS DE DISCUSSÃO EM LIBRAS - O PROCESSO DE INTERVENÇÃO	88
4.4.1 O fórum de discussão em LIBRAS: uma possibilidade	88
4.4.2. O contexto da intervenção	90
4.5 CONSIDERAÇÕES PÓS-INTERVENÇÃO: O CONTEXTO BILINGUE	99
5 EDUCAÇÃO, SURDEZ E BILINGUISMO	109
5.1 A LÍNGUA DE SINAIS COMO PRINCIPAL MEIO DE COMUNICAÇÃO E ENSINO NA EDUCAÇÃO DOS SURDOS	109
5.2 O BILINGUISMO NO CONTEXTO DA SURDEZ	111
5.3 A PROPOSTA BILINGUE NOS FÓRUNS DE DISCUSSÃO SOB DIFERENTES OLHARES	114
5.3.1 O olhar do aluno surdo	115
5.3.1.1 Participação nos fóruns de discussão do ambiente	115
5.3.1.2 Ler em LIBRAS, mas escrever em português: o que isso significa?	119
5.3.1.3 A proposta dos fóruns em LIBRAS sob o olhar do aluno surdo	123
5.3.2 O olhar do aluno ouvinte	125
5.3.2.1 Participação nos fóruns	125
5.3.2.2 A língua de estudo: LIBRAS ou português?	127
5.3.2.3 A LIBRAS no fórum de discussão: a visão do ouvinte	130
6 CONSIDERAÇÕES FINAIS	134
REFERÊNCIAS	142
APÊNDICE	149

1 INTRODUÇÃO

Mudanças significativas têm redimensionado as formas de pensar e agir na sociedade vigente. Como consequência, as práticas educativas se conectam com esse novo pensar em busca de formas de aprender e ensinar, que ampliem a formação/atuação do indivíduo no meio em que vive. Como sujeitos constituintes de nossa história, temos acompanhado e participado desse processo de transformação vivenciado em todos os setores da sociedade e levados a uma compreensão de que a noção de educação tem sido ampliada, extrapolando os limites da sala de aula, na medida em que professores e alunos se apropriam de diferentes tecnologias modificando, dessa forma, os modos de aprender e ensinar.

Nesse contexto de mudanças e interconexões, que vivenciamos como educadores, somos intencionalmente levados a buscar formas de comunicação entre as práticas sociais e a educação. Faz-se necessário atentarmos para as potencialidades do ciberespaço como um espaço de aprendizagem, como forma de ampliação do fazer pedagógico, sem a necessidade de compartilhamento de espaços geográficos. Nessa perspectiva, surge o conceito de educação a distância como uma modalidade de educação que se diferencia dos moldes presenciais de aprender e ensinar. No contexto da educação a distância, evidencio o desenvolvimento de ambientes virtuais de aprendizagem como espaços que podem potencializar processos colaborativos de aprendizagem. Um aspecto marcante dos processos de interação vivenciado, em ambientes dessa natureza, é a presença da escrita como forma de expressão. Fato que nos remete a uma preocupação em relação aos efeitos dessas tecnologias na linguagem.

Os ambientes virtuais de aprendizagem vêm sendo amplamente utilizados por instituições de ensino superior, em cursos de graduação e pós-graduação, não só como apoio à educação a distância, como também a educação presencial. Nesse último caso, esses espaços são utilizados como um suporte às atividades desenvolvidas na sala de aula convencional como forma de ampliação, da noção de sala de aula para além do espaço físico entre quatro paredes. No que diz respeito a contextos de educação a distância, evidencio, nesse trabalho, o Curso de

Licenciatura em Letras LIBRAS, desenvolvido na Universidade Federal de Santa Catarina, oferecido, prioritariamente, para surdos.

O curso é uma parceria entre o Ministério da Educação, a Secretaria de Educação a Distância da UFSC e dezoito polos brasileiros: Universidade Federal de Santa Catarina, Universidade Federal do Amazonas, Universidade Federal do Ceará, Universidade Federal da Bahia, Universidade de Brasília, Centro Federal de Educação Tecnológica do Estado de Goiás, Universidade de São Paulo, Instituto Nacional de Educação de Surdos no Rio de Janeiro, Universidade Federal de Santa Maria, Universidade Estadual do Pará, Instituto Federal de Educação Tecnológica do Rio Grande do Norte, Universidade Federal do Pernambuco, Universidade Federal de Grande Dourados, Instituto Federal de Educação Tecnológica de Minas Gerais, Universidade Federal do Espírito Santo, Universidade Estadual de Campinas, Universidade Federal do Rio Grande do Sul e Universidade Federal do Paraná.

O referido curso tem como objetivo a formação de docentes para atuar no ensino da língua de sinais, a fim de fazer cumprir a Lei de LIBRAS 10.436 de 2002, regulamentada por meio do decreto 5626 de 2004.

O trabalho de investigação apresentado, nesse texto, foi constituído no polo da Universidade Federal da Bahia e teve como foco o contexto de possibilidades de uso do ambiente virtual de ensino e aprendizagem (AVEA) no que diz respeito aos fóruns de discussão.

A inquietação surgiu com base nas reflexões em relação ao uso de ambientes virtuais com o objetivo de proporcionar a alunos, de curso de graduação, um espaço de trocas e construção de conceitos diferentes da sala de aula presencial e convencional. Como professora/participante de ambientes dessa natureza, propus-me a possibilidade de investigar o contexto dos fóruns de discussão em processos de construção de sentidos.

É importante salientar que o uso de ambientes virtuais de aprendizagem no meio educacional ainda é algo novo e, portanto, um processo em construção que necessita de um pensar crítico e reflexivo no uso de suas interfaces. Segundo Levy (2001), o suporte digital permite novos tipos de leitura e de escrita coletivas. Nessa prática de ler e refletir sobre a escrita do outro para produzir o seu próprio texto é que se manifesta a construção coletiva. Nessa pesquisa, o conceito de uso da língua, que, tradicionalmente, tem se apresentado na modalidade escrita, se amplia na medida em que as interações entre alunos, tutores e professores, nos fóruns de

discussão, também podem acontecer em uma língua na modalidade visuo-espacial, a Língua Brasileira de Sinais (LIBRAS), e não apenas na língua portuguesa, na modalidade escrita. Sendo assim, apresentamos a possibilidade de que os enunciados produzidos em língua de sinais sejam “lidos” e respondidos pelos interlocutores que trocam ideias na busca de sentidos de forma individual e coletiva.

Construção coletiva requer participação efetiva de todos que, em uma dada situação, interagem. Essa forma de interação participativa é propiciada pela característica do gênero em questão. Marcuschi (2004) nos lembra que a interação online tem o potencial de acelerar a evolução dos gêneros, tendo em vista a natureza do meio tecnológico em que ela se insere e os modos como se desenvolve.

Dentre os gêneros existentes no espaço dos ambientes virtuais de aprendizagem, destaco o fórum de discussão, tendo em vista o modo como se desenvolve. Abreu (2003) define gênero como tipos relativamente estáveis de enunciados que construídos sócio-historicamente, se relacionam diretamente a diferentes situações sociais.

O fórum de discussão, em ambientes virtuais de aprendizagem, caracteriza-se como um espaço propício a interações constantes entre aluno-aluno, aluno-professor, aluno-tutor, aluno-máquina (como suporte tecnológico) e tutor/professor-máquina em que a produção da leitura e da escrita acontece de forma colaborativa. Segundo Paiva e Rodrigues Junior (2004), os fóruns online caracterizam-se principalmente pela relação dialógica que acompanham os variados discursos produzidos por seus participantes virtuais. O fórum de discussão é considerado um gênero emergente que tem como aspecto central a nova relação que instaura com os usos da linguagem como tal (MARCUSCHI, 2003). Nesse sentido, busco uma compreensão acerca de tais relações.

Desejo, com essa pesquisa, analisar de que forma os processos de construção de sentidos são construídos pelos sujeitos, aprendizes, participantes de ambientes virtuais de aprendizagem, que formam uma comunidade com interesses e valores definidos por processos de aprendizagem e que têm o texto escrito/sinalizado como um princípio interacional na constituição de seus saberes. Na concepção de interação da língua, na qual os sujeitos são considerados como atores/construtores sociais, o texto passa a ser considerado o próprio lugar da interação e os interlocutores nele se constroem e por ele são construídos (KOCH, 2006).

O meio eletrônico nos oferece um canal que facilita nossa habilidade de comunicação por caminhos que são fundamentalmente diferentes dos encontrados em outras situações semióticas (CRYSTAL, 2002). Nesse sentido, é de relevância uma investigação acerca das propriedades linguísticas, nesse meio, em busca de uma compreensão dos modos de interação e uso da língua.

Essa investigação vincula-se ao Programa de Pós-Graduação em Letras e Linguística da Universidade Federal da Bahia, tendo como área de estudo, a Linguística Aplicada, por entender que o desenvolvimento da pesquisa, se refere a processos de interação pela linguagem, em contextos educacionais, envolvendo a educação de surdos. Trata-se de um estudo de cunho qualitativo, tendo como campo de pesquisa, o espaço dos fóruns de discussão utilizados pelos alunos do Curso de Licenciatura em Letras com habilitação em LIBRAS – Polo UFBA.

Nesse curso, 70% das atividades são realizadas a distância, por meio do AVEA, que utiliza a plataforma MOODLE (*Modular Object Oriented Dynamic Learning Environment*), customizado pela Equipe de Hipermídia do CCE/UFSC e ajustado especialmente para o curso, que tem a especificidade de utilizar tanto a língua portuguesa em sua modalidade escrita como a LIBRAS, o que implica em grande quantidade de disponibilização de imagens. Os materiais didáticos são apresentados e desenvolvidos em três meios: material didático impresso, material didático online e material didático em DVD vídeo. Em relação ao material didático online (AVEA), os conteúdos disponibilizados no ambiente são organizados por tópicos e estão sempre na LIBRAS e em português. Cada tópico contém: hipertexto, hipermídia, animações e simulações. Existe, ainda, o espaço da MEDIATECA que funciona como uma biblioteca virtual, onde estão colocados textos e artigos de diferentes autores, documentos e apresentações, que permitem o aprofundamento dos conteúdos das disciplinas e atividades - Fóruns de discussão, bate-papo, tarefas, diários, exercícios, resenhas etc.

Quanto ao referencial teórico, para o desenvolvimento da pesquisa, foram feitos estudos na perspectiva de produção textual, estudos sobre a abrangência do meio digital no meio social vigente e suas consequências nos modos de comunicação, evidenciando o contexto da educação a distância, e estudos focados na educação dos surdos, tendo como foco a sua produção linguística em bases culturais e identitárias. Esse estudo foi fundamental para os modos de compreensão nos fóruns de discussão, visto que o referido curso foi proposto, com prioridade,

para o aluno surdo, e o ambiente virtual é organizado de forma bilíngue, ou seja, Língua Portuguesa na modalidade escrita e Língua Brasileira de Sinais.

A problemática que norteia o processo de investigação se deve ao fato de termos hoje, plataformas virtuais de aprendizagem sendo utilizadas por várias instituições de ensino superior como suporte ao ensino a distância e ao ensino presencial. Faz-se necessário compreender de que forma os conceitos são construídos nesses espaços em que a interação é essencial no processo de aprendizagem. Os processos de construção de sentidos evidenciam o fato de que o texto é um lugar de interação de sujeitos sociais, os quais dialogicamente nele se constituem e são constituídos. Nesse sentido, as ações linguísticas e sociocognitivas constroem propostas de sentido (KOCK; ELIAS, 2006). O leitor/autor, nessas condições pode ser levado a buscar estratégias com o propósito de levantar hipóteses e participar de forma ativa da construção dos sentidos. Nesses termos, o enunciado, como unidade da comunicação discursiva representa um elo na corrente complexamente organizada de outros enunciados.

Todo enunciado [...] tem, por assim dizer, um princípio absoluto e um fim absoluto: antes de seu início, o enunciado de outros; depois do seu término os enunciados responsivos de outros (ou ao menos uma compreensão ativamente responsiva silenciosa do outro ou, por último, uma ação responsiva baseada nessa compreensão) o falante termina o seu enunciado para passar a palavra ao outro ou dar lugar à sua compreensão ativamente responsiva. (BAKHTIN, 2003, p. 274)

O fórum de discussão caracteriza-se como um espaço propício a interações constantes e pela relação dialógica que acompanha os variados discursos produzidos por quem participa.

Partindo do princípio de que a linguagem é uma das faculdades cognitivas mais flexíveis e plásticas adaptáveis às mudanças comportamentais e a responsável pela disseminação das constantes transformações sociais, políticas, culturais geradas pela criatividade do ser humano (MARCUSCHI, 2004), parto do pressuposto de que as formas de linguagem utilizadas em ambientes virtuais de aprendizagem, por meio de diferentes gêneros textuais, traduzem um novo significado na construção de sentidos, fazendo com que a Internet se torne um protótipo de novas formas de comportamento comunicativo em que os sujeitos utilizam estratégias de construção textual próprias para o meio eletrônico. É importante salientar que, apesar da presença constante de diálogos no espaço dos

fóruns de discussão, nem sempre podemos considerar que a relação estabelecida entre os participantes é dialógica, na visão bakhtiniana do termo. Como nos lembra o autor, as relações dialógicas não coincidem, com as réplicas do diálogo real; são bem mais amplas, diversificadas e complexas (BAKHTIN, 2003).

A apresentação, dessa pesquisa, encontra-se organizada da seguinte forma:

No primeiro capítulo, apresento a temática desenvolvida no projeto, a justificativa para a escolha do tema, bem como os estudos necessários para o desenvolvimento do trabalho.

O capítulo dois trata da minha inserção no campo de pesquisa da surdez e os desdobramentos da investigação, justificando sua caracterização no contexto da linguística aplicada em uma perspectiva intervencionista. O capítulo também trata dos objetivos que nortearam o estudo.

O terceiro capítulo apresenta o conceito de educação a distância, bem como os modos de funcionamento das interfaces necessárias para a eficácia de um curso de graduação. Nesse capítulo, há um tratamento à caracterização dos fóruns de discussão de ambientes virtuais de aprendizagem como gênero digital e como espaço de interação, troca de significados e produção de conhecimento, com registros dos fóruns.

No quarto capítulo, apresento os aspectos metodológicos que compõem a investigação, a descrição dos procedimentos de intervenção desenvolvidos no decorrer do trabalho, e as considerações a respeito dos usos dos fóruns em processos de pós-intervenção.

O quinto capítulo é dedicado a um estudo sobre a língua de sinais no contexto da educação dos surdos, bem como aspectos relacionados ao bilinguismo no contexto da surdez e no contexto dos fóruns de discussão. Nesse capítulo, apresento as considerações a respeito do olhar dos alunos surdos e ouvintes a respeito do desenvolvimento dos fóruns.

O sexto e último capítulo trata das considerações finais do trabalho de investigação, em que apresento os aspectos principais do trabalho, suas implicações e possíveis contribuições no campo dos estudos que envolvem o contexto de educação a distância, bem como da surdez.

2 A ENTRADA EM UM CAMPO DE DESCOBERTAS

2.1 OS PRIMEIROS CONTATOS

Os escritos apresentados, neste capítulo, refletem as inquietações e os novos desafios que passaram a fazer parte de minha vida, a partir do ano de 2007, quando me deparei com a possibilidade de escolher um campo de pesquisa totalmente alheio à minha prática.

Ao ingressar nos estudos para doutoramento, havia elaborado um projeto de pesquisa que desse conta de estudar os processos de construção de sentidos, em contextos de um curso de graduação a distância, que tivesse como prática, o uso de ambientes virtuais de aprendizagem como uma das propostas pedagógicas. É fato que, em muitos cursos de educação a distância desenvolvidos pelo Brasil, os ambientes virtuais de aprendizagem são usados apenas para que o aluno tenha acesso às atividades (provas e trabalhos) que devem ser realizados durante o curso. Nesse sentido, o aluno só usa o ambiente como um depósito para retirada e envio de atividades. Esse não era o meu foco. Tinha em mente um curso em que o ambiente fosse efetivamente usado pelos alunos de forma colaborativa. A esse respeito, Teles (2009) nos chama a atenção para o fato de que na literatura sobre aprendizagem virtual a terminologia e os conceitos de aprendizagem colaborativa, estão presentes, mas a sala de aula online não é colaborativa por natureza. O autor nos esclarece que os ambientes colaborativos online, que tiveram sucesso, são gerenciados pelo professor, mas que os estudantes, têm uma participação bastante ativa.

Havia, portanto, uma preocupação em escolher um curso que preenchesse alguns critérios de uso do ambiente virtual de aprendizagem.

Para que os ambientes de EAD se tornem ambientes de aprendizagem colaborativa é preciso propiciar um processo cognitivo socialmente compartilhado entre seus membros. Para construir ambientes adequados, devemos nos preocupar com a busca de teorias das ciências sociais, da psicopedagogia e do trabalho colaborativo, com foco no grupo e não apenas no indivíduo (ANDRADE; VICARI, 2006, p. 263).

Na visão de Silva (2006), a sala de aula online está inserida na perspectiva da interatividade entendida como colaboração todos-todos, ou seja, a construção de significados acontece em uma perspectiva em que todos os participantes têm o direito de expressão.

Fui, então, convidada, por minha orientadora, também coordenadora do curso Letras LIBRAS, no polo da Bahia, a conhecer o contexto do Letras LIBRAS e assim o fiz.

Adentrei o espaço físico do curso, sala 104, do Pavilhão de aulas I, da Universidade Federal da Bahia, em um dia em que os alunos estavam em um momento de encontro presencial. Eles estavam reunidos, discutindo alguma coisa, de alguma maneira, que eu não compreendia, pois falavam com as mãos. Ao perceber a minha presença, um dos alunos gesticulou algo para alguém que, começando a articular palavras, convidou-me para entrar e começou a traduzir as falas que estavam sendo produzidas em uma língua, até então totalmente alheia à minha curiosidade.

Naquele momento, percebi-me diante de uma realidade bastante desafiadora, pois tinha sido convidada a conhecer o espaço do curso como proposta de trabalho para o meu projeto de pesquisa. A situação impactou-me e várias perguntas começaram a fazer parte do meu imaginário: como pesquisar em um curso em que não domino a língua dos participantes? Como interagir com essas pessoas? No entanto, algo bem marcante me provocou naquele dia. Os surdos, presentes, percebendo que eu não entendia o que discutiam, pediram ao intérprete para me situar naquele espaço. Parece ter havido algum desconforto, por parte deles, a respeito da minha incompreensão. Perguntei-me: Teria eu, feito o mesmo? Algumas questões ficaram por muito tempo sendo refletidas por mim. Queria fazer parte daquela realidade, mas, como? Seria dependente de um intérprete? Não vislumbrava a possibilidade de fazer uma pesquisa em um espaço em que não havia possibilidade de interação com os sujeitos investigados e por isso os questionamentos me seguiam: Qual o conceito de interação que eu concebo como pesquisadora? Não havia a possibilidade de desenvolver uma pesquisa colocando-me a distância, sem interagir, sem imersão. Como poderia analisar as mensagens dos fóruns? Como seria o uso da língua portuguesa? Dependeria todo o tempo de um intérprete, já que aquela língua era totalmente desconhecida?

Tudo era tão novo, ao ponto de achar, que na cidade onde eu moro, não havia pessoas surdas. Nunca os tinha visto, ou melhor, notado, até aquele momento. A decisão em escolher aquele curso não seria algo fácil, mas certamente possível. É verdade, que muito desafiador, mas como fazer um doutorado sem desafios? O trato com ambientes virtuais não me traria nada, ou quase nada, de novo, no sentido de potencialidades de uso, pois era uma realidade já vivenciada. Certamente teria que fazer novas leituras, conhecer interfaces diferenciadas, mas qual seria o desafio? Teria o exercício da pesquisa, do rigor metodológico, o processo de constituição e análise de dados, mas teria eu, algo de novo a enfrentar, caso não escolhesse aquele curso?

Fui apresentada às tutoras e me interessei em saber como o ambiente funcionava. Fui informada de que se tratava da plataforma MOODLE, ambiente virtual bastante conhecido e explorado por mim em experiências anteriores, em contextos do mestrado e em atividades docentes na universidade em que trabalho. Usando seu *login* e senha, uma das tutoras mostrou-me como funcionava o curso. Tive a oportunidade de, logo nas primeiras visitas ao polo, conhecer a coordenadora geral do curso – da UFSC - e conversar um pouco sobre a visão que tinha em relação ao trabalho com os fóruns. Naquela oportunidade, apresentei a minha proposta de pesquisa para ambientes virtuais de aprendizagem e solicitei acesso ao curso, mesmo ainda não tendo definido realmente em qual espaço desenvolveria a minha pesquisa, mas com interesses de pesquisadora. A solicitação para acesso ocorreu, então, no sentido de conhecer a dinâmica do curso, principalmente no que dizia respeito aos fóruns de discussão. Lembro-me que conversando com uma colega, sua fala foi a seguinte: “Você é louca! Vai entrar em um campo totalmente desconhecido”. Mas eu pensava, refletia, e cada vez que adentrava o ambiente e o observava, a forma como os fóruns estavam sendo desenvolvidos, as formas diferenciadas de expressão dos fóruns, as interfaces apresentadas de formas, nunca antes, por mim, percebidas, as aulas em língua de sinais... Tudo me chamava a atenção.

Depois de muito refletir, decidi: Esse é o curso em que quero desenvolver a minha pesquisa. Mas, e a língua? Vou aprender.

2.1.1 Bem vinda ao mundo do silêncio

Nos meses que se seguiram fiz uma observação detalhada de como o ambiente funcionava. Logo me dei conta de que os fóruns eram usados de forma superficial pelos alunos, não havendo, portanto, propostas de discussão. Pensei, então, em fazer um trabalho de intervenção que pudesse tratar dos aspectos discursivos do fórum. Nas primeiras interações com a turma, no ambiente virtual de ensino-aprendizagem do curso, e já em contexto de intervenção, deparei-me com uma mensagem de uma aluna: “bem vinda ao mundo do silêncio”. A frase me impactou e por muito tempo fez parte das minhas reflexões. Silêncio? O silêncio, expressado pela aluna, demonstrava, talvez, uma forma de dizer que o surdo não articulava palavras como nós, ouvintes, porque a aluna que assim se pronunciou, era ouvinte, como eu? Mas, ao observar os fóruns, os surdos apresentavam-se silenciosos. As interlocuções envolvendo alunos surdos eram bastante limitadas. Seria realmente uma realidade silenciosa?

Em pesquisa ao dicionário, encontrei as seguintes definições: *estado de quem se cala ou se abstém de falar; privação, voluntária ou não, de falar, de publicar, de escrever, de pronunciar qualquer palavra ou som, de manifestar os próprios pensamentos etc.; Derivação: por extensão de sentido, taciturnidade, discricção; interrupção de correspondência; ausência ou cessação de barulho, ruído ou inquietação; calada; qualidade do que é calmo, tranquilo; sossego, paz; sigilo, mistério, segredo.* Em minhas observações, percebia um silêncio dos alunos surdos, nos fóruns. Mas, quando visitava o polo, não visualizava esse silêncio. Os surdos tinham opiniões, questionavam, respondiam a questionamentos, enfim, eram participativos. Por que, então, aquele silêncio fazendo tanto barulho nos fóruns? Por que o ‘estado de quem se cala ou se abstém de falar’? O que significaria o silêncio, em um espaço, em que várias pessoas se constituem como comunidade e discutem conteúdos pertinentes ao curso em que fazem parte? O espaço demarcaria atitudes diferentes em relação aos mesmos conteúdos discutidos?

Uma das hipóteses que levantei, naquele momento, diz respeito à dificuldade que os alunos surdos manifestavam em relação à escrita da língua portuguesa, língua em pleno uso nos fóruns de discussão. Nesse sentido, o meu entendimento, era de que o fórum de discussão pudesse proporcionar um espaço importante para

que os surdos ‘corrigissem’ sua maneira de se expressar em português. Apesar desse, não ser o objetivo principal da minha pesquisa, pois o meu foco era tratar os processos de construção de sentidos no ambiente dos fóruns, naquele momento, eu acreditava na possibilidade de correção, ou, pelo menos de diminuir as barreiras comunicativas dos alunos surdos no uso dos fóruns.

2.2 DIMINUINDO BARREIRAS

Como apontado no final do parágrafo anterior, e, pautada na compreensão de que os gêneros digitais centralizam as formas escritas das línguas no ambiente virtual, ao conhecer as formas de uso da língua portuguesa, na modalidade escrita, utilizadas pelo surdo, minha primeira impressão é que o fórum seria uma ferramenta que os ajudaria a “corrigir” essa forma de expressão. As questões relacionadas à cultura e identidade ainda me pareciam distantes. Tendo planejado, então, aprender a língua de sinais, solicitei a uma tutora que mediasse uma conversa minha com um dos alunos surdos que tinha experiência com ensino, para um curso particular de LIBRAS. Na época, iniciei o curso, com outra colega, estudante do mestrado, que também tinha interesse em aprender a língua de sinais brasileira. Tínhamos como professor, uma pessoa surda.

No passado, havia ensinado inglês por muito tempo, aproximadamente onze anos, e tinha desenhado, ao longo daquele tempo, um modelo de interação para a aprendizagem de línguas. Tinha certeza que a interação com a pessoa surda me traria muitos benefícios como aprendiz, mas não tinha a ideia de como perceberia questões culturais e identitárias na interação com aquele professor, que sendo surdo, usuário da língua de sinais, carregava em si, um modo surdo de viver, que expressava todo o seu ser, assim como eu, com meu modo ouvinte de ser, expresse o meu jeito ouvinte de viver.

No decorrer do curso, com a possibilidade de interação com outros surdos (já que agora, entendia um pouco dos sinais) inclusive, em minha cidade, comecei a perceber a representação daquela língua no contexto das pessoas surdas e busquei leituras que pudessem me ajudar a sistematizar a questão. Encontrei vários autores que me nortearam para um novo campo de descobertas em relação à surdez.

Dentre eles destaco as leituras em Quadros (2005; 2008); Quadros e Karnopp (2007); Karnopp (2009); Karnoop e Pereira (2006); Strobel (2008); Skliar (2005); Sá (2006); Gesser (2006; 2009); Favorito (2006) Lodi, Harrison, Campos e Teske (2002); Lodi, Harrison e Campos, (2006); Fernandes (2003); Grosjean (1982; 1996; 2001; 2010).

Após esses, e outros estudos, não pensava mais em ‘corrigir’ o português (que agora eu já compreendia como um português escrito com a influência da LIBRAS, o chamado, português surdo) no fórum de discussão, ao contrário, o meu interesse, como pesquisadora, se movimentava no sentido de legitimar aquela forma de expressão e possibilitar processos de interação no espaço dos fóruns. Processos esses, que incluíam a participação dos alunos surdos.

O caminho tornava-se, a cada dia, mais claro: o entendimento de que a língua de sinais representa uma marca de identidades múltiplas, construídas por meio de experiências visuais, com uma forma de comunicação capaz de captar as experiências visuais dos sujeitos surdos, possibilitando a transmissão e aquisição de conhecimentos universais. Percebia que havia a possibilidade de várias línguas co-habitarem o espaço dos fóruns. Não mais o reinado da norma padrão da língua portuguesa¹. Nesse sentido, compreendo que o percurso da investigação me conduziu a uma trajetória nunca antes pensada e navegada e que tem me levado a refletir sobre novas possibilidades acadêmicas, no prosseguimento da minha vida, após esse período do doutorado. Nessa perspectiva e pensando no caminho percorrido, recorro ao pensamento de Cavalcanti (2006, p. 242) quando pontua que “a interpretação da investigadora e a visão dos outros participantes são provisórias: elas podem mudar; podem ser contraditórias”.

O aprendizado da LIBRAS, me trouxe a possibilidade de comunicação direta com os alunos surdos, mesmo que de forma ainda limitada, pois o processo de internalização de uma língua demanda tempo e vivência. O conhecimento adquirido proporcionou-me a possibilidade de entrevistá-los em sua própria língua, no desenvolvimento da pesquisa.

¹ Norma é aqui utilizada no sentido de Coseriu (1979)

2.3 QUESTÕES QUE NORTEARAM O TRABALHO DE PESQUISA

O estudo, aqui apresentado, tem como base alguns questionamentos que foram sendo melhor delineados no decorrer do processo investigativo. A questão geral do trabalho tem conexão com o entendimento de que os fóruns de construção representam espaços de constituição de saberes. Nesse sentido, o conceito de aprendizagem colaborativa definido por Discoll e Vergara (1997, apud APARICI; ACEDO, 2010) é bastante pertinente. Os autores apresentam alguns requisitos que caracterizam um processo de aprendizagem colaborativa. Segundo eles, para existir uma verdadeira aprendizagem colaborativa, não somente se requer que trabalhem juntos, mas que cooperem para alcançar uma meta que não se pode alcançar individualmente.

Para a caracterização de um ambiente colaborativo, alguns elementos são evidenciados:

- a) responsabilidade individual: todos os membros são responsáveis por seu desempenho individual dentro do grupo;
- b) interdependência positiva: os membros dos grupos devem depender uns dos outros para alcançar a meta comum;
- c) habilidades em colaboração: as habilidades necessárias para que o grupo funcione de forma efetiva, como realizar o trabalho em equipe, a liderança e a solução de conflitos;
- d) interação promotora: os membros do grupo interatuam para desenvolver relações interpessoais e estabelecer estratégias efetivas de aprendizagem;
- e) processo de grupo: o grupo reúne-se para discussão de forma periódica e avalia seu funcionamento, efetuando as mudanças necessárias para incrementar sua efetividade.

O entendimento de que existe uma mediação no processo de ensino-aprendizagem é representado pela ação de intervir, como defendi em outra ocasião:

Intervenção se caracteriza, na perspectiva educacional, como um ato que pode constantemente marcar os processos que ocorrem com alunos em sua maneira de construir conhecimento. Na visão de Freire (1987), “somente o diálogo, que implica um pensar crítico,” é capaz de gerar uma ação comunicativa entre educador e educando. A intervenção em si é que estabelece se um conhecimento está sendo construído ou “transferido”,

“repassado”. A dimensão do diálogo é explicitada por Freire como a essência da educação, pois, a partir deste, se estabelece uma interação entre educador e educando proporcionando-lhes a oportunidade de serem sujeitos do processo e, portanto, de crescerem juntos numa relação horizontal, não imposta (SOARES, 2010, p. 21).

Nessa perspectiva, o pensar colaborativo, torna-se essencial na compreensão de que os fóruns de discussão são espaços de troca e, portanto, de interação, entre os participantes. Os processos de intervenção pedagógica são necessários e representam condição indispensável, no desenvolvimento dos fóruns. É importante salientar que, no contexto da pesquisa, não há hierarquização em termos das intervenções. Isso quer dizer que as intervenções feitas pelos alunos representam a mesma significação daquelas elaboradas pela tutoria, monitoria ou corpo docente do curso, no que diz respeito às discussões teóricas dos fóruns.

Nesse sentido, a questão geral que move o processo investigativo é apresentada a seguir:

Sendo o fórum de discussão de um ambiente virtual de aprendizagem propício a interações constantes, em que os interlocutores trocam de lugar, a todo o momento, em busca de construção coletiva de significados, de que forma os processos de construção de sentidos se conectam a essa forma interativa de “ler” e “responder”?

O objetivo desta pesquisa é discutir os processos de construção dos sentidos com base em textos, escritos e sinalizados, produzidos por sujeitos que se comunicam por meio de um novo tipo de comunicação conhecida como Comunicação Mediada por Computador (CMC) e desenvolvem atividades orientadas (por um professor) a fim de construir processos de aprendizagem, em ambientes virtuais de aprendizagem. Saliento o fato de que é incontestável que a Internet e todos os gêneros a ela ligados são eventos textuais fundamentalmente baseados na escrita. Na Internet, a escrita continua essencial apesar da integração de imagens e de som (MARCUSCHI, 2004).

Em meio ao percurso, fez-se necessário definir alguns objetivos específicos que contribuíram para uma maior compreensão do estudo proposto:

1. Reconhecer as atividades e estratégias de processamento textual utilizadas por sujeitos que interagem por meio de ‘discurso eletrônico’ nos fóruns de discussão das

disciplinas do curso letras LIBRAS – Polo UFBA, para uma compreensão de sua definição.

2. Analisar de que forma os alunos surdos e ouvintes interagem nos fóruns de discussão das disciplinas do curso Letras-LIBRAS, polo UFBA.
3. Analisar a relação dialógica com base nos enunciados produzidos pelos interlocutores no espaço dos fóruns de discussão.
4. Analisar as questões referentes à identidade linguística, tomando-se por base as interlocuções construídas no espaço dos fóruns, sob a perspectiva do aluno surdo e do aluno ouvinte.

No processo de análise de dados, entender o outro é fundamental na interpretação e compreensão do contexto estudado. Demo (2001, p.33) salienta que é um desafio o processo de entender o outro com base na cultura dele e não na do investigador:

[...] o limite (entender o outro) pode ser transformado em desafio: procurar da melhor maneira entender o outro, tentando colocar-me no lugar dele. Vale aí estudar sua cultura, sua história sua maneira de ver e de se expressar, seu espaço e seu tempo. Tudo isso ajuda a contextualizar melhor, até ao ponto que, no esforço de entendimento, possa predominar o ponto de vista dele sobre o meu. O resultado seria: ao entender o outro estou sendo mais fiel ao que o outro é do que à minha expectativa de interpretação.

Há uma compreensão de que, em relação à questão da cultura, o ambiente virtual do curso Letras LIBRAS se caracteriza como um ambiente multicultural, na medida em que interagem línguas e culturas distintas.

2.3.1 Uma proposta intervencionista na perspectiva da linguística aplicada crítica

A partir de um recorte histórico, há uma compreensão de que a disciplina Linguística Aplicada (LA), nas décadas de 50 e 60, tratava, apenas, de processos de ensino-aprendizagem de línguas. Naquele momento, a LA tinha como objetivo aplicar as teorias linguísticas ‘puras’ na resolução de problemas relacionados ao ensino de línguas. Nos anos 80, muda um pouco o cenário das pesquisas quando a versão interdisciplinar da linguística aplicada entra em campo e favorece a

confluência das várias contribuições das ciências-fonte para a solução de um problema de uso da linguagem, abrangendo assim o seu campo de atuação.

No momento histórico atual, a linguística aplicada encontra-se de forma independente, com um arcabouço teórico-metodológico próprio e com campos de atuação diversos. Há, portanto, uma integração de ideias de campos variados como compatíveis, na tentativa de construir uma nova teoria e uma nova compreensão do problema em estudo. Essa forma de conceber a linguística aplicada, a chamada Linguística Aplicada Crítica (LAC) é apresentada, por diversos estudiosos, da área (SIGNORINI, 2006; ROJO, 2006; RAJAGOPALAN, 2006, 2008; PENNYCOOK, 2006; MOITA LOPES, 2006; CAVALCANTI, 1999, 2006, 2007).

Nessa perspectiva, há uma preocupação em propor pesquisas que sejam responsivas à vida social. Nesse sentido, Rojo (2006, p. 258) pontua:

Já não se usa mais “aplicar” uma teoria a um dado contexto para testá-la. Também não se trata mais de explicar e descrever conceitos ou processos presentes em determinados contextos, sobretudo escolares, à luz de determinadas teorias emprestadas, como foi feito com os processos (processamentos) em leitura e produção de textos, ou com a interação em sala de aula enquanto (tipo de) conversação, ou com a interlíngua enquanto processo de projeção da LM sobre a língua estrangeira. A questão é: não se trata de qualquer problema – definido teoricamente –, mas de problemas com relevância social suficiente para exigirem respostas teóricas que tragam ganhos a práticas sociais e a seus participantes, no sentido de uma melhor qualidade de vida, num sentido ecológico.

Rajagopalan (2008), em consonância com esse pensamento, explica que quando ele se refere a uma linguística aplicada crítica, seu objetivo se move em direção a questões práticas. Em suas palavras, “não é a simples aplicação da teoria para fins práticos, mas pensar a própria teoria de forma diferente, nunca perdendo de vista o fato de que o nosso trabalho tem que ter alguma relevância. Relevância para as nossas vidas, para a sociedade de modo geral” (p, 12).

Nesse sentido, essa investigação, insere-se nesses estudos, por propor uma metodologia de trabalho a fim de considerar o movimento discursivo dos fóruns de discussão do curso Letras LIBRAS, polo UFBA.

Não se trata de simplesmente compreender e descrever as novas formas de comunicação e os novos discursos e gêneros emergentes em contextos virtuais, mas de fazê-lo para refletir sobre as novas possibilidades de melhoria da qualidade de vida das pessoas, a partir destes novos instrumentos [...] (ROJO, 2006, p. 268-259).

Há, nesse movimento, um entendimento de que, o indivíduo emerge pelos processos de interação social como alguém que é (re) constituído por meio das

várias práticas discursivas das quais participa e não, como produto final (CAVACANTI, 2006).

No contexto dessa pesquisa, não há preocupação com resolução de problemas, mas de problematizar as questões construídas para que possíveis alternativas possam ser pensadas e contextualizadas. É uma tentativa de pensar a prática investigativa em movimento.

Nas palavras de Pennycook (2006), a linguística aplicada, seria “uma forma de antidisciplina ou conhecimento transgressivo, como um modo de pensar e fazer sempre problematizador”. Na visão do autor, a LAC, implica um modelo híbrido de pesquisa e práxis e gera algo que é muito mais dinâmico.

Há, nessa perspectiva, uma dimensão política, no momento em que as propostas de intervenção influenciam na realidade, que é apresentada, nos fóruns de discussão, do curso em questão. Durante os processos de intervenção, o entendimento se move no sentido de identificar problemas discursivos que problematizados, possam contribuir para a construção dos conhecimentos, das vozes, do dialogismo e dos discursos (ROJO, 2006).

3 AMBIENTES VIRTUAIS NO CONTEXTO DA EDUCAÇÃO A DISTANCIA

Educação a distância representa uma modalidade de ensino que permite que o aprendiz não esteja fisicamente presente em um ambiente formal de ensino-aprendizagem, possibilitando também uma separação temporal. Moore (2007, p. 02) define educação a distância como:

o aprendizado planejado que ocorre normalmente em um lugar diferente do local de ensino, exigindo técnicas especiais de criação do curso e de instrução, comunicação por meio de várias tecnologias e disposições organizacionais e administrativas especiais.

A modalidade a distância se caracteriza, então, como possibilidade e oportunidades de estudo independentemente do local em que os alunos e professores se encontrem. Por conta disso, há uma dependência de algum tipo de tecnologia com o objetivo de transmitir informações, proporcionando, dessa forma, um meio para interagir. Nesse sentido, Maia e Mattar (2007, p. 83) nos advertem que:

sem dúvida, a EaD traz novas (e diversas) possibilidades e oportunidades de aprendizagem para os alunos, independentemente de sua localização geográfica ou dos horários em que possam estar disponíveis para freqüentar um curso. Os que antes não podiam freqüentar uma instituição de ensino, como os que residem longe dos grandes centros, ou que não podem abandonar fisicamente seu local de trabalho, podem agora se educar a distancia.

Em relação ao conceito de tecnologia, Moore (2007) explica que é comum empregar os termos “tecnologia” e “mídia” como sinônimos. O autor, entretanto, explica que sob um aspecto rigoroso, essa comparação não está correta. Para ele, a tecnologia constitui o veículo para comunicar mensagens e estas são representadas em uma mídia. São quatro os tipos de mídia: texto, imagens (fixas e em movimento), sons e dispositivos. O texto pode ser distribuído em livros, guias de estudo e eletronicamente on-line. O som pode ser distribuído em CDs, fitas de áudio, por telefone e on-line. As imagens podem ser distribuídas em livros e em outras formas de tecnologia impressa, em CD, em videotapes, por rádio ou teletransmissão e on-line.

Os projetos de educação a distância se utilizam de mídias que vão além do giz, do quadro-negro, e de textos impressos para efetivar a aprendizagem. É possível desenvolver projetos com vários suportes, por exemplo, telefone, rádio,

áudio, vídeo, CD, televisão, e-mail, tecnologias de telecomunicação interativas, grupos de discussão na internet, etc. (MAIA; MATTAR, 2007). É importante salientar que, com as novas mídias não se perde a possibilidade de interação entre professores e alunos, ou seja, as mídias não podem ser compreendidas apenas como forma de recepção de conteúdos.

A educação a distancia pode ser pensada de diferentes formas. Uma delas diz respeito ao modelo de ensino centrado no professor, em que os alunos são passivos e os processos de educação se limitam ao modo instrucionista, ou seja, o aluno assiste as aulas, faz atividades e as envia para o professor. O tutor é entendido como aquele que ajuda o aluno a prosseguir no curso. Demo (2006) nos lembra que o mal da aula meramente expositiva é que ela evita que o aluno pense, sem falar que, como regra, este tipo de aula transmite apenas velharia. Outra forma de pensar a educação a distancia diz respeito a um modelo centrado no aluno em que a palavra de ordem é auto-estudo. Não há processos de interação entre professor e aluno, entre alunos e alunos.

No contexto desta pesquisa, há um pensamento em busca de um modelo de educação a distancia em que todos os participantes sejam autores do processo de ensino-aprendizagem. Nesse sentido, o AVEA representa uma condição de relevância no desenvolvimento das atividades do curso quando apresenta a possibilidade de coautoria.

O curso Letras Libras é organizado de forma que alunos e tutores estejam quinzenalmente presentes no polo, portanto, vivenciando experiências em um mesmo tempo e espaço. É um curso em que 70% das atividades desenvolvem-se a distancia. Para Santos (2007, p. 46), na educação a distância, “os ‘outros’ só se encontram se a metodologia for híbrida, ou seja, se tivermos encontros presenciais nos polos ou centros de encontro”. Essa modalidade de educação é caracterizada, pela autora, como educação semipresencial. Em sua visão, o encontro face a face entra para cumprir a função comunicacional de uma interação em que todos interagem e que a mídia de massa não permitiria.

No contexto do curso, objeto de estudo, dessa investigação, a figura do tutor é concebida não com a ideia de tutelar, defender ou proteger os alunos. É um interlocutor, é ele quem corrige as atividades, as provas, é ele quem abre os fóruns e, muito frequentemente, é ele quem interage com os alunos nos fóruns. Nesse sentido, vale lembrar a figura do tutor como um professor tutor, cumprindo o papel

de auxiliar do processo ensino aprendizagem (QUADROS; CERNY; PEREIRA, 2008). Em relação às interações no espaço dos fóruns de discussão, o tutor trabalha no sentido de organizar as interações dos alunos. Franco (1998) ao tratar da ação do professor, em um espaço de ensino e aprendizagem, o concebe como alguém que “está ali para organizar as interações do aluno com o meio e problematizar as situações de modo a fazer o aluno, ele próprio, construir o conhecimento sobre o tema abordado” (p.56). Nessa perspectiva, tem-se a possibilidade de que o tutor seja efetivamente um participante do processo de ensino e aprendizagem.

Os professores, das disciplinas, são responsáveis por organizar e elaborar todo o material didático das disciplinas e sempre estão presentes nos momentos de videoconferência, e muitas vezes, também presentes nas discussões dos fóruns. São eles que apresentam os conteúdos das disciplinas, nos momentos presenciais do curso. Nesse sentido, a interligação entre professor e aluno se manifesta por meio de tecnologias.

Uma das mídias utilizadas no curso Letras Lbras é a videoconferência. A videoconferência apareceu no cenário tecnológico como uma ferramenta para comunicação empresarial e desenvolvida para possibilitar reuniões de negócios. Com o tempo, passou a ser utilizada com um fim educativo (CRUZ, 2007). No contexto de educação a distância, caracteriza-se como uma mídia de destaque, pois propicia que os participantes, mesmo estando em localidades diferenciadas, possam interagir com imagens e som em tempo real.

[...] dentre as mídias aplicadas na EaD, é a que está mais próxima do presencial ao permitir que participantes situados em dois ou mais lugares geograficamente distantes possam realizar uma reunião síncrona com imagem e som, por meio de câmeras, microfones e periféricos, como CD-ROM, vídeo e computador como base para apresentações em slides, Internet, etc.(CRUZ, 2007, p. 87)

A videoconferência pode ser compreendida, então, como uma mídia audiovisual interativa, com recursos didáticos audiovisuais, modos de interação, questões logísticas e afetivas que se diferenciam da sala de aula presencial. Nesse sentido, é importante que professores envolvidos no projeto de educação a distancia tenham oportunidade de conhecer suas especificidades para poder ensinar. A mediação face a face é problematizada pela telepresença.

O que se sabe é que o fato de professores e alunos não estarem no mesmo lugar, mas se verem e se ouvirem no mesmo momento, implica mudanças tanto nos estilos de aprendizagem como nas estratégias de ensino. Uma das principais alterações é a aula por videoconferência exigir muito mais dos professores. Sem exceção, as pesquisas indicam que o tempo de preparação é muito maior que o ensino equivalente face a face. A preparação pode ser de dois tipos: a que produz material visual e a que planeja o formato da aula. Quanto mais interação se deseja, mais planejamento é necessário. A qualidade dos vídeos usados é um elemento importante no sucesso da videoconferência (CRUZ, 2007, p. 89).

Além da videoconferência, há o destaque ao uso de ambientes virtuais de aprendizagem, no contexto da educação a distância porque agregam uma das características fundantes da internet, ou seja, a convergência de mídias. Nesse sentido, compreende-se a capacidade de hibridizar e permutar várias mídias em um mesmo ambiente. Mídia é entendida como todo o suporte que veicula a mensagem expressa por uma multiplicidade de linguagens que podem ser sons, imagens, gráficos, textos em geral (SANTOS 2007).

Os ambientes virtuais de aprendizagem representam a união das tecnologias informáticas e suas aplicações com as telecomunicações e com as diversas formas de expressão e linguagem, envolvendo, não só um conjunto de interface para socialização de informação e de conteúdos de ensino e aprendizagem, mas também, interfaces de comunicação síncrona e assíncrona.

Santos (2007) diferencia interfaces de conteúdos de interfaces de comunicação. Segundo a autora, essa diferenciação é utilizada, apenas, por conta de uma organização conceitual. Interface de conteúdo é representada pelos dispositivos que permitem produzir, disponibilizar, compartilhar conteúdos digitalizados em diversas linguagens, ou seja, texto, som, imagem. Estes formatos têm a possibilidade de serem apresentados como mistura de linguagens, como os conteúdos audiovisuais que misturam imagens, textos e som e que podem ser apresentados por meio de hipertextos, multimídia ou hipermídia. As interfaces de comunicação são representadas por aquelas que contemplam a troca de mensagens entre os interlocutores do grupo ou da comunidade de aprendizagem. Podem ser síncronas, contemplando a comunicação em tempo real, e, assíncronas, permitindo a comunicação em tempos diferentes.

Em relação ao potencial dos ambientes virtuais de aprendizagem, em contextos educacionais, Passareli (2007) adverte que:

o universo da cibercultura nos permitir transitar, simultaneamente, por diferentes instancias da realidade. A idéia de que comportamentos e emoções experimentadas na exploração de ambientes virtuais não são reais constitui-se em engano fatal. A vida contemporânea contempla, em todas as suas vertentes, os meios e as mediações propiciadas pela tecnologia digital. Por operar na virtualidade, um portal, educacional ou não, propicia uma trama de vozes de inédita complexidade: são textos tradicionais (linguísticos), imagens, animações, vídeos, interações síncronas ou assíncronas. Podem-se ouvir as mais diferentes vozes, formuladas nos mais variados códigos (PASSARELI, 2007, p. 329).

Outra questão, que não se pode perder de vista, em contextos de ambientes virtuais de aprendizagem e de práticas inseridas no contexto da educação formal, diz respeito ao fato de que professores e alunos são cadastrados com base em suas identidades no mundo real e os protocolos e regras que os regem constituem extensão da escola, embora novas práticas e comportamentos também estejam sendo forjados, pela utilização dessas mídias como extensão de atividades de educação presencial (PASSARELI, 2009).

3.1 AMBIENTES VIRTUAIS COMO ESPAÇO DE INTERAÇÃO E APRENDIZAGEM

O conceito de ambientes virtuais é apresentado por Santos e Okada (2005) como “[...] um espaço fecundo de significação onde seres humanos e objetos técnicos interagem potencializando, assim, a construção de conhecimentos, logo a aprendizagem”. Sua caracterização parte, então, de uma dimensão sociocognitiva em que o propósito de aprender é significativo. Nesse sentido, tais ambientes podem favorecer a criação de uma rede de interesses, fazendo com que os mesmos possam ser considerados como comunidades virtuais, em que os participantes se comunicam de forma tanto síncrona como assíncrona em busca de interesses comuns. Marcuschi (2004, p. 21) conceitua a comunidade virtual como “[...] uma espécie de agregação social que emerge da rede Internetiana para fins específicos. Seriam pessoas com interesses comuns ou que agem com interesses comuns num dado momento, formando uma rede de relações virtuais (ciberespaciais).” Nesse contexto, Paiva (2006) evidencia que “[...] deixamos de ser seres humanos isolados

para nos transformarmos em uma rede humana comunicante e conseguimos, através da mediação do computador, comunicar, ao mesmo tempo, com muitas pessoas, sem limitações de tempo e espaço”.

Um ambiente virtual de aprendizagem pode ser pensado como um espaço de interação em que os participantes interagem, por meio da leitura e escrita de textos, e se comunicam em busca de significados que propiciem processos construtivos de aprendizagem. Esse espaço de interação, entre professores e alunos, representa uma possibilidade metodológica de constituição de saberes, diferente da proposta convencional de uma sala de aula em que alunos e professores se comunicam essencialmente por meio da fala. Behar et al. (2005) nos mostram que a interação pode representar um processo complexo de trocas e significações, por meio do qual o sujeito modifica-se, constituindo uma nova realidade. Eles dizem: “É através das interações que o sujeito desencadeia um processo interno de construção, possibilitando às pessoas compartilhar idéias e gerar novas interações” (p. 20).

Em relação ao fórum de discussão (fóruns online), por exemplo, Paiva e Rodrigues Junior (2004, p. 2) evidenciam:

O caráter recorrente das informações ali apresentadas tipifica o gênero discursivo fórum on-line de discussão como um ambiente virtual em que seus interlocutores têm acesso irrestrito, a qualquer momento, às informações anteriores, o que lhes faculta meios de reflexão e ulterior comentários acerca dos tópicos discursivos que ali se desenrolam. Tal característica se dá ao contrário da interação oral, pois não podemos voltar no tempo após o encerramento de uma conversa e dispersão dos participantes, uma vez que em um fórum virtual é possível interagir com quem postou uma mensagem hoje e em seguida com outro que publicou sua mensagem alguns dias antes.

Marcuschi (2004), citando Crystal (2001), explica que o impacto da Internet é menos como revolução tecnológica do que como revolução dos modos sociais de interagir linguisticamente.

A prática da leitura e escrita precisa ser vivenciada pela comunidade virtual, que, naquele espaço, se constitui por suas interações, como uma prática constante de trocas de ideias e conceitos, que surgem das leituras e escritas individuais que, ao se inter-relacionarem, se potencializam numa rede de construção coletiva propiciada, em parte, pela interface do ambiente, e, em parte, pela própria ação do indivíduo/grupo que a utiliza e, portanto, a atualiza. Crystal (2002) evidencia o fato de que algumas atividades linguísticas tradicionais podem ser facilitadas pelo meio

eletrônico, enquanto que outras não seriam possíveis. O autor ainda afirma que algumas atividades linguísticas, permitidas, pelo meio eletrônico, não seriam possíveis de se desenvolverem em outro meio.

O processo de leitura se torna essencial na construção de significações coletivas. Levy (2001, p. 36) afirma que “[...] o espaço do sentido não pré-existe à leitura. É ao percorrê-lo, ao cartografá-lo que o fabricamos, que o atualizamos”. É preciso ler, interagir, produzir diálogos consigo e com os outros na busca de sentidos, para que a escrita aconteça de forma interacional. O autor pontua que a escrita, como tecnologia intelectual, pode virtualizar uma função cognitiva, uma atividade mental e afirma:

Enquanto o dobramos [texto] sobre si mesmo, produzindo assim sua relação consigo próprio, sua vida autônoma, sua aura semântica, relacionamos também o texto a outros textos, a outros discursos, a imagens, a afetos, a toda a imensa reserva flutuante de desejos e de signos que nos constitui. Aqui, não é mais a unidade do texto que está em jogo, mas a construção de si, construção sempre a refazer, inacabada. Não é mais o sentido do texto que nos ocupa, mas a direção e a elaboração de nosso pensamento, a precisão de nossa imagem do mundo, a culminação de nossos projetos, o despertar de nossos prazeres o fio de nossos sonhos. (LEVY, 2001, p. 36)

Nesse sentido, o texto passa a existir segundo alguns critérios de subjetividade que produz a si própria. A prática da leitura e da escrita se potencializa pela interação entre quem lê e quem escreve e troca de lugar constantemente pelo próprio movimento de construção. A interação verbal se constitui como uma realidade fundamental da língua nas situações de comunicação.

A verdadeira substância da língua não é constituída por um sistema abstrato de formas lingüísticas nem pela enunciação monológica isolada, nem pelo ato psicofisiológico de sua produção, mas pelo fenômeno social da interação verbal, realizada através da enunciação ou das enunciações. (BAKHTIN, 1997, p. 123)

Em relação à atividade de leitura, Kock e Elias (2006, p. 18) evidenciam que:

“[...] na atividade de leitores ativos, estabelecemos relações entre nossos conhecimentos anteriormente constituídos e as novas informações contidas no texto, fazemos inferências, comparações, formulamos perguntas relacionadas com o seu conteúdo”.

É importante salientar que, no contexto de ambientes virtuais, existe a possibilidade, quase certa, de que as circunstâncias da escrita possam ser as mesmas da leitura, ou seja, existe um interlocutor presente, em constante processo de interação, fazendo com que o contexto de produção do sentido não receba interferência de espaço e de tempo. Este fato pode ser evidenciado em contextos de comunicação síncrona como o momento de interação por meio da ferramenta de bate-papo de um ambiente virtual. Há, também, o entendimento de que os enunciados apresentados nos fóruns de discussão (comunicação assíncrona) apresentam-se ao leitor-autor sem a interferência do momento e do espaço físico em que o enunciado foi construído. A cadeia de enunciados que se forma, no contexto dos fóruns de discussão, não é dependente nem de tempo e nem de espaço.

Faz-se necessário, nessa perspectiva, compreender os aspectos teóricos que permeiam as múltiplas formas de organização textual na busca de propostas de sentido do texto.

3.1.1 O Texto como unidade de sentido no espaço dos ambientes virtuais de aprendizagem

O texto é o dado primário e o ponto de partida de qualquer disciplina nas ciências humanas (BAKHTIN, 2003). Na definição de Koch (2005) “[...] o texto pode ser concebido como resultado parcial de nossa atividade comunicativa, que compreende processos, operações e estratégias que têm lugar na mente humana, e que são postos em ação em situações concretas de interação social”. Nesse sentido, o texto é considerado como uma estrutura inacabada, passando a ser reconhecido em seu processo de construção.

No contexto dos ambientes virtuais de aprendizagem o texto é o elo de significação entre os interlocutores que ali interagem. Marcuschi (2004, p. 18) afirma que “[...] um dos aspectos essenciais da mídia virtual é a centralidade da escrita, pois a tecnologia digital depende totalmente da escrita”. No contexto dessa pesquisa, evidencia-se o fato de que há a necessidade de ampliar o conceito de texto para além da modalidade escrita da língua, visto que a LIBRAS como língua

visuo-espacial não apresenta uma modalidade escrita nos moldes das línguas oral-auditivas, como é o caso da língua portuguesa. A LIBRAS é utilizada no ambiente virtual do curso Letras Libras por meio de vídeos, tanto no que se refere ao material pedagógico, disponibilizado para os alunos, como textos, apostilas e aulas em videoconferência, como a possibilidade do uso da LIBRAS nas discussões dos fóruns. Os textos, então, se apresentam de forma diferenciada, dentro dos ambientes virtuais, em decorrência de se constituírem por uma variedade de gêneros textuais existentes nesse meio. Nessa perspectiva, Marcuschi (2004, p. 27) ainda lembra que

[...] os gêneros surgem dentro de ambientes como locais que permitem culturas variadas. Além disso, revela que a internet não é um ambiente virtual homogêneo, mas que apresenta uma grande heterogeneidade de formatos e permite muitas maneiras de operação relativas à participação e aos processos interativos.

Em meio a essa diversidade de gêneros, faz-se necessário uma compreensão acerca da forma como o processamento textual se estabelece nesses contextos.

O processamento textual se constitui tomando-se por base três grandes sistemas de conhecimento: o linguístico, o enciclopédico e o interacional. (KOCK, 2002). Cada um desses conhecimentos tem um papel de grande importância no sistema de conhecimentos para que o interlocutor possa elaborar hipóteses de interpretação.

O conhecimento linguístico é entendido como o conhecimento gramatical, e o lexical é responsável pela organização do material linguístico na superfície textual, pelos usos dos meios coesivos para efetuar a remissão ou a sequenciação textual, etc. O conhecimento enciclopédico, por sua vez, é aquele que se encontra armazenado na memória de cada indivíduo, a partir de vivências pessoais, permitindo a produção de sentidos. O conhecimento interacional refere-se às formas de interação e agrega os conhecimentos ilocucional (permite reconhecer os objetivos ou propósitos de um falante, em dada situação de interação), comunicacional (normas comunicativas gerais), metacomunicativo (permite ao produtor evitar perturbações previsíveis na comunicação) e superestrutural (permite reconhecer textos como exemplares de determinado gênero ou tipo).

O sentido do texto não existe *a priori*, mas é construído na interação sujeitos-texto. Nesse sentido, surge o conceito de contexto linguístico e sociocognitivo como uma forma de contribuição para a construção de sentido.

Ao entrar em uma interação, cada um dos parceiros já traz consigo sua bagagem cognitiva, ou seja, já é, por si mesmo, um contexto. A cada momento de interação, esse contexto é alterado, ampliado, e os parceiros se vêem obrigados a ajustar-se aos novos contextos que se vão originando sucessivamente. (KOCH; ELIAS, 2006, p. 61)

O texto passa, então, a ser o lugar de interação de sujeitos sociais, que dialogicamente nele se constituem e são constituídos. O conceito de diálogo é representativo na forma de comunicação utilizada em ambientes virtuais de aprendizagem. Segundo Bakhtin (1997, p. 123):

O diálogo, no sentido estrito do termo, não constitui, é claro, senão uma das formas, é verdade que das mais importantes, da interação verbal. Mas pode-se compreender a palavra "diálogo" num sentido amplo, isto é, não apenas como a comunicação em voz alta, de pessoas colocadas face a face, mas toda comunicação verbal, de qualquer tipo que seja.

É importante salientar que as relações dialógicas não são representadas pelas réplicas do diálogo real; são bem mais amplas, diversificadas e complexas, necessitando, assim, de uma análise mais aprofundada do assunto, não como uma tentativa de comparações, mas como uma forma de melhor compreender as relações comunicativas em situações de interação verbal.

O aspecto central da interação verbal, apresentado no contexto de ambientes virtuais de aprendizagem, é o processo de interação que se estabelece por meio do processo de leitura e produção de textos que ocorrem no espaço dos fóruns de discussão, foco dessa pesquisa, como forma de constituição de sentidos.

3.2 LEITURA E ESCRITA NO FÓRUM DE DISCUSSÃO DE AMBIENTES VIRTUAIS DE APRENDIZAGEM

3.2.1 O fórum de discussão: princípios e caracterização

Os ambientes virtuais surgem no contexto educacional com a possibilidade de dinamizar o processo educativo em um espaço que se diferencia da sala de aula, tradicionalmente reconhecida em nossa sociedade. Partindo do pressuposto de que

os gêneros textuais são frutos de complexas relações entre um meio, um uso e a linguagem (MARCUSCHI, 2004), os fóruns de discussão se constituem no contexto de ambientes virtuais de aprendizagem, como um gênero que pode possibilitar processos de interação e de construção de significados por parte dos que ali interagem.

Marcuschi (2003) explica que, nos últimos dois séculos, as novas tecnologias, em especial, as ligadas à área da comunicação, propiciaram o surgimento de novos gêneros textuais.

O surgimento de diversos gêneros evidencia o fato de que “a internet não é um ambiente virtual homogêneo, mas que apresenta uma grande heterogeneidade de formatos e permite muitas maneiras de operação relativas à participação e aos processos interativos” (MARCUSCHI, 2003, p. 27).

Na apresentação do livro **Hipertexto e gêneros digitais**, Marcuschi (2004) afirma que a linguagem se caracteriza como uma das faculdades cognitivas mais flexíveis e plásticas, responsável pela disseminação das constantes transformações sociais, políticas, culturais geradas pela criatividade do ser humano. Dentre as transformações que são geradas pela criatividade humana destaca-se o avanço da Internet e com ela a emergência de novas formas de comunicação conhecidas como Comunicação Mediada por Computador - CMC - e que tem gerado uma proliferação de diferentes gêneros digitais. Marcuschi (2004, p. 17) afirma que “a interação online tem o potencial de acelerar a evolução dos gêneros, tendo em vista a natureza do meio tecnológico em que ela se insere e os modos como se desenvolve”.

Seguindo a abordagem de gênero de Bakhtin (2003), há, nessa pesquisa, um entendimento de que o fórum de discussão, presente em contextos de ambientes virtuais de aprendizagem, se constitui como um gênero que emerge da tecnologia digital, e, por isso, pode ser chamado de gênero digital, e se caracteriza como tal com base no conceito de que são “tipos relativamente estáveis de enunciados” (p.279) elaborados pela esfera de utilização da língua no meio digital.

Essa possibilidade de uso da língua no meio digital, em ambientes virtuais, pode ser bem compreendida por meio de inúmeras possibilidades da atividade humana e da complexidade das esferas de utilização da língua.

A riqueza e a variedade dos gêneros do discurso são infinitas, pois a variedade virtual da atividade humana é inesgotável, e cada esfera dessa atividade comporta um repertório de gêneros do discurso que vai

diferenciando-se e ampliando-se à medida que a própria esfera se desenvolve e fica mais complexa. (BAKHTIN, 2003, p. 279)

Como um gênero discursivo, o fórum de discussão comporta algumas características que são inerentes a qualquer gênero do discurso: conteúdo temático, estilo e construção composicional. Tais características fundem-se indissolivelmente no todo do enunciado, e são marcados pela especificidade de uma esfera digital de comunicação.

Em contextos de uso em ambientes virtuais de aprendizagem, o fórum de discussão se desenvolve sempre por meio de conteúdos temáticos que são sinalizados ora pelos tutores, ora pelos próprios alunos a depender de suas necessidades e interesses. O fórum de discussão comporta um estilo próprio de enunciados que dependem do conteúdo temático apresentado. As relações entre o significado da palavra 'responder' e os tipos textuais, que são apresentados no desenvolvimento do fórum, caracterizam a construção composicional dos fóruns de discussão.

Os fóruns de discussão são definidos por algumas características que marcam a sistemática dos fóruns de discussão online pelo convívio e contato com esse gênero:

- Por acontecer de forma assíncrona, alunos e professores têm a possibilidade de administrar sua participação conforme conveniência de seu próprio tempo. Não há a necessidade de que todos estejam conectados ao mesmo tempo para que uma discussão ocorra.
- As discussões propostas ocorrem por regularidades lingüísticas em que os turnos dos enunciados são respeitados por não haver a possibilidade de dois enunciadore se entrecortarem. Os enunciados são organizados, em forma de uma cadeia vertical, à medida que são produzidos. Isso não quer dizer, no entanto, que em uma discussão não haja ruídos conversacionais, pois é possível que as discussões sejam entrecortadas por questões alheias ao conteúdo tratado.
- As atividades em fóruns de discussão proporcionam o desenvolvimento da consciência coletiva e o sentimento de pertencimento a um grupo. Todos têm o mesmo direito de participação e intervenção. Tudo que se encontra nos fóruns pertence ao grupo e, portanto, é de responsabilidade do grupo. No

fórum de discussão, não deve existir a figura do tutor ou do professor como figuras centrais, mas sim como participantes que tem o objetivo explícito de construção coletiva de ideias e conceitos.

- As discussões temáticas permitem socialização de conteúdo e construção coletiva de significados. O fórum de discussão se constitui por meio de uma cadeia de enunciados que são organizados por temas preestabelecidos. Essa cadeia se desenvolve com base em diálogos que se expandem na busca do entendimento e da construção de conceitos. Os temas abordados no fórum, geralmente, são os mesmos temas tratados em outros espaços de aprendizagem, por exemplo, as videoconferências que ocorrem durante o desenvolvimento de cada disciplina.

A palavra **Responder** possibilita a participação do enunciador no fórum. Como indicado na Figura 1. Ao clicar na palavra responder, é aberta uma caixa de texto para que o enunciador construa seu enunciado e possa, assim, participar de uma cadeia de enunciados que constituem o fórum de discussão. Nesse sentido, enunciador e enunciatário trocam de lugar à medida que o fórum se desenvolve.



Figura 1: Imagem do fórum de discussão

RESPONDER

Uma questão fundamental na compreensão da forma como os fóruns de discussão, em ambientes virtuais de aprendizagem, se desenvolvem, diz respeito ao conceito de atividade responsiva (BAKHTIN, 2003). O autor, se referindo ao ouvinte, afirma que existe, da parte de quem recebe e compreende a significação linguística de um discurso, uma atividade responsiva, ou seja, há uma reação de quem recebe a mensagem. A prática de leitura e escrita/sinalização, característica dos fóruns, se sustenta nos moldes de uma cadeia dialógica que se estabelece com base em réplicas e alternância entre quem lê (enunciário) e quem escreve/sinaliza (enunciador). Esta alternância é possível porque existe a atitude responsiva de quem lê o enunciado do outro e concorda ou discorda, completa, questiona, argumenta, contra-argumenta, duvida , pergunta, etc.

A compreensão de uma fala viva, de um enunciado vivo é sempre acompanhada de uma atitude *responsiva ativa* [conquanto o grau dessa atividade seja muito variável]; toda compreensão é preche de resposta e, de uma forma ou de outra, forçosamente a produz: o ouvinte torna-se o locutor. (BAKHTIN, 2003, p. 290)

Apresento, na sequência abaixo, a alternância explicitada no parágrafo anterior. Os enunciados apresentados a seguir, são extratos do fórum de discussão, da Unidade I, da disciplina Psicolinguística, cuja temática discutiu as questões relacionadas à surdez e seus atravessamentos com a psicologia.

Enunciado 1

Vamos tratar da surdez e seus atravessamentos com a psicologia. Para começar, o que são atravessamentos? Vamos discutir?

Enunciado 2

*Olá TA, encontrei no Aurélio o significado de atravessamento assim:
 . Defeito de impressão que consiste no traspassamento do papel pela tinta, em geral por excesso de solvente.*

Acredito que em psicologia, atravessamento é uma passagem de uma fase para outra, por exemplo:

As consequência desse processo.

1.1 A surdez e o paradigma clínico – um olhar que marca a deficiência

1.2 A surdez e o paradigma sócio-antropológico – um olhar que marca a diferença.

Enunciado 3

continuando.

Esse atravessamento explica os diferentes paradigmas com seus olhares diferentes e seus resultados.

Enunciado 4

Vamos tratar da surdez e seus atravessamentos com a psicologia. Para começar, o que são atravessamentos? Vamos discutir?

A formação do psicólogo depende da grade curricular (...) Entendo que esse processo de construção de novos paradigmas é um atravessamento.

Enunciado 5

Sobre atravessamentos:

A história do surdo foi marcada pelo discurso de que o surdo tem o déficit cognitivo, emocional, motor e social, ou seja, apoiado pelo paradigma clínico.

Uma visão diferente, a sócio-antropológica aponta para uma mudança de visão sobre a surdez.

Os discursos clínicos ou sócio-antropológicos, influenciaram a história dos surdos e também a formação identitária.

Enunciado 6

Oi A3!

Concordo com você.

Sem esquecermos que a maioria dos surdos nascem em família de ouvintes e por isso são/eram submetidos a todos os conceitos e definições clínicas, sem ter a menor possibilidade de opinar sobre seu futuro já que não tinham uma boa comunicação com seus familiares, dessa forma sujeitos a qualquer ou todos os tratamentos propostos.

Enunciado 7

Parabéns meus caros colegas, iniciaram com chave de ouro!

No tocante ao assunto abordado gostaria de revelar os questionamentos de A3 e A2. Certamente os atravessamentos com a psicologia são importantes para compreensão clínica e sócio-histórica dos surdos.

...

Enunciado 12

Galera não consegui colocar onde deveria ser colocado a atividade 1, então segue no fórum, (nome da tutora) VERIFIQUE MINHA NOTA E ME AJUDE COLOCAR NO LUGAR CORRETO

OBRIGADA.

Enunciado 13

Entrevista com Psicóloga em consultório particular. (Atividade em anexo) A5 e A6.

Enunciado 14

A7 e A8,

A atividade 1 é para ser postada no banco de dados.

Bjs

(nome da aluna)

Enunciado 15

TA

Assim como a A9 também encontrei no Aurélio a mesmo significado da palavra atravessamento, mas sobre atravessamento em relação da psicologia encontrei isto:

A associação entre a psicologia e o modelo clínico-terapêutico de surdez produz um olhar que tende a enfatizar, no contexto da surdez, o déficit orgânico. Assim alguns autores afirmam que existem diferenças neurológicas causadas pela surdez que respondem pelos níveis e agilidade do raciocínio abstrato diferentes entre surdos e ouvintes (Siminerio, 2000). Os surdos eram caracterizados como

tendo dificuldades motoras, inteligência concreta, lentidão na aprendizagem, agressividade, dificuldade de aceitar limites e impulsividade (...)

...

Enunciado 56

CADÊ VÍDEO? NADA!!!!!!

Enunciado 57

R-a-p-a-z!!!!!! E participação!!!!

A melhor maneira de nós não conseguirmos o que queremos é gritando!!

Enunciado 58

Olá, Colegas!

Por favor, faça seu vídeo em LIBRAS. Os colegas surdos estão dificuldade o significado das palavras, sobre o que entenderam. O importante é envolvê-la no processo de aprendizagem do aluno ou, pelo menos, evitar que interfira negativamente. Então não pode merecer meu respeito e compreensão.

Obrigado!!!

...

Enunciado 63

VIDEO EM ANEXO EM LIBRAS (atravessamento. Flv)

Veja se concordam com a minha opinião..

Não sei se esta certo!

pelo menos foi o que entendi!

...

Enunciado 75

Turma,

Pesquisei em enciclopédias, nada encontrei.

Fui pesquisar na internet, sobre atravessamentos psicológicos e encontrei:

ATRAVESSAMENTOS PSICANALÍTICOS



...

A partir da apresentação do fórum é possível observar que o **responder** possibilita que novos escritos sejam construídos pelos enunciatários. Tais escritos, no entanto nem sempre se referem ao que foi enunciado na apresentação do fórum. A partir do **enunciado 12** constatamos que há uma quebra de significações, que poderíamos considerar como ruídos conversacionais, em relação aos enunciados. O conteúdo temático do fórum continua o mesmo, pois a atividade a que se referem os enunciatários é uma atividade específica da unidade em que o fórum foi aberto. Constatamos que do **Enunciado 12** ao **Enunciado 14** o diálogo é referente à questão da atividade e não da discussão do tema como proposto no **Enunciado 1**.

O **Enunciado 15** retoma o questionamento do **Enunciado 1** e dá continuidade ao fórum. Esse fórum contém 96 enunciados. Essa quebra de significações ocorre, mais uma vez, quando os alunos surdos chamam a atenção para a necessidade de que os discursos também sejam produzidos na língua de sinais. Nesse momento, há uma suspensão nas discussões da temática para tratarem do aspecto da importância dos vídeos em LIBRAS para a melhor compreensão dos alunos surdos. Os **Enunciados 56, 57 e 58** revelam esse fato com bastante nitidez. Há uma preocupação para que o fórum de discussão seja compreendido e, portanto, compartilhado por todos os alunos do curso. Tal fato será, posteriormente, analisado, no capítulo cinco, desse trabalho.

Nesse sentido, nos fóruns de discussão podem ocorrer enunciados *primários*, que são os que seguem o tema proposto, e, enunciados *secundários*, pois, apesar de não se encontrarem totalmente desvinculados do tema, não apresentam uma

continuidade em relação à discussão do tema principal, proposto na abertura do fórum.

O espaço do fórum representa um registro de todas as discussões, possibilitando, dessa forma, leitura, releitura e possivelmente reflexão dos enunciados, que constituem um texto produzido de forma coletiva pelos participantes do processo. Esse processo de leitura, releitura e reflexão poderá ser expresso, pelo leitor, em decorrência de sua atividade responsiva ativa, por uma nova construção que, possivelmente, refletirá na forma como os sentidos são construídos nesse espaço.

Nesse contexto, o diálogo se torna o centro do processo de constituição dessa cadeia de enunciados. Mesmo que os enunciadores não discutam o conteúdo temático entre si, eles sempre se referem a um enunciado anterior. E quando há uma quebra no conteúdo do enunciado, logo um enunciador retoma o conteúdo proposto no início do fórum.

Segundo Bakhtin (2003), o diálogo é a forma clássica da comunicação verbal e cada réplica possui um acabamento específico que expressa a posição do leitor, sendo assim, possível responder, e tomar, com relação a essa réplica, uma posição responsiva ativa.

O locutor termina seu enunciado para passar a palavra ao outro ou para dar lugar a compreensão responsiva ativa do outro. O enunciado não é uma unidade convencional, mas uma unidade real, estritamente delimitada pela alternância dos sujeitos falantes, e que termina por uma transferência da palavra ao outro, por algo como um mudo do 'dixi' percebido pelo ouvinte, como sinal de que o locutor terminou. (p. 294)

O diálogo é expresso no fórum de discussão pelo processo de leitura e escrita necessário à constituição da cadeia de enunciados que podem produzir sentidos para o participante do fórum. Nesse contexto, é relevante considerar a forma como a linguagem virtual se estabelece.

3.2.2 A linguagem virtual e o processo de leitura e escrita

Segundo Marcuschi (2004), na atual sociedade, a Internet é uma espécie de protótipo de novas formas de comportamento comunicativo. Crystal (2002) chama a

atenção para o fato de que o meio eletrônico nos oferece um canal que facilita nossa habilidade de comunicação por caminhos que são fundamentalmente diferentes dos encontrados em outras situações semióticas. Um aspecto marcante dos processos de interação vivenciados, com o advento da Internet, é a presença da escrita como forma de expressão. Marcuschi (2004) afirma que é incontestável que a Internet e todos os gêneros ligados a ela se constituem como eventos textuais fundamentalmente baseados na escrita. Não se pode deixar de levar em conta, no entanto, que a escrita digital, a depender do gênero em uso, se constitui por meio de uma multiplicidade de linguagens como sons, imagens, vídeos, dentre outras. O que nos conduz a inferir que a linguagem escrita se caracteriza nesse contexto, como uma das possibilidades de interação no meio digital.

Partindo do princípio de que a linguagem é uma das faculdades cognitivas que tem o potencial de se adaptar às mudanças comportamentais geradas pela ação do homem, é importante considerar, para efeito de um maior entendimento acerca das especificidades da linguagem virtual, o conceito de hipertexto com vistas a uma compreensão das práticas de leitura e escrita nesse contexto.

Marcuschi (2001) explica que o termo hipertexto foi tratado por Theodor Nelson em 1964 e foi criado para se referir a um tipo de escrita não-linear e não-sequencial, que possibilita ao leitor realizar a escolha de caminhos a serem seguidos na leitura do texto. Essa escolha pode ser entendida como uma forma interativa de ler um texto, pois o leitor pode definir o caminho de sua leitura sem, necessariamente, ter que se prender a uma estrutura pré-fixada pelo texto, proporcionando ao leitor um grau de interação com o texto tomando-se por base suas necessidades e preferências. Não há, nesse sentido, uma sequência a ser seguida, pois os sentidos serão construídos por caminhos delineados pelo próprio leitor.

Apesar de o termo hipertexto, ter ganhado impulso com o advento da Internet, não se pode perder de vista o fato de que a leitura de alguns textos impressos (verbetes de dicionários, notas de rodapé, citações, etc.) estabelece uma quebra na linearidade e na sequência da leitura do texto. Nesses termos, Kock (2002) ressalta o fato de que todo texto é um hipertexto partindo do ponto de vista da recepção. Em sua concepção, a diferença entre o hipertexto digital estaria centrada no suporte tecnológico e na rapidez de acesso. Na visão de Levy (2001), o suporte tecnológico, ao permitir a criação de hipertextos digitais inova, com a desterritorialização, ou seja,

o hipertexto é reconhecido como um texto sem fronteiras, sem limites, sem início nem fim, baseado na ligação infinita com inúmeros outros textos. Em suas palavras:

assim como o rio de Heráclito, o hipertexto jamais é duas vezes o mesmo. Alimentado por captadores, ele abre uma janela para o fluxo cósmico e a instabilidade social. Os dispositivos hipertextuais nas redes digitais desterritorializaram o texto. Fizeram emergir um texto sem fronteiras nítidas, sem interioridade definível. Não há mais um texto, discernível e individualizável, mas apenas texto, assim como não há uma água e uma areia, mas apenas água e areia (LEVY, 2001, p. 48).

Para o autor, o hipertexto se caracteriza por seus nós (os elementos de informação, parágrafos, páginas, imagens, sequências musicais, etc.) e suas ligações entre esses nós (referências, notas, indicadores, botões que efetuam a passagem de um nó para outro) dando assim a dimensão de uma rede.

Nessa perspectiva, é possível destacar como características inerentes no hipertexto digital a não linearidade, a volatilidade, a fragmentariedade, a interatividade e a multimediosidade. Tais características fazem com que o hipertexto seja reconhecido como um modo de produção textual que pode estender-se a vários gêneros digitais, inclusive ao gênero em questão nesse trabalho, o fórum de discussão.

A sequência de enunciados apresentada, nesse capítulo, proporciona uma reflexão sobre tais características. A não linearidade tem a ver com a forma que o leitor lê os enunciados dos fóruns, ou seja, ele pode fazer uma leitura começando pela postagem mais antiga (que é uma possibilidade do fórum) e pode fazer leituras tomando-se por base seus interesses. Ao acessar um arquivo anexado, um link, que é disponibilizado por um determinado enunciador, como parte de seu enunciado, o leitor quebra a cadeia de enunciados, constituintes do formato do fórum, para abrir uma nova janela de leitura. A fragmentariedade pode ser constituída no momento em que o leitor tem a possibilidade de ler cada enunciado separadamente sem, necessariamente, construir o sentido de um texto maior. A volatilidade se institui quando um novo enunciado é escrito fazendo com que exista uma atualização constante dos enunciados. O enunciado anterior não deixa de existir, mas dá lugar ao novo enunciado na tela física do computador. A interatividade é percebida nos momentos em que os enunciadores portam-se uns aos outros diretamente para construir sentidos. Seguindo essa lógica, há uma compreensão do termo interatividade, de forma mais ampla, ou seja, no tratamento com a linguagem como

atividade social e interativa em que o texto, construído no fórum de discussão, possa ser compreendido como uma unidade de sentido e de interação. A multissemiose é claramente perceptível nos **Enunciados 63 e 74** quando os enunciadores apresentam um vídeo e uma imagem como parte da enunciação. A imagem ilustra a figura do fundador da psicanálise e o enunciador quer evidenciar uma pesquisa na internet sobre o tema abordado. O vídeo é produzido em LIBRAS e representa uma contribuição ao tema trabalhado no fórum.

Não podemos deixar de mencionar o caráter bilingue do fórum de discussão, no momento em que os enunciados são produzidos tanto na língua portuguesa, na modalidade escrita, como na língua brasileira de sinais, por meio de vídeos.

Com o conceito de hipertexto, é possível pensar nas relações entre leitura e a linguagem virtual. Levy (2001) afirma que o suporte digital permite novos tipos de leitura e de escrita coletivas. O processo de leitura se torna essencial na construção de significações coletivas.

Escutar, olhar, ler equivale finalmente a construir-se. Na abertura ao esforço de significação que vem do outro, trabalhando, esburacando, amarrotando, recortando o texto, incorporando-o em nós, destruindo-o, contribuimos para erigir a paisagem de sentido que nos habita. O texto serve aqui de vetor, de suporte ou de pretexto à atualização de nosso próprio espaço mental. (p. 37)

A inteligência, que teria antes uma dimensão voltada para o individual, pode se transformar, pela participação do coletivo, numa dimensão "multividual" em que a construção do conhecimento por vários indivíduos apresenta alguns elementos como marca de identidade, subjetividade e história individual, em que cada um dos sujeitos participantes é valorizado. Na visão de Levy (1993, p. 135):

O pensamento se dá em rede na qual, neurônios, módulos cognitivos humanos, instruções de ensino, línguas, sistemas de escritas, livros e computadores se interconectam, transformam e traduzem as representações.

As situações de comunicação são essenciais, nos contextos de fóruns de discussão online, no momento em que as discussões são materializadas com base no processo de interação entre os participantes/enunciadores, que se tornam possível, em parte, pelo suporte tecnológico, em parte pelo próprio processo de interação verbal.

O fórum de discussão é organizado por data de postagem do enunciado, como nos mostra a Figura 02. Esse fato tem estreita relação com a forma como o enunciado é lido. O fórum disponibiliza uma ferramenta que possibilita ao leitor escolher a forma de leitura dos enunciados (mostrar respostas começando pela mais antiga; mostrar respostas começando pela mais recente; listar respostas; mostrar respostas aninhadas), como indicado na figura.

Nesse sentido, o leitor é autor de seu percurso ao adentrar o espaço dos fóruns de discussão. A maneira escolhida para ler os enunciados pode diferenciar a forma com o os sentidos são produzidos, nesse espaço.

The screenshot shows a web browser window displaying the 'Libras VI Fórum sobre Psicolinguística' page. The page features a search bar, navigation tabs (Home, Conteúdo, Atividades, Comunicação, Ajuda, Ser), and a 'Seguir para' dropdown. A discussion thread titled 'Fórum sobre Psicolinguística' is visible, with a post from 'par' dated 'segunda, 20 fevereiro 2010'. A dropdown menu is open over the thread, listing sorting options: 'Mostrar respostas começando pela mais antiga', 'Mostrar respostas começando pela mais recente', 'Listar respostas', and 'Mostrar respostas aninhadas'. A box labeled 'Data da postagem' points to the date 'segunda, 20 fevereiro 2010'. Another box at the bottom right lists the sorting options from the dropdown menu.

Figura 2: Fórum de discussão

Mostrar respostas começando pela mais antiga
 Mostrar respostas começando pela mais recente
 Listar respostas
 Mostrar respostas aninhadas

A própria estrutura do fórum possibilita que a leitura dos enunciados seja feita tanto de forma linear como, não linear. Quando a leitura é feita começando pela mais antiga e todos os enunciados são lidos em sequência, é possível classificar essa leitura como uma leitura linear. O leitor, em certos momentos, precisa desse tipo de leitura para tomar conhecimento do que tem sido produzido no fórum.

Ao ler um fórum, o leitor pode, no entanto, construir seu sentido retirando da sua leitura todos os ruídos conversacionais que ocorreram no desenvolvimento do fórum. A depender da necessidade ou do interesse, um determinado leitor, poderá, também, evidenciar apenas os ruídos conversacionais, por entender que tais interlocuções são passíveis de uma maior discussão pela importância que representam no contexto global do curso.

Como exemplo, há o caso da sequência apresentada, no item 3.2.1, desse capítulo, em que os alunos surdos podem, por exemplo, relevar os **Enunciados de 56 a 58** para discutir com todo o grupo a importância do uso da língua de sinais, na forma como o surdo constrói seus sentidos. Apesar dessa, não ser a temática da unidade, discutida na disciplina, do fórum em questão, ela diz respeito ao desenvolvimento do curso e, portanto, aos alunos envolvidos.

4 O PERCURSO METODOLÓGICO: DA GERAÇÃO À ANÁLISE DE REGISTROS

4.1 O PERCURSO METODOLÓGICO

Com o objetivo de investigar como se processa a construção de sentidos nos fóruns de discussão do AVEA, do curso de Licenciatura em Letras LIBRAS, propus, no decorrer da pesquisa, algumas atividades intervencionistas de caráter metodológico para o uso dos fóruns. As atividades foram programadas e planejadas após um período de observação do ambiente, em que constatei a forma como os fóruns de discussão vinham sendo desenvolvidos no contexto do polo UFBA.

As dúvidas quanto ao problema é que me instigaram a ir a campo e entender esse processo de construção de sentidos em ambientes virtuais de aprendizagem em que a linguagem escrita, como aspecto central do processo, se caracteriza como a responsável pela disseminação das constantes transformações sociais, políticas, culturais geradas pela criatividade do ser humano. No caso do curso Letras LIBRAS, há uma ênfase pela necessidade de que, a língua de sinais seja também reconhecida como aspecto central e, portanto, como forma legítima de interação nas conversações dos fóruns.

O contexto de dúvidas e incertezas é bem enfatizado por Garcia (2001) ao afirmar que a dúvida, a incerteza, a insegurança, a consciência de nosso ainda não saber é que nos convida a investigar e investigando, podemos aprender algo que antes não sabíamos.

Com base em incertezas e dúvidas quanto ao objeto da pesquisa, há uma proposta de investigação que se insere na linha da Abordagem Qualitativa com o objetivo de 'adentrar' o espaço do AVEA e analisar de que forma os sujeitos participantes interagem na busca de construção de sentidos para a constituição de saberes pertinentes ao desenvolvimento da temática apresentada em cada contexto específico. Bogdan e Biklen (1994, p. 11) conceituam a Investigação Qualitativa como uma "[...] metodologia de investigação que enfatiza a descrição, a indução, a teoria fundamentada e o estudo das percepções pessoais." Como a questão central da pesquisa é discutir os processos de construção de sentidos

dos textos produzidos por sujeitos que se comunicam por meio de um novo tipo de comunicação conhecida como Comunicação Mediada por Computador (CMC) e desenvolvem atividades orientadas (por um professor) com vistas a processos de aprendizagem, em ambientes virtuais de aprendizagem, a abordagem qualitativa se caracteriza como o eixo que norteará todo o processo de investigação.

Santos Filho (1997) assinala que na abordagem qualitativa, o foco é a experiência individual de situações, o senso comum, o como. Com este tipo de pesquisa, tenho condições de adentrar o espaço dos fóruns de discussão do polo UFBA, fazendo parte do seu cotidiano, bem como fazer descrições detalhadas da situação por meio de uma interação constante com o objeto de pesquisa.

Uma das características desse tipo de pesquisa é o envolvimento em trabalho de campo aproximado. Por meio dessa interação é possível que, como pesquisadora, eu possa rever as questões que orientam a pesquisa, pois a ênfase maior, nesse tipo de pesquisa, é dada ao processo e não ao produto final, como bem fundamenta Bogdan e Biklen (1994, p. 49):

Os investigadores qualitativos interessam-se mais pelo processo do que simplesmente pelos resultados ou produtos. Como é que as pessoas negociam os significados? Como é que se começaram a utilizar certos termos e rótulos? Como é que determinadas noções começaram a fazer parte daquilo que consideramos ser o “senso comum”? Qual a história natural da actividade ou acontecimentos que pretendemos estudar? [...]

Os referidos autores salientam que o objetivo dos investigadores qualitativos é o de compreender como se dão os comportamentos e as experiências humanas, tentando, dessa forma, compreender, também, o processo mediante o qual as pessoas constroem significados e conseguem por elas próprias descrever esses mesmos significados.

4.1.1 Abrangência espacial e social

Os ambientes virtuais de aprendizagem se caracterizam por terem como meta uma atividade comunicativa em direção a processos de aprendizagem. Nesse sentido, se caracterizam como ambientes fechados e restritos aos sujeitos,

que por partilharem de interesses comuns se conectam e interagem por meio da comunicação mediada por computador com objetivos definidos para a constituição de saberes. Para participarem do processo é preciso que sejam 'aceitos' pelo responsável pelas atividades propostas. No caso do curso, em questão, os alunos que participam do curso, prestaram vestibular.

A proposta desse projeto, desde seu início, vislumbrou o ambiente MOODLE, como espaço de pesquisa, por se tratar de uma plataforma de domínio público e de fácil acesso para uso das instituições públicas de ensino superior.

Nesse sentido, o objeto de estudo, ora apresentado, se constitui no contexto do Curso de Licenciatura em Letras com habilitação em Libras – Polo UFBA, Turma 2006.

4.1.1.1 O curso Letras LIBRAS e o polo UFBA

O Curso de Graduação de Licenciatura em Letras, com habilitação em Língua Brasileira de Sinais, é realizado na modalidade a distância, começou a ser oferecido pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC) com a participação de nove instituições: Instituto Nacional de Educação de Surdos (INES), Universidade de Brasília (UNB), Universidade de São Paulo (USP), Universidade Federal do Amazonas (UFAM), Universidade Federal do Ceará (UFC), Universidade Federal da Bahia (UFBA), Universidade Federal de Santa Maria (UFSM), CEFET de Goiás e a própria UFSC. O Curso é desenvolvido em forma de rede, sob a coordenação geral da UFSC e das coordenações locais nos polos. Atualmente, com as turmas iniciadas em 2008, existem 18 polos em todo o país.

O Curso de Licenciatura em Letras Libras, na modalidade a distância, integra as políticas de inclusão social e de diversidade da UFSC e responde ao reconhecimento da cultura surda, respaldada na Lei 10.436, de 24 de abril de 2002, regulamentada pelo Decreto 5626, de 22 de dezembro de 2005. Nesse caso específico, o curso atende a uma demanda especial, motivada pelo Ministério de Educação e Cultura (MEC) para responder ao compromisso com as políticas de inclusão social, viabilizando a oferta desse Curso de Graduação para a formação de professores que possam apropriadamente atuar como professores de LIBRAS. A

escassez de profissionais qualificados no país e sua concentração nos grandes centros geram a necessidade de potencializar o conhecimento dos especialistas para atender maiores contingentes de estudantes. Nesse sentido, o objetivo geral do curso é formar professores para atuar no ensino da língua de sinais como primeira e segunda línguas.

A proposta pedagógica deste Curso de Licenciatura em Letras Libras ancora-se em três importantes princípios para a formação na modalidade a distância: a interação, a cooperação e a autonomia.

As situações de aprendizagem são organizadas para três modos de informação, isto é, os conteúdos e as atividades são apresentados e desenvolvidos em três formatos:

- Material didático Impresso;
- Material didático online;
- Material didático em DVD vídeo.

A carga horária das disciplinas a distância é de, aproximadamente, 70% do total e trabalhada com o auxílio dos seguintes meios de comunicação: Ambiente virtual de ensino-aprendizagem, videoconferência e correio.

O AVEA disponibiliza correio eletrônico (e-mail), bate-papo (chat), murais de recado e fórum de discussão, leituras hipertextuais, biblioteca virtual. O AVEA utilizado nesse Curso é a plataforma MOODLE que se caracteriza como um sistema desenvolvido de forma colaborativa que permite a criação e a administração de cursos na Web e tem um código aberto, livre e gratuito. O MOODLE está sendo customizado por uma equipe técnica de informática da UFSC para os cursos de licenciatura e foi ajustado especialmente para esse Curso.

A videoconferência como um meio de comunicação considerado presencial-virtual possibilita interação, em tempo e espaço síncrono, extensível a múltiplos pontos de recepção. Esse recurso é utilizado em todas as disciplinas, possibilitando no mínimo dois momentos de interações entre o professor ministrante e os estudantes.

O correio é utilizado para envio de documentos e materiais da UFSC para os polos e vice-versa.

A carga horária presencial, aproximadamente, 30% da carga horária de cada disciplina, é realizada nos polos e compreende: interação em videoconferência entre

professores das disciplinas, professores assistentes e alunos; encontro de estudos presenciais entre tutores e alunos, para esclarecimentos de dúvidas e aprofundamento de questões; Oficinas (PCC) e organização e acompanhamento de atividades de estágio supervisionado; exames: avaliações presenciais das disciplinas, atendendo à legislação específica para educação a distância e à regulamentação da UFSC. Os exames são elaborados pelos professores e aplicados pelos tutores nos polos regionais. As atividades são acordadas em um cronograma geral definido pela coordenação geral do curso, e em cronogramas locais acordados entre coordenadores de polos, tutores e alunos, explicitados nos planos de ensino.

O ambiente virtual de aprendizagem do curso permite a emissão de relatórios detalhados sobre a navegação e a participação do aluno nas atividades propostas, dentre as quais se destacam: a) participação nos fóruns: é possível visualizar o número de contribuições individuais do aluno. O tutor pode organizar o relatório com base nos dados disponíveis no ambiente e os critérios previamente estabelecidos pelo professor; na organização de fóruns de discussão é aconselhável a proposição de temas que estimulem o aluno à pesquisa e ao aprofundamento do conteúdo; uma alternativa é a discussão de aspectos que contemplem a relação teoria-prática, isto é, situações da prática profissional dos alunos à luz dos conteúdos estudados. b) participação nos bate-papos: a exemplo do fórum, essa ferramenta permite a emissão de relatórios com a descrição da participação de cada aluno e sua contribuição para a discussão do tema proposto.

Algumas pesquisas têm demonstrado que essa ferramenta tem melhores resultados com o uso de temas bem definidos, como a discussão de estudos de casos ou resposta a questões previamente definidas. c) avaliações com resposta automática: no ambiente podem ser emitidos relatórios sobre o número de vezes que o aluno realizou a atividade e o percentual de aproveitamento obtido. d) relatório de acesso total: permite identificar o tempo e o percurso da navegação realizada pelo aluno no ambiente de aprendizagem, por exemplo, quais os textos que foram acessados. Esse relatório identifica toda a trajetória do aluno no ambiente, por determinados períodos. e) atividades realizadas em grupos: o professor pode propor uma atividade em grupo, que deverá ser desenvolvida no ambiente. É possível monitorar a participação de cada aluno no grupo.

4.1.2 Os sujeitos da pesquisa

Os sujeitos da pesquisa são os interlocutores que, em um processo de leitura, escrita e sinalização de textos, interagem e dialogam, numa perspectiva de aprendizagem, nos fóruns de discussão, disponibilizados pelos professores das disciplinas e abertos pela tutoria do polo. Os sujeitos investigados fazem parte da primeira turma do curso Letras LIBRAS, do polo UFBA, com ingresso no ano de 2006. A referida turma é composta por 50 alunos, sendo 19 surdos. Esse número sofreu um decréscimo no decorrer do curso. O polo conta com um coordenador e dois tutores. Cada tutor é responsável por um grupo de, aproximadamente, 25 alunos.

É importante salientar que a figura do tutor/professor é tratada, nessa pesquisa, como um dos participantes do processo. Utilizo os termos “nome do aluno”, “nome do tutor”, “nome do professor” quando há referência desses sujeitos nos fóruns, com o objetivo de proteger sua identidade. Os registros dos fóruns são sempre apresentados com a indicação: mensagem postada, seguida da data e a referência de aluno surdo ou ouvinte, tutoria, professor ou monitor. Os registros das entrevistas são apresentados em tópicos separados, não havendo, portanto, a necessidade de identificar cada excerto apresentado.

4.1.3 Entrada em campo

A entrada em campo observou alguns critérios evidenciados pela Resolução nº 196/96:

A eticidade da pesquisa implica em: a) consentimento livre e esclarecido dos indivíduos-alvo e a proteção a grupos vulneráveis e aos legalmente incapazes. Neste sentido, a pesquisa envolvendo seres humanos deverá sempre tratá-los em sua dignidade, respeitá-los em sua autonomia e defendê-los em sua vulnerabilidade. [...]

Meu primeiro procedimento foi a apresentação de uma carta de aceite (consentimento livre e esclarecido para participação em estudo que analisa os processos de construção de sentidos em ambientes virtuais de aprendizagem) aos

alunos do polo UFBA, com as explicitações sobre o objetivo da pesquisa. Na oportunidade, conversei com os alunos sobre algumas questões relativas aos ambientes virtuais e fóruns de discussão online. Também foi enviada uma proposta de pesquisa para a coordenação geral do curso, com o objetivo de solicitar a minha inscrição, no ambiente do curso, para acesso ao AVEA. O processo de observação do ambiente iniciou-se assim que recebi, da coordenação técnica do ambiente, nome de usuário e senha de acesso.

4.1.4 Instrumentos da pesquisa

O trabalho de intervenção se caracterizou como um dos principais instrumentos da pesquisa. O objetivo inicial da pesquisa centrava-se na perspectiva de analisar os processos de construção de sentidos nos fóruns de discussão. Ao observar a dinâmica do fórum, constatei que estes, até então, eram desenvolvidos com o objetivo de tirar dúvidas em relação a questões técnicas do ambiente e aspectos das atividades, do material disponível no ambiente, datas de entrega das atividades, etc. Não havia propostas de discussão e debates. Os fóruns eram abertos pelos tutores e pelos alunos como fóruns gerais, e por isso não havia encadeamento de discussões e ideias. O percurso da pesquisa foi reprogramado e os primeiros fóruns de intervenção foram abertos, por mim, com o apoio da coordenação local, com o intuito de apresentar uma proposta de uso dos mesmos.

Nesse sentido, a ideia inicial, foi de construir um contexto de investigação para a geração dos registros. Para a abertura dos fóruns, foi realizada uma reunião com a coordenação do curso, com a presença das tutoras, com vistas a explicitar o objetivo da intervenção. Nessa oportunidade, foram explicadas as especificidades de cada fórum e suas finalidades. Para a realização dessa intervenção houve uma participação ativa, tanto da coordenação quanto da tutoria.

Com base nos processos de intervenção, a observação foi necessária para analisar e avaliar seus efeitos, bem como, para planejar as ações necessárias no decorrer da pesquisa. As análises desse processo de intervenção e dos fóruns pós-intervenção foram determinantes no planejamento da segunda

atividade de intervenção proposta no desenvolvimento da investigação. Para a realização dessas atividades, contei com a participação ativa da tutoria, não havendo uma participação direta, da minha parte, nos fóruns. Havia um diálogo constante com a tutoria, motivado pelas observações que eu fazia do desenvolvimento das discussões nos fóruns. Sempre que possível, eu fazia algumas intervenções com vistas a dinamizar a participação dos alunos nas discussões ocorridas durante o desenvolvimento das disciplinas.

Portanto, no decorrer da pesquisa, foram feitas duas intervenções. A primeira ocorreu com o objetivo de dinamizar as discussões nos fóruns. Nesse caso, os fóruns foram criados pela pesquisadora. A segunda intervenção teve como objetivo apresentar aos alunos a possibilidade de discutir os conteúdos das disciplinas em língua de sinais. Para a realização dessa intervenção, as mensagens de abertura dos fóruns, de uma das disciplinas do curso, foram feitas em LIBRAS pela tutoria.

Após a segunda intervenção, foram feitas entrevistas com os alunos do polo, com o objetivo de compreender o olhar dos alunos em relação às intervenções feitas no ambiente e em relação à proposta bilíngue que se instaurou nos desenvolvimentos dos fóruns de intervenção. As referidas entrevistas foram feitas em português, com os alunos ouvintes, e em LIBRAS, com os alunos surdos. Como o meu conhecimento em LIBRAS ainda é limitado, as entrevistas em LIBRAS foram transcritas por mim e, posteriormente, por um profissional, intérprete de LIBRAS, com vistas a não correr riscos em relação à interpretação dos dados. Foram entrevistados 08 alunos surdos e 11 alunos ouvintes.

4.1.5 Análise dos registros

O termo registro é aqui utilizado, para apresentar as postagens dos fóruns de discussão, bem como, para apresentar as entrevistas realizadas com os alunos. Os registros serão colocados dentro de uma moldura como excertos, visto que, no caso dos fóruns há uma ideia subjacente de um texto coletivo, e, no

caso, das entrevistas, os registros utilizados são recortes em forma de excerto. Foram definidos alguns critérios e categorias para analisar de que forma os processos de construção de sentidos são elaborados pelos sujeitos participantes. O referencial teórico, estudado, ao longo do curso, propiciou uma definição mais clara dos critérios analisados. As categorias construídas para análise e discussão foram as seguintes:

- a) O processo inicial de intervenção;
- b) A participação do aluno surdo nas discussões dos fóruns das disciplinas;
- c) A LIBRAS no contexto dos fóruns de discussão;
- d) O contexto bilingue nos fóruns de discussão sob o olhar dos alunos surdos e ouvintes.

4.2 O PROCESSO INICIAL DE INTERVENÇÃO

4.2.1 Observando o ambiente

O período inicial de observação no AVEA, do curso Letras LIBRAS, espaço do polo UFBA, foi de 30 dias. Durante esse processo de observação, foi verificado que os fóruns de discussão eram pouco utilizados pelos alunos. A observação trouxe indícios de que não havia, por parte dos tutores e alunos do polo, uma compreensão acerca das potencialidades do fórum de discussão como possibilidade de produção de conhecimento individual e coletiva.

Durante o período de observação, foi constatado que os fóruns estavam sendo utilizados como uma forma de comunicação entre os alunos e os tutores no processo de questionamento de dúvidas sobre as atividades, sobre os materiais disponíveis no ambiente, as datas de entrega das atividades e sobre dúvidas de como proceder em relação às atividades solicitadas. Nesse sentido, os fóruns podem ser compreendidos por meio de diferentes propósitos:

- a) uma ferramenta utilizada com o propósito de sanar dúvidas em relação a problemas técnicos ocorridos no decorrer do curso;
- b) uma ferramenta utilizada com o propósito de enviar atividades, mesmo que no ambiente, outra ferramenta tenha este mesmo objetivo;
- c) uma ferramenta para tratar de dúvidas em relação às datas e a forma de como proceder em determinadas atividades.



Figura 3: Postagem de atividades no fórum

Em relação ao envio de atividades, geralmente, os alunos postavam a atividade como anexo e apenas o indicavam em sua fala, como nos mostra a Figura 3. Em contextos em que, o fórum foi aberto para o desenvolvimento de alguma atividade, apresentava um número mais significativo de postagens, mas sem muita discussão.

Muito pouco se usou o fórum para debater questões pertinentes ao conteúdo estudado em cada disciplina do curso. Outro fato que chamou a atenção foi uma abertura, no ambiente, para que os alunos iniciassem sessões de fóruns dentro das disciplinas. Esse procedimento favorece um número muito grande de fóruns isolados

em que não há interação entre as pessoas no ambiente. Muitos alunos apenas abriam um fórum, para postar a sua atividade². O fórum, nesse contexto, apresenta uma característica de armazenamento individual da atividade. Não há discussão sobre a atividade como, muitas vezes, é proposto pelo professor, para que a atividade seja discutida no fórum.

Em relação ainda à atividade, foi muito comum encontrar fóruns, abertos pelos alunos, com a atividade postada em forma de texto no corpo do fórum e não anexada como indicado na Figura 3.

Esse formato de abertura de fóruns, em que todos os participantes têm permissão para iniciar novas sessões de fóruns, favorece um quantitativo grande de fóruns simples, dentro do fórum geral. Em uma das atividades propostas, a constituição do fórum, ocorreu por meio de 13 páginas, cada página contendo 100, totalizando, assim, 1300 fóruns simples, abertos por tutores e alunos. Acredito que esse número considerável de fóruns possa dificultar processos de interação e inter-relações entre os participantes e as ideias apresentadas naquele espaço.

A Figura 4 mostra uma das páginas de um fórum geral que foi aberto para que os alunos postassem suas atividades. Percebe-se, nesse caso, que se trata da abertura de sessões individuais de fórum simples e que não há relação de comunicação dentro desses espaços.

² No ambiente MOODLE é possível a abertura de fóruns gerais e fóruns para uma única discussão simples. O fórum geral proporciona ao participante a possibilidade de abertura de vários fóruns simples que muitas vezes se tornam fragmentados por não haver uma continuidade.

4.2.2 A organização dos fóruns de discussão no curso Letras Libras

No curso Letras Libras, as disciplinas são organizadas no ambiente por tópicos ou temáticas em que cada tópico ou temática apresenta um conteúdo que é trabalhado em videoconferência e disponibilizado em forma de texto escrito em língua portuguesa e vídeo em LIBRAS como mostra a Figura 5.



Figura 5: Apresentação de uma disciplina no AVEA

O período de observação do ambiente, com foco nos fóruns de discussão das disciplinas, foi relevante para a preparação da atividade de intervenção com o objetivo de apresentar aos alunos e tutores do Polo UFBA uma proposta de uso dos fóruns de discussão no ambiente virtual. O objetivo da intervenção também se movimentou no sentido de conscientizar alunos e tutores sobre a importância

daquele espaço nos processos de construção de ideias e significados pertinentes aos conteúdos trabalhados nas disciplinas do curso.

O entendimento de que o Fórum de discussão, como um gênero do discurso, comporta características que são inerentes a qualquer gênero do discurso, como conteúdo temático, estilo e construção composicional, motivou a proposta de intervenção, no sentido de que os alunos construíssem possibilidades de uso desse espaço, como forma de construção de sentidos. O conceito de *atividade responsiva ativa*, apresentado por Bakhtin (2003) é relevante no desenvolvimento das discussões nos fóruns, pois os enunciados podem significar uma cadeia dialógica que se estabelece com base nas réplicas e alternância entre quem lê e escreve e/ou sinaliza. No dizer do autor, a compreensão responsiva ativa se constitui como a fase inicial e preparatória para uma resposta. Resposta que pode não se manifestar, mas que pode se constituir numa compreensão muda ou compreensão retardada que, cedo ou tarde, propicia que, o que foi “compreendido de modo ativo encontrará um eco no discurso ou no comportamento subsequente do ouvinte” (p. 291).

Nesse sentido, há a compreensão de que, na perspectiva educacional, no contexto da educação a distância, em que o contato presencial entre os alunos é limitado em relação ao período total do curso, o fórum de discussão do ambiente virtual, representa o espaço propício a trocas e construção coletiva de significados, que se potencializam, pela participação efetiva dos alunos, tutores e professores. Há, aqui, uma consideração de que, o fórum de discussão tem estreita relação com uma sala de aula interativa em que a interação entre alunos e professores é constante na busca de conhecimento. É fato que em aulas participativas, no contexto de educação, em modalidade presencial, os processos de interação entre professor-aluno e aluno-aluno ocorrem a todo o momento. No contexto dessa pesquisa, há o entendimento de que o espaço do fórum se constitui de forma similar às situações de aula em que a interação acontece com vistas a permitir que todos possam produzir conhecimento, inclusive o professor.

A estrutura virtual de comunicação, inerente ao ambiente virtual de ensino e aprendizagem, favorece uma interação que transcende os limites de tempo e espaço, proporcionando a construção de redes de inter-relações que crescem a partir das práticas vivenciadas no percurso do processo.

4.2.3 A proposta de intervenção

As atividades de intervenção, propostas, se constituem como instrumento de mudança naquele espaço educacional. O interesse, nesse contexto, se estabelece mais no campo do conhecimento prático do que do conhecimento teórico. A partir do momento que passei a fazer parte do grupo do Polo UFBA, com a permissão da Coordenação Geral e Local, pude, como membro do grupo, conhecer e refletir sobre aquela realidade e, dessa forma, apresentar aos tutores, alunos e à Coordenação Local uma proposta de uso dos fóruns de discussão

Conforme Barbier (2007), o pesquisador não provoca o problema de pesquisa, ele nasce de uma constatação. Como já citado, anteriormente, o objetivo que move essa pesquisa se direciona no sentido de compreender os processos de construção dos sentidos com base nos textos, escritos e sinalizados, produzidos por sujeitos que se comunicam por meio de um novo tipo de comunicação conhecida como Comunicação Mediada por Computador (CMC) e desenvolvem atividades orientadas (por um professor) com vistas a processos de aprendizagem, em ambientes virtuais de aprendizagem. Durante o período de observação foi constatado que o fórum não estava sendo utilizado de forma que propiciasse um ambiente participativo e, portanto, discursivo. Nessa perspectiva, a intervenção ocorreu no sentido de apresentar aos alunos e tutores uma forma diferente de trabalhar com os fóruns de discussão. Importante salientar, que as propostas de intervenção não se desenvolveram com propósitos de criação de um modelo de uso dos fóruns, mas como uma perspectiva de construção.

Não há, na atividade de intervenção, uma preocupação em apresentar uma amostra representativa; a preocupação é com a coletividade, ou seja, os fóruns criados como atividade de intervenção foram interpretados e analisados com uma visão global do polo.

É importante relatar que, durante esse processo de observação, tive a oportunidade de conversar com a Coordenação Geral do curso sobre a forma como os fóruns estavam sendo utilizados. Houve, por parte da Coordenação, uma preocupação em reestruturar os fóruns das disciplinas de forma que disponibilizasse aos alunos a oportunidade de discussões efetivas sobre os conteúdos trabalhados.

Durante a vigência dos fóruns, foram mantidos contatos entre a pesquisadora, a Coordenação Local do polo e os tutores para discussões em relação à análise do processo de interação nos fóruns. Esses diálogos aconteceram via email e/ou pelo Comunicador instantâneo MSN.

4.2.4 A intervenção

Foi planejado um encontro com os tutores e os alunos do polo UFBA com o objetivo de caracterizar o fórum de discussão em um ambiente virtual de aprendizagem. A discussão se pautou no fato de que, na educação a distância, não temos o espaço da sala de aula para discussões e debates. No caso do curso Letras LIBRAS, temos um percentual de 70% do curso de forma virtual. Faz-se necessário que no ambiente virtual se crie em um espaço em que sejam possíveis os processos de interação entre alunos, professores e tutores e que tal espaço propicie um ambiente em que a intervenção pedagógica seja constante, dando oportunidade para que relações de trocas se estabeleçam e se constituam na produção de conhecimento. Nesse momento, foram apresentados, para os alunos, três fóruns que foram criados no espaço do polo UFBA, para tentarmos vivenciar alguns dos aspectos que foram discutidos nesse encontro. Os fóruns de intervenção foram os seguintes: **Primeiros Contatos, Aspectos Linguísticos e Portfólio.**

O primeiro fórum, com o nome de 'Primeiros Contatos', foi aberto com o objetivo de iniciar uma conversa informal com os alunos por meio de apresentações. O fórum foi iniciado com a apresentação da pesquisadora convidando os alunos a participarem daquele espaço. Durante todo o desenvolvimento do fórum, a pesquisadora interagiu com os enunciadoreis com o intuito de estabelecer diálogos com os participantes.

O segundo fórum, intitulado 'Aspectos Linguísticos', foi proposto para discussões acerca dos conteúdos temáticos tratados na disciplina Estudos Linguísticos. Esse fórum teve a participação efetiva da Coordenadora do polo, que, durante todo o processo, estabeleceu relação dialógica com os alunos na discussão dos conteúdos pertinentes à disciplina Estudos Linguísticos. Foi proposto à Coordenadora iniciar o fórum com um questionamento pertinente às discussões da

disciplina. Inicialmente, não houve ‘resposta’ de nenhum dos alunos. Fiz, então, outro convite aos alunos para a participação e, logo após, se iniciou um processo discursivo dentro do fórum. Um fato que marcou muito a participação dos alunos nos fóruns foi a elaboração de apresentações de PowerPoint para explicação de conteúdos. O uso de imagens é relevante na forma como o aluno surdo constrói seus significados. Muitas das falas dos alunos surdos expressaram este aspecto: “Ótimo explicar muito claro...”, “Está claro pela necessidade da explicação que precisa entender melhor aquilo tudo...”.

O terceiro fórum, chamado de ‘Portfólio’, foi aberto com o objetivo de proporcionarmos aos alunos uma possibilidade de arquivo individual para o depósito das atividades solicitadas no percurso do curso. Dentro da estrutura do ambiente virtual MOODLE, os dois primeiros fóruns são caracterizados como fóruns simples, pois partem de uma única discussão, formando uma cadeia de enunciados. O portfólio é caracterizado como um fórum geral, pois cada aluno abre seu espaço para arquivar as suas atividades.

Esse fórum também foi importante para diferenciar dos dois primeiros. Nesse modelo de fórum, o objetivo é o armazenamento de informações pertinentes a cada aluno. Não há o objetivo de discussão ou de debate acerca de determinado tema. Esse esclarecimento se faz necessário ao aluno para que ele construa a dimensão de um fórum aberto com objetivo de construção de conhecimentos.

A seguir, apresentamos algumas considerações que foram feitas em relação aos fóruns de intervenção.

4.2.4.1 Primeiros contatos

No fórum ‘Primeiros Contatos’, houve uma participação expressiva dos alunos. Por se tratar de um espaço com características informais, não havia, por parte dos participantes, nenhuma relação com compreensão de conteúdos. O fórum se constituiu como um bate-papo assíncrono em que as pessoas tiveram a oportunidade de compartilhar um pouco de sua vida pessoal e profissional com os outros participantes. O objetivo inicial foi apresentar, aos alunos, a organização de um fórum a partir de uma cadeia de diálogos.

As contribuições no fórum se estabeleceram como respostas à primeira inserção no fórum. A palavra **Responder**, que possibilita a participação de um usuário no fórum, foi utilizada, pelos alunos, como uma forma de responder a uma solicitação de apresentação como mostra a Figura 6. Os fóruns podem apresentar tipos textuais diversos, ou seja, argumentos, contra-argumentos, relatos, contribuições, questionamentos, respostas aos questionamentos, inferências, dentre outros. Como esse fórum foi criado para que todos se apresentassem, os enunciados tiveram a característica de relatos e contribuições.

Durante toda a discussão, os alunos contaram com a participação da pesquisadora, que, regularmente, respondia ao relato dos alunos sobre a questão proposta no início do fórum. Sempre houve a preocupação em se dirigir aos alunos pelo nome, dando indicativo claro de que seu texto havia sido lido e estava sendo comentado. Em alguns momentos, algumas perguntas foram dirigidas à pesquisadora e foram prontamente respondidas, criando assim um vínculo entre os enunciados.



Figura 6 - Fórum de discussão primeiros contatos

RESPONDER

Nesse momento, o polo UFBA³ é composto por 50 alunos, sendo 19 alunos surdos. Conforme o Quadro 1, dezenove alunos participaram do fórum Primeiros Contatos, sendo cinco surdos. A linguagem escrita se apresentou de forma bastante informal com abreviações como “vc” para “você”, como em: “Adorei que vc estivesse...”. Verificamos, também, o uso de imagens juntamente com o texto escrito: “... seja bem vinda 😊 a este espaço...”.

O número de participação dos alunos surdos foi inferior à participação dos alunos ouvintes, nesse fórum. Esse fato, apesar de trazer uma reflexão acerca dos usos linguísticos da pessoa surda, não se constitui, nesse momento em aspecto de análise, mas nos traz o entendimento da necessidade de discutir, junto aos tutores, a construção de formas de legitimação da Língua Brasileira de Sinais nos fóruns de discussão.

Nº de inserções	28
Nº de participantes não surdos	14
Nº de participantes surdos	05

Quadro 01: Primeiros Contatos

5.2.4.2 Aspectos Linguísticos

O fórum ‘Aspectos Linguísticos’ foi iniciado com um questionamento sobre uma temática discutida anteriormente na videoconferência da disciplina Introdução à Linguística e em textos disponibilizados no ambiente. A participação dos alunos se mostrou mais limitada do que no fórum Primeiros Contatos. Dos 47 alunos então participantes no Curso, apenas 11 participaram, sendo que a maioria dos participantes era composta de alunos surdos. No total, foram 38 inserções como mostra o Quadro 2. A maior participação do aluno surdo nesse fórum pode ter relação com as apresentações elaboradas em PowerPoint, em que o uso de

³ O termo Pólo UFBA é utilizado, nesta pesquisa, com referência à turma que ingressou no curso em 2006, na licenciatura. Hoje, o pólo conta com mais duas turmas que não se vinculam a esta pesquisa: A turma do curso de Bacharelado e a turma do curso de Licenciatura.

imagens foi constante. Neste momento, ainda é prematuro afirmações nesse sentido, mas esse fato é relevante na compreensão da forma de como o aluno surdo se insere nesse contexto de fóruns de discussão, em que a língua portuguesa é a língua utilizada para a comunicação nesse espaço.

Nº de inserções	38
Nº de participantes não surdos	05
Nº de participantes surdos	06

Quadro 02: Aspectos Linguísticos

O fórum se iniciou a partir de um questionamento. Como os alunos permaneceram em silêncio por três dias, reafirmamos o questionamento, chamando os alunos para a participação. Uma aluna, timidamente, respondeu ao questionamento, que logo foi comentado e contra-argumentado por nós, na tentativa de provocar mais discussões sobre a questão. A partir de então, alguns alunos começaram a participar, demonstrando dificuldade com o conteúdo. Na tentativa de dirimir as dúvidas, a coordenadora do polo apresentou alguns *slides* no *PowerPoint*, com imagens e vídeos, fato que gerou um avanço nas discussões, pois tivemos um número expressivo de participação dos alunos surdos.

Há, no fórum, vários depoimentos sobre o uso dos slides na explicação de algum conteúdo. Na fala dessa aluna surda há uma constatação de que o uso da imagem, do desenho, é um diferencial para o aluno surdo. Seu relato também apresenta indicativos de sua dificuldade em estudar conteúdos que não apresentem a LIBRAS como língua de instrução. *“Eu já li seu powerpoint esta esclarecimento, sempre mostra o desenho, por exemplo e explicar é resumo que eu entendo e gostei esse powepoint, mas eu tenho duvidas de alguma sobre avanço na disciplina de lingüística do hipermídia em AVEA, sem filmes em LIBRAS não abrir, tem mais o texto que eu ler, infelizmente! Vc sabe que eu compreendo como primeiro língua do que segunda língua. pois é.. depois eu tirarei-duvidas anotar e ir resposta-perguntar que vc vai me explicar. Ta bom.. Entendeu?”*

É importante salientar que alunos de outros polos, a exemplo dos polos de Goiás, Santa Maria e Brasília, viram os *slides*, e os tutores e coordenadores, desses

polos, solicitaram da coordenação local que enviasse os arquivos para que eles os inserissem, em seus espaços de discussão. Nesse sentido, entendemos que houve um processo de compartilhamento e por isso, de cooperação entre os polos.

Nesse fórum, verificamos que a palavra “**responder**” traduzia alguns tipos textuais distintos:

Aluno A: *Estava esperando alguém abrir o caminho, mas já que ninguém se prontificou. Vou arriscar.*

O significante é o objeto em si, no caso do exemplo acima, a resposta correta é B.

Espero não estar confundindo os conceitos. (ARGUMENTO)

Vamos discutir.

Pessoal, cada tem que colocar a sua resposta... Vamos participar!

Bjs

Interventor: *parabéns! vc inaugurou nosso primeiro fórum de discussão! Bem, pensando na resposta da xxxxx, será que poderíamos pensar também nas outras alternativas? será que significante só estaria relacionado à imagem da bola? o que vcs acham? (CONTRA-ARGUMENTO + QUESTIONAMENTO)*

Aluno A: *Pensando melhor, lembrei das palavras abstratas, como seria um significante só pela imagem?? Então, o significante é a palavra? Agora fiquei confusa! rrsr (COMEÇA O DEBATE) (SURGE UMA DÚVIDA)*

Aluno B: *Eu acho que as alternativas corretas são A e B. (OUTRA ARGUMENTAÇÃO)*

O significante pode ser representado pela imagem ou pelo som.

É o lado material (os sons da língua falada ou as letras na língua escrita).

Percebe-se que, ao enunciar, o Aluno A se constitui como um elo nessa cadeia de enunciados. Ao finalizar, passa a palavra ao outro dando, assim, espaço para uma compreensão responsiva ativa do outro, que se interconecta com os outros enunciados, os anteriores e os que ainda estão por se manifestarem. Nesse contexto, cada enunciado se constitui na elaboração do todo do texto. São porções

textuais que, no processo de diálogo, propiciam a construção de sentidos. É importante salientar que as porções textuais construídas, por cada interlocutor, se constituem como um texto coletivo, no momento em que visualizamos o todo do fórum de discussão.

4.2.4.3 Portfólio

O fórum Portfólio apresentou uma configuração distinta dos demais. Não se tratou, nesse contexto, de nenhuma discussão específica. O objetivo desse fórum foi chamar a atenção dos alunos para a natureza de um portfólio como forma de compartilhamento e arquivamento das atividades desenvolvidas durante o curso. Percebemos que poucos alunos aderiram ao solicitado no período da intervenção, mas há uma constatação de que, no decorrer do curso, os alunos continuaram utilizando o espaço desse fórum, como forma de arquivar todas as atividades do curso.

Nessa atividade participaram apenas 11 alunos, sendo que alguns postaram todas as atividades solicitadas no período de análise dessa atividade de intervenção. A Figura 6 apresenta uma sequência de atividades postadas por uma aluna do curso.

Esse fórum apresenta ao aluno uma possibilidade de uso do fórum com objetivos distintos dos fóruns 'Primeiros Contatos' e 'Aspectos Linguísticos' por demonstrar que nesse espaço não há necessidade de discussão, mas de arquivamento e compartilhamento de atividades. Há, por parte de alguns contextos educacionais, uma preocupação com a cópia de atividades. Na perspectiva de uso de um portfólio, dentro do AVEA, essa preocupação se minimiza, no momento em que todos têm acesso a atividade de todos. A "cola" perde seu sentido de ser, pois todos têm acesso à construção de cada um. Outra questão de relevância, em relação ao uso de portfólio em contextos de ambiente virtual, diz respeito ao fato de que os alunos visualizam seu processo de construção e não apenas o produto final do curso.



Figura 7: Postagem de atividades no Fórum Portfólio

Com a postagem das atividades no portfólio cria-se a oportunidade de discutir questões pertinentes ao compartilhamento de atividades. Como todas as atividades ficam para acesso livre a todos os participantes, é possível discutir com os alunos o fato deles poderem compartilhar com os demais suas construções individuais. O espaço do portfólio pode se constituir como um espaço para cooperação entre os alunos, como expressa uma aluna.

Olá pessoal, foi ótimo criar esse espaço pois as nossas atividades podem ajudar uns aos outros. Aqui vai a atividade do estudo lingüístico 06. espero que entendam. Até mais..

(Mensagem postada no portfólio em 17 de abril de 2007)

Nesse sentido, entendemos que os fóruns de discussão podem se constituir a por meio de diversas direções, a depender do objetivo a que se propõem.

O processo de intervenção se constitui numa atividade relevante no desenvolver da pesquisa. Mesmo tendo um objetivo explícito para a atividade, os

resultados nos mostram novas possibilidades de interpretação e análise. A questão da participação do aluno surdo nos fóruns, por exemplo, se mostrou como relevante na direção da pesquisa. A possibilidade de uso da LIBRAS nas discussões dos fóruns pode se constituir como um diferencial na forma como o aluno surdo participa de seu processo de produção do conhecimento.

Ademais, a atividade de intervenção influenciou marcadamente o desenvolvimento dos fóruns de discussão que se seguiram. A observação constante no ambiente, e o diálogo com os tutores nos mostraram que a participação dos alunos tem acontecido de forma bem diferenciada de como ocorreu no 1º período do curso.

4.3 CONSIDERAÇÕES PÓS-INTERVENÇÃO: A PARTICIPAÇÃO DO ALUNO SURDO NAS DISCUSSÕES DOS FÓRUNS DAS DISCIPLINAS

O processo inicial de intervenção nos apresentou indícios de que a participação do aluno surdo nos fóruns de intervenção se constituiu de forma diferenciada quando foram disponibilizados *slides* elaborados no *PowerPoint*. Nesse sentido, foi necessário um estudo mais aprofundado dessa questão, com vistas a compreender a forma como o aluno surdo participa das discussões dos fóruns, disponibilizados pelos professores das disciplinas, para discussão de dúvidas e construção de ideias em relação ao conteúdo estudado.

O corpus dessa análise foi constituído pelos fóruns de discussão de duas disciplinas oferecidas no 2º período do curso e de duas disciplinas do 3º período. A escolha decorreu do fato de que a intervenção inicial se desenvolveu no curso do 1º período em que os fóruns ainda não se constituíam como espaços de discussão de ideias. A partir do 2º período, após a intervenção inicial, as observações no ambiente se intensificaram principalmente, em relação aos fóruns de discussão das disciplinas e, como observadora, tive condições de acompanhar o desenvolvimento dos fóruns e de discutir com os tutores alguns aspectos em relação à forma de condução das discussões nos fóruns. A partir de então, todo o processo de intervenção foi dirigido para os tutores do polo, ou seja, as interações com os alunos só ocorreram nos três fóruns de intervenção criados no período inicial da intervenção.

Um dos aspectos muito discutido com os tutores se relacionou com a forma como os fóruns estavam sendo iniciados. Foi proposto que os fóruns não começassem com uma indicação de discussão de dúvidas, mas com um comentário sobre o conteúdo trabalhado no tópico do fórum, seguido de um questionamento que pudesse levar os alunos a construir ideias sobre o assunto em pauta. Ao questionar, o tutor demonstra que há uma relação de busca de saberes e, portanto, de pesquisa e sua participação é fundamental, pois ao organizar o processo interacional, ele participa e provoca novos questionamentos, formando assim uma cadeia de enunciados e de sentidos. Nessa perspectiva, consideramos que a atuação do tutor, como participante do processo, se constitui como um diferencial na forma como o fórum se desenvolve. Nosso entendimento, entretanto, não se movimenta no sentido de responsabilizar o tutor pelo desenvolvimento do fórum, mas de compreendê-lo como um profissional que desempenha um papel de relevância no processo, pois é ele que organiza as interações no fórum.

Outro aspecto discutido, durante esse período de observação dos fóruns dessas disciplinas, tratou da questão da participação dos tutores nas discussões dos alunos. Foi discutido com os tutores sobre a necessidade de um acompanhamento mais intenso nas discussões dos fóruns, com o objetivo de intervir juntos aos alunos para promover diálogos produtivos no processo de construção de conhecimento. Intervenção se caracteriza, na perspectiva educacional, como um ato que pode constantemente marcar os processos que ocorrem com alunos em sua maneira de construir conhecimento. A interação aluno-aluno e tutor-aluno, no processo discursivo dos fóruns, representa um diferencial na forma como os fóruns são desenvolvidos.

Para efeito de compreensão dos dados, utilizamos os termos Tutor A (TA), Tutor B (TB), aluno surdo e aluno ouvinte. No grupo do Tutor A são oito alunos surdos, enquanto que no grupo do Tutor B, são onze. Em relação às disciplinas, utilizamos os termos D1, D2, D3 e D4, sendo que D1 e D2 referem-se às disciplinas do 2º período e D3 e D4 às disciplinas do 3º período. Apesar de apresentar os números em sequência de um a quatro, não há relação de sequência e/ou importância em termos da disciplina. A língua utilizada nas interações dos fóruns analisados é a língua portuguesa na modalidade escrita.

Em D1 foram abertos sete fóruns para cada tutor, totalizando quatorze fóruns na disciplina. Os alunos surdos participaram de cinco fóruns, como mostra o quadro 03.

FÓRUM	TUTOR	Nº / ALUNOS
01	TA	2
02	TA	2
04	TA	1
06	TA	1
07	TB	2

QUADRO 03- Participação dos alunos surdos nos Fóruns de D1

Nessa disciplina, observamos que o número total de inserções é pequeno em relação à quantidade de alunos matriculados no Polo, como nos mostra o quadro 04. Há uma percepção de que os fóruns foram criados com um indicativo de que se tratava de espaços para os alunos do polo discutirem suas dúvidas em relação à temática trabalhada no tópico da disciplina. Percebemos também que os fóruns mais participativos contam com a participação do Tutor.

FÓRUM	Nº / INSERÇÕES (TA)	Nº / INSERÇÕES (TB)
01	5	2
02	11	4
03	4	3
04	7	26
05	4	5
06	3	4
07	1	20

QUADRO 04- Participação dos alunos surdos e ouvintes nos Fóruns de D1

As inserções dos alunos surdos se constituíram pelos seguintes tipos textuais: quatro contribuições sobre o tema, duas perguntas, uma solicitação e um enunciado repetido. Das quatro contribuições sobre o tema, duas foram comentadas e retificadas pelo monitor da disciplina e uma foi comentada pelo tutor (TA). Das duas

perguntas, uma foi respondida pelo monitor da disciplina. A solicitação foi respondida pelo tutor (TB). O enunciado repetido não foi comentado.

As participações dos alunos surdos nesses fóruns ainda não retratam processos de construção de ideias e conceitos em relação ao conteúdo trabalhado. Suas inserções são pouco comentadas pelos colegas e pelo tutor e quando são comentadas não há um processo de intervenção que os provoque à discussão.

Em D2 foram criados 12 fóruns para cada tutor, totalizando 24 fóruns. Os alunos surdos participaram de treze fóruns:

FÓRUM	TUTOR	Nº / ALUNOS
01	TB	3
02	TB	4
03	TB	3
04	TB	1
05	TB	2
05	TA	1
06	TB	1
07	TB	1
08	TB	2
09	TB	2
10	TB	2
11	TB	2
12	TB	2

QUADRO 05- Participação dos alunos surdos nos Fóruns de D2

A maior participação ocorreu com os alunos da Tutora B, como indicado no quadro 03. Os fóruns mais participativos nos mostram um indicativo de diálogos entre os alunos. A participação do tutor também se mostra como um diferencial.

Assim como em D1, D2 também apresenta um número limitado de participações nos fóruns da disciplina, como indicado no quadro 06.

FÓRUM	Nº / INSERÇÕES (TA)	Nº / INSERÇÕES (TB)
01	3	13
02	1	5
03	3	7
04	3	8
05	17	6
06	1	10
07	-	1
08	1	7
09	1	9
10	2	5
11	2	5
12	1	4

QUADRO 06- Participação dos alunos surdos e ouvintes nos Fóruns de D2

Os tipos textuais apresentados nos fóruns de D2 se assemelham aos apresentados em D1, ou seja, perguntas, contribuições ao tema, agradecimentos e respostas a perguntas.

No fórum 01 (TB), 02 (TB) e 03 (TB) a participação dos alunos surdos é feita por meio dos diálogos sobre determinada questão levantada por um aluno surdo. Há nesse contexto uma relação dialógica, pois os interlocutores se utilizam de sua atividade responsiva e trocam ideias sobre o tema apresentado. No fórum 01, há a participação do tutor. No fórum 02, a participação dos alunos surdos também é marcada por um diálogo entre alunos surdos e um aluno não-surdo. Não há a participação de tutor. No fórum 03, o diálogo é iniciado pelo aluno surdo e comentado por um aluno surdo e um não-surdo. O fórum 06 é marcado por um pequeno diálogo entre três alunos surdos e um aluno não-surdo. O fórum 10, também apresenta um diálogo, entre dois alunos surdos e tem a presença da professora da disciplina que responde à pergunta de um dos alunos surdos.

A seguir, apresento um diálogo entre dois alunos surdos e um aluno ouvinte. Utilizo os termos **Aluno surdo A** e **Aluno surdo B** para diferenciar as falas de cada aluno surdo. Para expressar a fala do aluno ouvinte é utilizado o termo **Aluno ouvinte**.

Aluno surdo A: (postagem: 17 de outubro de 2007)

Ola TB!

eu tenho duvida ..

Por que línguas de sinais pode ser mais bilateralmente organizada do que a compreensão em línguas faladas?

me responda!

Aluno surdo B: (postagem: 23 de outubro de 2007)

(Aluno surdo) A,

A língua de sinais tem organização bilateral porque usa os dois lados cerebrais. O lado esquerdo é responsável pela linguagem (expressões faciais lingüísticas, configuração de mãos e movimentos), o lado direito é responsável pelas funções visuo-espaciais (expressões faciais afetivas, localização topográfica e gestos). A língua falada usa o lado esquerdo do cérebro para a linguagem; os ouvintes não tem percepção visual e espacial como os surdos. Entendeu?

Bj

Aluno surdo A: (postagem: 25 de outubro de 2007)

Ola Aluno surdo B!

muita obrigada ..

Entendei.!

beijo =)

Aluno ouvinte: (postagem: 26 de outubro de 2007)

Concordo Aluno Surdo B, mas não é que os surdos tenham mais ou menos percepção que os ouvintes, mas sim no tocante ao processo de aquisição de língua, pois os ouvintes aprende desde cedo a obter a percepção oral auditiva, ou seja canal de comunicação, assim como os surdos por não ter esse funcionamento ele acabar tendo uma melhor percepção bilateralmente. Valeu. Vc concorda ou discorda?

Aluno surdo B: (Postagem: 31 de outubro de 2007)

Olá, pessoal.

Vocês precisam ler o texto sobre a percepção da LIBRAS nos hemisférios celebrais. Eu não falei que os ouvintes não tem percepção visual, ao contrário, fiz uma comparação de que a percepção dos surdos é maior e mais ágil do que a dos ouvintes.

Agora entendeu?

Eu concordo com sua opinião, leia o texto e me responda.

Grato.

Percebe-se que, apesar do questionamento ser direcionado à TB, quem responde é um colega. Esse fato nos dá indício de que os alunos se sentem à vontade em participar do fórum e que há um sentimento de pertencimento ao grupo e, portanto, de uma comunidade virtual em que todos se dirigem a objetivos individuais e coletivos. É importante que os alunos sintam que as discussões do fórum representam a responsabilidade de todos os participantes e que as atividades de intervenção pedagógica, não se limitam ao tutor.

O aluno surdo A faz-se presente no fórum, percebe que foi respondido e agradece. E quando outro aluno faz um comentário sobre a temática, o aluno surdo B, também se mostra presente na discussão.

Uma das características do fórum de discussão é que as discussões acontecem de forma assíncrona. Ao ler o fórum, há uma percepção de que, as barreiras de tempo e espaço se desfazem, pois se percebe o sentimento de sequência de ideias e o sentido é construído independentemente do tempo da postagem.

Em D3 não houve separação de fóruns por tutor. Foram criados 08 fóruns na disciplina. A criação do fórum foi de responsabilidade de TA, mas TB também participou efetivamente no desenvolvimento de todos os fóruns. Nessa perspectiva, os tutores sentem responsabilidades iguais, em relação à participação em um único fórum, ou seja, sua participação é motivada pelo compromisso de intervenção que favoreça o desenvolvimento das discussões e, portanto, a participação dos alunos.

Quanto à participação dos alunos surdos, os fóruns apresentaram a seguinte configuração:

FÓRUM	Nº / ALUNOS
01	2
02	9
03	15
04	10
05	15
06	2
07	6
08	13

QUADRO 07- Participação dos alunos surdos nos Fóruns de D3

Em relação ao número total de inserções, os fóruns da disciplina D3 apresentam um número considerável de inserções. Apenas dois, dos oito fóruns, demonstraram pouca participação. Em relação ao número de participações surdas, percebe-se que em um fórum com cento e nove inserções, apenas participaram dois alunos surdos, com um número limitado de inserções. Parece que as atividades de intervenção se apresentaram com bastante eficácia no contexto de participação dos alunos ouvintes. A cadeia dialógica e a atividade responsiva ativa estão presentes no desenvolvimento dos fóruns, mas é importante salientar que, essa realidade, somente é visualizada se levarmos em conta a participação de alunos ouvintes. Um aluno ouvinte posta a seguinte mensagem:

OLá, pessoal.

Nossa! Que fórum bonito!!!Parece uma sala de reuniões!! [...]

(Mensagem postada em 24 de abril de 2008)

Essa fala demonstra o quanto o fórum apresenta um caráter participativo em relação aos alunos ouvintes. Uma sala de reuniões sugere que há uma participação todos-todos (SILVA, 2006), ou seja, existe uma prática discursiva em que todos participam do debate, com suas ideias, suas opiniões. Os alunos surdos silenciam-se.

FÓRUM	Nº / INSERÇÕES
01	109
02	98
03	98
04	66
05	90
06	12
07	18
08	77

QUADRO 08- Participação dos alunos surdos e ouvintes nos Fóruns de D3

Apesar de apresentar um número maior de participação dos alunos surdos em relação a D1 e D2, a maioria das inserções em D3 ocorreu no sentido de postar atividades solicitadas pelos professores da disciplina. Nestes casos, os alunos apenas anexam a atividade no corpo do fórum ou anexam em documento do *Word* com a referência “atividade em anexo”. Raramente são encontrados nesses fóruns discussões com a participação dos alunos surdos. Algumas contribuições são apresentadas; em alguns casos encontramos o comentário ou a resposta do tutor ou mesmo de um aluno surdo ou ouvinte; em outros casos não há nenhum comentário ou resposta. Nesse contexto, há um indicativo de que não há um interlocutor “presente” para responder, debater, questionar, concordar com o enunciador. O enunciado fica solto, sem a oportunidade de se conectar com outros enunciados que formariam uma cadeia dialógica.

As discussões nos fóruns se apresentam de forma bastante participativa em relação aos alunos ouvintes. Há inúmeros contextos de diálogos entre alunos e tutores nos fóruns dessa disciplina. Fato que chama bastante atenção e que nos remete a um questionamento: A língua portuguesa na modalidade escrita como língua legítima no desenvolvimento dos fóruns de discussão pode representar uma limitação na forma como o aluno surdo participa do fórum? Esse questionamento será discutido posteriormente, quando apresento a segunda intervenção da pesquisa.

Em D4, foram abertos 16 fóruns para cada tutor, totalizando 32 fóruns na disciplina. A participação dos alunos surdos se apresentou da seguinte forma:

FÓRUM	Nº / ALUNOS (TA)	Nº / ALUNOS (TB)
01	6	6
02	6	2
03	4	4
04	5	4
05	1	2
11	1	-
12	1	-
16	-	2

QUADRO 09- Participação dos alunos surdos nos Fóruns de D4

O número total de inserções na disciplina D4 foi bastante diferenciado. Em alguns contextos, a participação foi bastante produtiva, enquanto que em outros, não houve participação como indicado no quadro 10. Esse fato pode ter relação com a quantidade de fóruns abertos no decorrer da disciplina, como também, com o conteúdo trabalhado em cada unidade. Ao todo, foram 16 fóruns abertos, e em alguns não houve nenhuma, ou quase nenhuma participação.

FÓRUM	Nº / INSERÇÕES (TA)	Nº / INSERÇÕES (TB)
01	28	34
02	41	14
03	10	13
04	14	13
05	1	-
06	1	-
07	-	-
08	1	-
09	1	-
10	-	-
11	1	-
12	1	-
13	-	-

14	-	-
15	-	-
16	-	2

QUADRO 10- Participação dos alunos surdos e ouvintes nos Fóruns de D4

Ao observar o desenvolvimento dos fóruns, há uma percepção de que a participação dos alunos surdos se apresentou com algumas marcas de diálogos entre alunos surdos, ouvintes e tutor. As contribuições e os questionamentos dos alunos surdos quase sempre foram comentados e/ou respondidos pelo tutor, fazendo com que o aluno retomasse a fala do tutor e elaborasse outro enunciado sobre a temática estudada. Algumas contribuições ainda não apresentam nenhum comentário e/ou resposta.

4.4 FÓRUNS DE DISCUSSÃO EM LIBRAS - O PROCESSO DE INTERVENÇÃO

4.4.1 O fórum de discussão em LIBRAS: uma possibilidade

Tradicionalmente, os fóruns de discussão têm sido desenvolvidos na modalidade escrita da língua portuguesa. No percurso da pesquisa evidenciamos a pouca participação do aluno surdo nas interações dos fóruns de discussão das disciplinas estudadas durante o curso. Nesse sentido, em reunião realizada no mês de Julho de 2009 com a tutoria do Polo UFBA, apresentei alguns dados relacionados à participação do aluno surdo e discutimos algumas questões em relação a tal participação. Nessa oportunidade, foram apresentados os dados que constam no item 4.3, dessa pesquisa para, juntamente com a tutoria, avaliarmos e propormos uma forma de participação mais efetiva do aluno surdo, visto que, na proposta de trabalho desse estudo, o fórum de discussão se caracteriza como um instrumental importante na construção de conhecimento dos conteúdos trabalhados nas disciplinas curriculares. É no espaço do fórum que as discussões e os debates ocorrem e que o conhecimento vai sendo construído em coletividade por todos os participantes. Esse processo de intervenção se caracteriza, então, pela necessidade

de proporcionar ao aluno do Polo UFBA a possibilidade de participar do fórum por meio do uso da língua de sinais.

Assim, nosso objetivo se centra na perspectiva de que as línguas de sinais sejam reconhecidas como línguas plenas e de direito (MAHER, 2007) no espaço do ambiente virtual de ensino e aprendizagem, do curso em questão, visto que, o que consideramos nessa pesquisa é o processo de formação de indivíduos em que o objetivo principal é formar professores para atuar no ensino da língua de sinais como primeira e segunda línguas.

É fato que os fóruns de discussão em ambientes virtuais apresentam uma estrutura modelar para a língua escrita, mas percebemos que é possível e preciso quebrar barreiras, criar possibilidades de uso, é preciso vivenciar experiências. Essa é uma questão que defendi em outra ocasião (SOARES, 2010), tratando do uso do computador em atividades pedagógicas, mas que pode ser bem compreendida nesse contexto em que temos um espaço em que, apesar de tratar da educação dos surdos, as discussões teóricas se desenvolvem com a predominância da língua portuguesa - questão que tem sido palco de reflexão de vários pesquisadores (LACERDA, 2000; CAVALCANTI E SILVA, 2007, FERNANDES, 2005, 2010; LACERDA, 2000; SOUZA, 1998; STROBEL, 2008; SKLIAR, 2005; QUADROS, 2005, 2008 entre outros). Soares (2010) nos lembra que estamos inseridos em um processo em constante construção e reconstrução. É possível, então, criarmos meios que se transformem em possibilidades. Essa é, também, uma questão evidenciada por Freire (2003, p. 36) na busca de possibilidades:

Em minha visão, “ser” no mundo significa transformar e retransformar o mundo e não adaptar-se a ele. Como seres humanos não resta dúvida de que nossas principais responsabilidades consistem em intervir na realidade e manter nossa esperança. Enquanto educadores progressistas, devemos nos comprometer com essas responsabilidades. Temos de nos esforçar para criar um contexto em que as pessoas possam questionar as percepções fatalistas das circunstâncias nas quais se encontram, de modo que todos possamos cumprir nosso papel como participantes ativos da história.

É relevante mencionar o fato de que ao oportunizar o uso de uma determinada língua em um determinado contexto também estamos colocando em evidência culturas e identidades distintas que, vivenciando experiências coletivas, se (re) constroem. Maher (2007) evidencia que a cultura é um sistema compartilhado de valores, de representações e de ação, ou seja, é por meio dela que orientamos a

forma como vemos e damos inteligibilidade às coisas que nos cercam. Em relação à identidade Bauman (2005, p. 74 e 75) pontua:

A essência da identidade não pode ser constituída senão por referência aos vínculos que conectam o eu a outras pessoas e ao pressuposto de que tais vínculos são fidedignos e gozam de estabilidade com o passar do tempo. Precisamos de relacionamentos, e de relacionamentos em que possamos servir para alguma coisa, relacionamentos aos quais possamos referir-nos no intuito de definirmos a nós mesmos.

Há uma consideração de que o processo de aprender é construído na interação entre sujeitos que, compartilhando de um espaço, se expressam e se instituem pelas suas ideias e conceitos que, em discussão, podem ser reafirmados e transformados. O instrumental linguístico representa uma lógica em que o diálogo é constitutivo desse processo interacional. Na concepção freireana, o diálogo se nutre na horizontalidade, na confiança, na humildade, na solidariedade, na luta pela construção e pela transformação, como defendi em outra ocasião (SOARES, 2010).

Bakhtin (2003) explica que o diálogo é a forma clássica da comunicação verbal e afirma que “cada réplica, por mais breve e fragmentária que seja, possui um acabamento específico que expressa a posição do leitor, sendo possível responder, sendo possível tomar, com relação a essa réplica, uma posição responsiva” (p 294). O autor também apresenta a importância da palavra nas relações sociais entre os indivíduos. Em seu dizer, “a palavra penetra literalmente em todas as relações entre indivíduos, nas relações de colaboração, nas de base ideológicas, nos encontros fortuitos da vida cotidiana, nas relações de caráter político” (BAKHTIN, 1995).

A língua de sinais é pensada nesse contexto, de forma que possa ser ativada por surdos e ouvintes, em processo de formação profissional, em um espaço em que, até então, tem sido privilégio da modalidade escrita da língua portuguesa.

4.4.2. O contexto da intervenção

A possibilidade de uso da LIBRAS nas discussões dos fóruns surgiu a partir do processo inicial de intervenção da pesquisa em que foi constatado a pouca participação dos alunos surdos. Algumas reflexões são pertinentes no intuito de analisar a importância da língua de sinais como forma de expressão nos fóruns. Em

primeiro lugar, o curso Letras LIBRAS é uma licenciatura que prioriza a formação superior do surdo. O projeto pedagógico do curso traz uma explicação nesse sentido, quando descreve o público alvo do curso:

Instrutores surdos de LIBRAS, surdos fluentes em língua de sinais e ouvintes fluentes em língua de sinais que tenham concluído o Ensino Médio. Será priorizada a classificação dos instrutores surdos e surdos de acordo com o previsto no decreto 5626. (PROJETO PEDAGÓGICO DO CURSO DE GRADUAÇÃO DE LICENCIATURA EM LETRAS - LÍNGUA BRASILEIRA DE SINAIS, UFSC, 2006).

Nesse sentido é essencial que tais alunos possam se utilizar da língua de sinais como forma de expressão no fórum de discussão. Em segundo lugar, evidenciamos o fato de que a língua de sinais representa uma marca fundamental na identidade e na cultura da pessoa surda. Nesse sentido, Strobel (2008) pontua:

A língua de sinais é uma das principais marcas da identidade de um povo surdo, pois é uma das peculiaridades da cultura surda, é uma forma de comunicação que capta as experiências visuais dos sujeitos surdos, sendo que é esta língua que vai levar o surdo a transmitir e proporcionar-lhe a aquisição de conhecimentos universais (p. 44).

Em terceiro lugar, mas não menos importante, está o fato de que os materiais do curso são disponibilizados em LIBRAS, as videoconferências são em LIBRAS. Há, aqui, um entendimento da importância que representa, no contexto desse curso, a possibilidade de que as discussões ocorram não só na língua portuguesa, como também na língua de sinais, como forma de oportunizar ao surdo, usuário dessa língua, a possibilidade de discutir questões teóricas do curso na mesma língua em que estudam e participam das videoconferências.

Por todas as questões levantadas acima, existe uma compreensão de que os fóruns em LIBRAS podem se constituir como um diferencial na forma como o aluno surdo participa de seu processo de produção do conhecimento. Não podemos nos esquecer de que, na proposta dessa pesquisa, o fórum de discussão se caracteriza como o espaço “perdido” da sala de aula convencional, ou seja, não há a possibilidade de pensar um curso a distância em que o aluno apenas assista aula (videoconferência), estude o conteúdo disponível para cada disciplina, faça as atividades e responda a provas. Precisamos discutir, interagir, trocar ideias e conhecimentos adquiridos ao longo da vida, na conquista de novos conhecimentos. Por sermos seres históricos, construímos nossa caminhada a cada inter (ação). O fórum é o espaço propício para que essas interações aconteçam.

Após constatar, então, pouca participação dos alunos surdos, foram agendadas algumas reuniões com os tutores para discutir questões relacionadas a essa temática. Discutíamos muito sobre a dificuldade em gravar, editar e postar vídeos, e ainda contávamos com as limitações do ambiente virtual de aprendizagem para carregar arquivos dessa natureza. Em reunião ocorrida em julho de 2009, decidimos apresentar, aos alunos do polo UFBA, a possibilidade de construção de fóruns em LIBRAS. As tutoras do Polo prontamente aceitaram o desafio e se propuseram a abrir os fóruns com uma chamada para a discussão, apresentada em LIBRAS. Salientamos o fato que a coordenação do curso Letras LIBRAS realiza encontros de formação com os tutores e intérpretes, anualmente. Em 2009, foi oferecida, aos tutores, uma capacitação sobre o uso de vídeos. Esse fato facilitou o trabalho de gravação, edição e postagem dos vídeos feitos pela tutoria.

A disciplina em que os fóruns foram abertos em LIBRAS foi organizada em duas unidades. Na primeira unidade, foram abertos quatro fóruns, sendo um para discussões sobre a temática da unidade (**Unidade I**) e três relacionados a atividades (**Atividade 2**, **Atividade 3** e **Atividade 4**). Na segunda unidade, foram abertos dois fóruns, sendo um para discussão (**Unidade II**) e o outro para uma atividade sobre a temática (**Atividade 5**).

Todos os fóruns, com exceção do fórum da **Unidade I**, foram abertos em LIBRAS, com um indicativo escrito em português. O fórum da **Unidade I**, apesar de não ser iniciado em LIBRAS, constituiu-se de forma bilíngue por meio de uma inserção em LIBRAS feita pela tutoria.

A seguir, apresentamos e discutimos os registros dos fóruns, acima, elencados.

No fórum **Unidade I**, contamos com noventa e uma inserções, sendo quatorze inserções em LIBRAS, cinco delas foram feitas por alunos surdos. Nesse momento, evidencia-se um movimento, no fórum, de ajuda mútua em relação à gravação e edição dos vídeos. Os alunos postam mensagens, ensinando como compactar vídeos e quais os programas necessários para que os vídeos rodem, evidenciando o fato de que há uma preocupação de que todos possam postar suas mensagens em vídeos.

Sei diminuir o tamanho do vídeo, através do Movie Maker. É só importar o vídeo para o movie maker, e qdo for gravar arquivo de filme, e entrar no quadro

CONFIGURAÇÃO DO FILME, precisa clicar em "mostrar mais opções", dps mudar o tamanho do arquivo. Isso pode comprometer a qualidade do vídeo, mas diminui. ejam se conseguem!

(Mensagem postada em 01 de agosto de 2009 – aluna surda)

Há o movimento de retorno em relação à ajuda quanto à gravação e edição dos vídeos, tanto por parte dos alunos quanto por parte da tutoria, dando, assim um caráter de cooperação ao fórum.

“Com a ajuda de nossa amiga (aluna surda), aí está o vídeo em LIBRAS!!!”

(Mensagem postada em 01 de agosto de 2009 – aluno surdo)

(Nome da aluna), OBRIGADA PELAS INFORMAÇÕES SOBRE FILMAGEM.

(Mensagem postada em 02 de agosto de 2009 – TUTORIA)

Há uma constatação de várias mensagens, parabenizando a tutoria pela iniciativa de trazer ao palco das discussões a língua de sinais, como forma de expressão de surdos e ouvintes em processo de interação naquele espaço.

Tutora (nome da tutora) adorei seu vídeo... Parabéns pela iniciativa !!

(Mensagem postada em 24 de julho de 2009 – aluna surda)

Legal, responder direto filmar em LIBRAS, eu vou tentar também porque importante respeito mostrar lingua propria dos surdos. parabéns ideia tutora.

(Mensagem postada em 03 de agosto de 2009 – aluno surdo)

Esse fato demonstra a aceitação do grupo em relação à atitude da tutoria em apresentar a possibilidade de discussões em LIBRAS. Não há, em nenhuma postagem, algum indicativo de não aceitação por parte dos participantes do grupo.

Percebemos que os visitantes do Polo também valorizam a atitude da tutoria - fato que, possivelmente, pode influenciar na condução dos fóruns em outros polos.

Muito bacana a iniciativa de filmar em LIBRAS todas as respostas. Procurarei fazer isso, também, quando eu passar por aqui. Parabéns pela discussão do pólo.

(Mensagem postada em 30 de julho de 2009 – tutora visitante virtual que atua em outro pólo)

O fórum **Atividade 2** se constituiu em sessenta e oito inserções, onze em LIBRAS, sendo seis participações surdas. Como esse fórum foi aberto para discutir a atividade de número dois, da referida disciplina, grande parte das inserções se constituem em atividades postadas. O fórum é iniciado por uma das tutoras com a mensagem: “*vejam o vídeo*”. Em anexo, um vídeo convidando os alunos a começarem a iniciar o fórum em LIBRAS. Há, na apresentação da tutora, uma referência à pesquisa aqui apresentada.

No desenvolvimento do fórum, o professor da disciplina posta uma explicação, em LIBRAS, sobre a atividade solicitada. Há referências a esse fato, tanto em LIBRAS como em português. Um aluno surdo, referindo-se a essa explicação, posta, em português, a seguinte mensagem:

Oi! Professor! Agora entendi sua explicação. Ok! Valeu.

(Mensagem postada em 27 de agosto de 2009 – aluno surdo)

Nesse contexto, percebe-se que o aluno surdo aciona a língua portuguesa como forma de expressão. Não há a necessidade de postar um vídeo em LIBRAS com essa informação. Nesse sentido, identificamos a natureza bilingue do fórum e, conseqüentemente, de seus participantes quando usam e atualizam dois sistemas simbólicos distintos, com signos distintos (FERNANDES, 2005)

Esse fórum teve como objetivo uma discussão do tema para que os alunos pudessem, após as discussões, postar suas atividades, mas a maioria do fórum se desenvolve tomando-se por base as atividades dos alunos. Algumas respostas se apresentam anexadas em Word⁴ e PowerPoint⁵; algumas, em vídeos e outras

⁴ O Word é um [processador de texto](#) produzido pela [Microsoft](#) em que podemos ler e editar textos, com recursos gráficos.

⁵ O PowerPoint é um programa produzido pela [Microsoft](#) utilizado para criação, edição e exibição de apresentações gráficas, usado em apresentações, cujo objetivo é informar sobre um determinado tema, podendo usar imagens, sons, textos e vídeos.

respondidas diretamente no corpo da mensagem. Há uma postagem em grupo, ou seja, um aluno surdo posta um vídeo em que seu grupo de estudo discute a atividade. Junto com o anexo, ele posta o seguinte texto:

Diariamente temos acompanhado as discussões no fórum. As quartas feira ao nosso grupo de estudos se reúne, então debatemos o assunto e em fizemos algumas colocações, filmamos e postamos aqui.

(Mensagem postada em 27 de agosto de 2009 – aluno surdo)

Esse fato demonstra que há o interesse dos alunos em compartilhar as discussões que acontecem, fora do contexto virtual, no meio virtual, espaço em que todos têm acesso e se constituem como uma comunidade de aprendizagem. O fórum de discussão traz, em sua constituição, essa característica, na medida em que os participantes de forma coletiva constroem significados.

Como nesse fórum há vários vídeos em LIBRAS, um surdo escreve para interlocutores diferentes sua percepção em relação às mensagens em LIBRAS.

Senti feliz que vc ja faz filmagem! Sempre continuando!

(Mensagem postada em 27 de agosto de 2009 – aluno surdo)

(nome da aluna), Já vi filmagem de LIBRAS, explicou claro que entendi bem. Estou feliz vc ja faz filmagem! Sempre continuando!

(Mensagem postada em 27 de agosto de 2009 – aluno surdo)

Evidenciamos aqui que há, nessa produção, uma atividade responsiva ativa desse aluno, quando demonstra que assistiu aos vídeos e compreendeu o teor das mensagens. Mesmo não fazendo comentários sobre o conteúdo da mensagem, o aluno mostra sua participação ao compreender o que foi dito, dando ênfase à produção em língua de sinais e à necessidade da manutenção de ações dessa natureza.

O fórum **Atividade 3** é composto de cinquenta e três inserções, sendo onze em LIBRAS. Nesse fórum, percebemos que alguns alunos postam a mesma

mensagem escrita em português e apresentada em LIBRAS, pelo vídeo. Identificamos várias participações de alunos surdos, tanto em LIBRAS como em língua portuguesa. Há vídeos que tratam de comentários sobre postagens escritas em português e há postagens em português com comentários dos vídeos, evidenciando a natureza dialógica dos fóruns em um contexto bilingue em que a língua portuguesa e a língua de sinais coexistem. Em relação a um vídeo postado por uma aluna surda, em LIBRAS, uma aluna ouvinte escreve:

Muito boa explicação (nome da aluna).. Verdade, vc falou dos CL-Classificadores, que atualmente temos visto mais forte. Os interpretes precisam ficar mais contato com a comunidade surda Para saber passar melhor os conteúdos das palestras, cultos, reunioes! Muito bons exemplos.

(Mensagem postada em 18 de agosto de 2009 – aluna ouvinte)

Da mesma forma, uma aluna surda posta um comentário em português sobre uma mensagem em LIBRAS:

Concordo do (nome do aluno) o que disse é verdade interprete precisa aprender bastante e aprofundar ,o espaço expressão facial e corporal mas tambem contexto esse são os mais dificil para interprete.

(Mensagem postada em 09 de setembro de 2009 – aluna surda)

Com essa postagem, há um entendimento de que as alunas (ouvinte e surda) têm da mensagem explicada pela ativação da língua de sinais para compreensão da mensagem, e a ativação da língua portuguesa para escrever seu comentário. Trazem, nesse sentido, a percepção de que surdos e ouvintes se identificam nesse cenário como pessoas bilíngues que trocam de língua a todo instante. Grosjean (1996) nos estabelece que as pessoas bilíngues selecionam a língua de acordo com a situação, o interlocutor, o assunto e a intenção do que é discutido. O que vai implicar em atitudes, impressões e comportamentos diferenciados. O autor afirma que o ambiente, como um todo, influencia na forma como a pessoa bilíngue utiliza e troca de língua juntamente com suas atitudes, sentimentos e comportamentos e não a língua em si.

O fórum **Atividade 4** se constituiu em trinta e sete inserções, sendo oito em LIBRAS. Após a primeira postagem em LIBRAS, a tutoria escreve:

ATENÇÃO: FAZER A ATIVIDADE FILMADA.

(Mensagem postada em 01 de agosto de 2009 – tutoria)

Em todos os fóruns, há uma constatação acerca da preocupação da tutoria para que os alunos usem a LIBRAS como forma de expressão. Essa preocupação é visualizada tanto em chamadas como essa, acima apresentada, e que aparecem em vários momentos, como pela participação da tutoria em LIBRAS, por meio das postagens dos vídeos.

Em resposta a essa solicitação, várias mensagens tratando da dificuldade em fazer vídeos são postadas.

Infelizmente estou sem câmera de novo!! Mas vou participar em português mesmo!!

(Mensagem postada em 11 de agosto de 2009 – aluna surda)

Desculpe, estou sem computador em casa, o local onde estou fazendo as atividades não tem câmera.

(Mensagem postada em 12 de agosto de 2009 – aluna ouvinte)

Segue a atividade em LP, depois tentarei passar para LIBRAS e postar, estou em dificuldade para tanto.

(Mensagem postada em 03 de setembro de 2009 – aluno surdo)

Esse fato evidencia que a questão técnica ainda se constitui como um empecilho para muitos alunos, tanto em relação ao “saber fazer” como em relação a “ter acesso a determinados equipamentos”. O fato de ter, nesse momento, a possibilidade de fóruns em LIBRAS, não determina a participação dos alunos surdos em LIBRAS, fato que será explorado posteriormente, quando evidenciarmos o olhar do aluno surdo sobre os fóruns em LIBRAS.

O fórum **Unidade 2** contou com quarenta e sete inserções, sendo três vídeos em LIBRAS, postados por ouvintes. O fato de os vídeos terem sido postados por ouvintes não quer dizer falta de participação dos surdos. Ao contrário, evidenciamos,

nesse fórum, várias participações dos alunos surdos em língua portuguesa, inclusive comentários de concordância em relação às postagens em LIBRAS.

Olá! (nome da aluna)! Vejo seu filmagem, concordo em voce que eu já sabia sua explicação. Verdade, nao concordo GLOBO, por que 2 surdos aceitam, mas eles nao são identidades surdas e eles sonham ouvintes.Bom discussão!

(Mensagem postada em 10 de setembro de 2009 – aluno surdo)

Mais uma vez, evidencia-se a natureza bilíngue desse espaço, sem deixar de levar em consideração o fato de que, ao constatar uma participação mais efetiva dos alunos surdos, entendemos que a qualidade da participação está diretamente relacionada com a mudança na forma como os fóruns são agora apresentados, oportunizando e mostrando que é possível que a LIBRAS faça parte do contexto das discussões. Os alunos surdos se pronunciam em relação aos vídeos em LIBRAS.

Olá! (nome da tutora!) Vejo seu filmagem, entendi claro sua explicação...

(Mensagem postada em 03 de agosto de 2009 – aluno surdo)

O fórum **Atividade 5** contou com trinta e cinco inserções com três vídeos, sendo um vídeo postado por aluno surdo. Em relação a esta postagem, chamo a atenção para a fala de uma aluna surda, em relação a um questionamento de um aluno, sobre sua pouca participação nos fóruns:

Sim, eu sempre entrei no aveia, mas eu nao respondo no forum.... pois aqui é mais texto que eu ler?? entender??? e outros surdos também...depende não entendo a sua língua português no forum como discussão... entendeu!? melhor esse video! depois vou fazer o video daqui mas eu preciso ter calma se entender depois respondarei daqui.

(Mensagem postada em 20 de agosto de 2009 – aluno surdo)

Identificamos a importância da LIBRAS na construção de conhecimentos pelos surdos quando estes têm a língua de sinais como forma de expressar sua identidade e cultura. É fato que no contexto do curso Letras LIBRAS, temos uma

heterogeneidade de sujeitos surdos e ouvintes, inclusive na forma como eles se utilizam da língua de sinais e da língua portuguesa em suas manifestações linguísticas, culturais e identitárias. Essa questão será explorada no capítulo V, quando há uma evidência para o olhar do aluno surdo sobre os fóruns em LIBRAS.

4.5 CONSIDERAÇÕES PÓS-INTERVENÇÃO: O CONTEXTO BILINGUE.

Após a intervenção feita em relação à produção de vídeos em LIBRAS, que possibilitou aos participantes do grupo, a inserção de mensagens, tanto em LIBRAS como em língua portuguesa, apresento, nesse item, a forma como surdos e ouvintes constroem significados no espaço dos fóruns de discussão, tendo em vista esse contexto bilingue de interação.

Considerando o caráter subjetivo do pesquisador em linguística Aplicada e considerando a impossibilidade de analisar todos os fóruns das disciplinas desenvolvidas, depois da intervenção a que se refere o item anterior, a análise a seguir, trata de duas disciplinas. A primeira se desenvolveu no mesmo semestre da intervenção e a segunda, no semestre seguinte. Um dos fatores que contribuíram para essa escolha se deve ao fato de que na primeira disciplina, houve uma participação efetiva dos surdos com várias inserções em LIBRAS. Na segunda, a participação dos alunos surdos foi tímida e nenhuma mensagem foi postada em língua de sinais. O interesse foi de analisar contextos diferenciados. É importante salientar que a segunda disciplina, analisada, foi acompanhada por mais três em que ocorriam mensagens em LIBRAS. Para efeito de organização dessa análise, utilizo o termo “*disciplina A*” e “*Disciplina B*” com vistas a uma melhor identificação dos fatos ocorridos em cada disciplina.

Disciplina A

A temática de *disciplina A* diz respeito diretamente à realidade do surdo, pois trata sobre a surdez e seus atravessamentos com a psicologia, a constituição psíquica do sujeito surdo, a família e o surdo, escola e o surdo, trabalho e o surdo.

Essa temática, por abordar diretamente as relações sociais, identitárias e culturais dos surdos, traz uma dinâmica diferenciada no fórum pela necessidade de participação do aluno surdo, de sua constituição, como sujeito dentro e fora dos contextos do curso Letras LIBRAS. Nesse sentido, justifica-se a escolha dessa disciplina para nossa análise.

Há, nos fóruns dessa disciplina, inúmeros pedidos para que as mensagens sejam postadas em LIBRAS. Enquanto nos fóruns de intervenção (item 4.4) essa solicitação acontecia muito, por parte da tutoria, nessa disciplina a solicitação, apesar de contar com inserções da tutoria, também é feita, em grande medida, pelos alunos. É importante salientar que muitas das solicitações partem de alunos ouvintes que construíram o hábito de postar mensagens em LIBRAS, como forma de respeitar e valorizar a realidade linguística dos surdos. As solicitações são feitas no sentido de que os alunos surdos querem e precisam acompanhar a discussão desses conteúdos, mas têm dificuldade em decorrência de que língua majoritária no fórum é a língua portuguesa.

*(nome da aluna),
Entendi mas não compreendi...rsrsrs
Please, filmar em LIBRAS.*

(Mensagem postada em 13 de outubro de 2009 – aluno surdo)

*(nome da aluna)
Acho (nome do aluno) certo, você fazer LIBRAS
melhor entender.
Português aí difícil. o que você acha?*

(Mensagem postada em 19 de outubro de 2009 – aluno surdo)

*(Nome da aluna),
Filma em LIBRAS para gente. Obrigado!*

(Mensagem postada em 13 de outubro de 2009 – aluno surdo)

Algumas postagens são acompanhadas de vídeos em que há uma produção em LIBRAS com a mesma informação escrita em português. Esse fato representa a

preocupação do aluno-autor em respeitar o contexto bilingue do fórum e abranger as diferenças linguísticas. Esse tipo de produção aparece tanto entre alunos surdos como ouvintes.

Essa questão é bem compreendida pelo excerto apresentado abaixo, e que teve um vídeo postado com a mesma informação. Não se trata de uma mensagem especificamente do conteúdo trabalhado na unidade, mas que retrata a constituição do ser surdo e que, portanto, condiz com o conteúdo programático da disciplina surdez e os atravessamentos da psicologia.

Olá, Colegas!

Por favor, faça seu vídeo em LIBRAS. Os colegas surdos estão dificuldade o significado das palavras, sobre o que entenderam. O importante é envolvê-la no processo de aprendizagem do aluno ou, pelo menos, evitar que interfira negativamente. Então não pode merecer meu respeito e compreensão.

Obrigado!!!

(Mensagem postada em 22 de outubro de 2009 – aluno surdo)

Apesar das solicitações, as mensagens postadas em LIBRAS não aparecem e começa a surgir um incômodo no grupo, principalmente por parte dos alunos surdos que não se sentem contemplados nas discussões em decorrência da predominância avassaladora da língua portuguesa, como citado anteriormente. Nesse momento, houve uma tentativa da tutoria em harmonizar o espaço dos fóruns.

Na tentativa de conter conflitos a tutoria posta a seguinte mensagem:

(Nome do aluno), (nome do aluno) e (nome do aluno). Eu acho legal que vocês discutam essas questões no fórum, mesmo que as vezes saia do tema. Só espero que isso não afete a amizade de vocês. Nós precisamos de mais vídeos? Sim. Nem sempre isso é possível? É fato. Não vamos ficar tristes com isso. Quem r-e-a-l-m-e-n-t-e que participar, participa. Com vídeo ou sem vídeo

(Mensagem postada em 23 de outubro de 2009 – tutoria)

Logo abaixo, e, no mesmo dia, um aluno surdo escreve:

(nome da tutoria),

してください。ポンドでビデオを確認します。同僚は何を読むと聴覚障害者難易度の単語の意味です。重要なことは、学生の学習プロセス、またはそれをラップには、少なくとも任意の負の影響を防ぐためです。次に、あなたが私の尊敬と理解を得ることができません。

Entedeu??? Quero ver você não gritar!!!! Boa vontade!!!!

(Mensagem postada em 23 de outubro de 2009 – tutoria)

Esse fato demarca a posição da LIBRAS na vida de muitos surdos, e acredito que trouxe para o grupo, reflexões muito profundas a respeito da importância de se expressar e ler o mundo em sua volta na sua língua. O indivíduo se constrói na e pela linguagem, e é necessário que se compreenda que a linguagem deve ser analisada como ação e não como estrutura.

A subjetividade é construída no reconhecimento do mundo, que é possível por meio da língua, ou seja, do processo de interação verbal, e possibilita a construção de um sujeito histórico e cultural.

Quadros (2005, p. 29) nos adverte: “as línguas se tornam opções que são ativadas pelos falantes/sinalizantes diante das pessoas com quem falam, das funções que as línguas podem desempenhar e dos contextos em que podem estar inseridas”. O surdo, ao postar tal mensagem no fórum, em que a língua portuguesa é majoritariamente utilizada pelos participantes, provoca uma reflexão, no sentido de que em determinados contextos, cumprindo determinadas funções, a língua ativada é um diferencial na forma de construir sentidos. E não podemos perder de vista o fato de que o uso da língua de sinais pelo surdo representa a conexão com sua cultura e identidade.

Essas últimas postagens revelam as tensões e dificuldades entre duas culturas que, nesse contexto, se expressam com base em aspectos relacionados à identidade linguística dos interlocutores. Entretanto, elas não convergem para um confronto, mas sim para ajustes, negociações e trocas que apontam para infinitas

possibilidades de composição dentro desse espaço (LACERDA, 2000). Nesse sentido, fica evidente a necessidade de que os participantes do grupo consigam aceitar o desafio, para uma compreensão de que as diferenças são mútuas e de que esse espaço de contato é caracterizado pela diversidade, que propicia lugar para uma “multiplicidade de estratégias que não visem a “padronizar” o diferente, mas interagir com ele na plenitude de suas peculiaridades” (LACERDA, 2000, p. 81).

Outro aluno surdo também expõe sua insatisfação quanto a postagens das mensagens em língua portuguesa. Ele escreve:

(Nome do aluno)!

Concordo em vc direito! Olhe nao precisa reclamar pra alguns ouvintes que não sabem fazer como INSTALAR filmagem. (nome da tutora) ja avisou todos alguns ouvintes pra fazer filmagem mas nao fazem. NAO PRECISA PREOCUPAR .Melhor deixe pra la. Eu ja compreendi alguns ouvintes alunos. Não preciso explicar nada. Minha opinião melhor eu e surdos alunos vamos trocar discussão no foruns de filmagens de LIBRAS. FAVOR ESQUECER PROBLEMAS ALGUNS OUVINTES ALUNOS. AGORA OBJETIVO LETRAS EM LIBRAS E TODOS SURDOS FAZEM COMEÇAR SO FILAMGENS DE LIBRAS P FORUNS. VAMOS DISCUTIR DISCIPLINA PSICOLOGIA E EDUCAÇÃO DOS SURDOS.

(Mensagem postada em 23 de outubro de 2009 – aluno surdo)

Há nesse momento, um movimento em direção a uma divisão no polo, ou seja, surdos discutem com surdos e ouvintes com ouvintes. O uso de letras em maiúscula enfatiza a importância do curso Letras LIBRAS e especificamente da temática trabalhada na disciplina. Muitos ouvintes preferem o silêncio em relação às solicitações e ao conflito vivido no fórum e seguem suas discussões, mas os alunos surdos insistem. Ao postar um vídeo em LIBRAS, tratando da temática discutida, a aluna desabafa em português:

Oi, (nome do aluno), (nome do aluno) e Outras colegas!
Melhor vcs podem começar o discussão no forum sobre video em LIBRAS, nao se preocupa os alunos QUEREM FAZER OS PORTUGUÊS QUEREM E DEIXOU

PRA LÁ...OK!! Vamos fazer em discussão de fórum e tem muitas duvidas....Agora eu já mando o video de LIBRAS sobre atravessamento!! se vc entendeu e podem me responder daqui...ok!

(Mensagem postada em 24 de outubro de 2009 – aluna surda)

Nesse contexto, a língua portuguesa e a LIBRAS foram ativadas pela aluna surda, com funções diferentes. A língua portuguesa foi utilizada para amenizar o conflito vivenciado no fórum pelos alunos, enquanto que a mensagem postada tratou do conteúdo teórico da questão.

A prática de postar a mensagem no fórum em LIBRAS começa a disseminar entre os alunos, e muitos vídeos são postados durante o desenvolvimento das atividades dessa disciplina. O movimento discursivo que, até então, acontecia somente em língua portuguesa, passa a existir também em LIBRAS. Apesar do conteúdo dos vídeos ainda tratar muito da necessidade de que a língua de sinais precisa ser usada como forma de contribuir para a compreensão do surdo, o foco dos vídeos também se movimenta em direção às discussões teóricas das disciplinas. No tema “atravessamentos”, por exemplo, alunos surdos e ouvintes discutiram em LIBRAS. É importante salientar que o contexto bilingue perpassa todo o desenvolvimento do fórum e a língua portuguesa e a LIBRAS são ativadas tanto por alunos surdos como por alunos ouvintes.

Ao assistir o vídeo de uma aluna surda, a aluna ouvinte ativa a língua de sinais para compreender o conteúdo da discussão e ativa a língua portuguesa para escrever:

Muito bom seu vídeo...
Desculpa, so tempo hoje para ver.
Eu concordo com sua opinião.. parabéns!
Opinião de vocês sempre muito importante também.

(Mensagem postada em 28 de outubro de 2009 – aluna ouvinte)

Percebe-se, no desenvolvimento dos fóruns, que o tema é bastante instigante para os surdos porque trata de assuntos relacionados à sua realidade: a escola, a família, o trabalho entre outros. Nessa disciplina, os surdos falam deles próprios e os

ouvintes falam dos surdos. Mas, no entendimento de que o fórum representa um espaço de construção de ideias e significados sobre as coisas, sobre o conteúdo abordado na disciplina, e, apesar do contexto bilingue, qual a língua majoritária nas discussões? Qual o sentimento dos alunos surdos em perceber que as narrativas do fórum dizem respeito diretamente à sua vida, e que muito frequentemente eles não tiveram acesso?

Disciplina B

A temática da *Disciplina B* tratou de aspectos metodológicos do ensino da LIBRAS como segunda língua. A primeira unidade da disciplina contou com um fórum bastante participativo. Surdos e ouvintes em interação, escrevendo e postando vídeos em relação ao conteúdo trabalhado. Ainda verificamos solicitações da tutoria para a gravação de vídeos, mas nenhum conflito se instala nesse momento. Foram postados doze vídeos de alunos surdos e ouvintes; e muitas das participações surdas acontecem em língua portuguesa. Importante observar que a maioria dos vídeos diz respeito à atividade proposta na unidade.

Olá, Atividade 1 pelo video no segue anexo. Abs

(Mensagem postada em 26 de abril de 2010 – aluna surda)

Ao postar seu vídeo, uma aluna surda usa o termo “trocar”, dando a demonstração de que existe uma interação entre os alunos ao postar as suas atividades em LIBRAS. A atividade mostra a sua expressão, por meio de sua língua materna, e esse, pode ser o diferencial em sua compreensão porque há uma constituição identitária, juntamente com a construção da atividade. O espaço do fórum é visto e compreendido, pela aluna, como um espaço de troca e, portanto, de contribuições no aprendizado do outro.

Oi, Pessoal!?
Boa trocar a atividade 1
Veja segue a anexo
(nome da aluna)

(Mensagem postada em 27 de abril de 2010 – aluna surda)

Há também no fórum um entendimento de que a postagem das atividades é feita para a tutoria. Parece não existir aqui a ideia de compartilhamento de atividades como verificado na postagem anterior.

Tutora,
Veja o vídeo
(nome da aluna)

(Mensagem postada em 27 de abril de 2010 – aluna surda)

O contexto bilíngue é bem marcado no desenvolvimento das atividades do fórum. Na postagem apresentada abaixo, uma aluna ouvinte, apresenta sua mensagem, ativando a língua portuguesa e a língua de sinais, como forma de expressão e de constituição de sentidos, nesse espaço. Há, mais uma vez a preocupação em legitimar um espaço bilíngue e bicultural no ambiente virtual de curso, cujo objetivo, vale ressaltar, é voltado para a educação das pessoas surdas. Sua contribuição é toda escrita em língua portuguesa e é também apresentada em língua de sinais, por meio do vídeo.

Ola Pessoal, sobre o tema abordado, eu praticamente não tinha experiência alguma no Ensino de Língua de Sinais, salvo quando ano passado, na minha passagem pelo Colégio Ribeiro Soares como intérprete, tive contato observando um amigo dando curso entre um turno e outro de trabalho, que eu o substituiria por alguns dias.

Ele dava aula para Ouvintes, ensinando alguns sinais.

Senti a ausência da conversação em lingua de sinais, mas eu só observava para

aprender, e saber como lidar, como agir.

Mas quando fui substituí-lo.

Tentei mudar a abordagem da Gramatical, que de certa forma o professor seguia, para uma mais comunicativa, incentivando a criação de frases, de conversas em língua de sinais, com os sinais aprendidos naquele dia. E os alunos gostaram tanto, que quando o professor voltou, (e viu o estrago que fiz, rsrs), gostou da idéia, e acabou adotando, pois os alunos aprenderam não só a teoria, mas a prática, o usual da LIBRAS.

Segue anexo a filmagem do que disse.

(Mensagem postada em 28 de abril de 2010 – aluna ouvinte)

Na mensagem postada pela tutoria, no excerto abaixo, há uma valorização do vídeo postado pela aluna, bem como um comentário e uma chamada para novas discussões. Evidencia-se o fato de que a língua de sinais foi ativada na compreensão da mensagem e a língua portuguesa, na abertura de novas discussões, a respeito da temática abordada. O fato da tutoria se pronunciar, em relação às postagens dos alunos, marca um processo de intervenção pedagógica importante para o desenvolvimento dos fóruns, pois ao participar com comentários e questionamentos, demonstra a sua inserção na comunidade virtual que ali se constitui. Além do mais, apresenta o seu potencial para novas aprendizagens, convidando os alunos a refletirem, sobre o que é postado, e a participarem com novas contribuições. O fato de comentar o que foi postado e apresentar novos questionamentos, marca a possibilidade de construção dialógica e coletiva de significados.

(NOME DO ALUNO):

SUA FILMAGEM ESTÁ PROFISSIONAL, HEIN! PARABÉNS.

RELAMENTE , NO PASSADO, OS INSTRUTORES SURDOS,A CHO QUE OS OUVINTES TAMBÉM, USAVAM APENAS SINAIS SOLTOS, FORA DO CONTEXTO LINGUÍSTICO.

AGORA AS METODOLOGIAS MELHORAM. MAS PORQUE SERÁ QUE MELHORARAM? A MELHORA OCORREU APENAS POR CAUSA DO CURSO

LETRAS LIBRAS? NA SUA OPINIÃO, O QUE ESTÁ OCACIONANDO ESSAS
MELHORIAS METODOLÓGICAS?

AGUARDO SUA RESPOSTA EM LIBRAS.

ABRAÇOS

(Mensagem postada em 11 de maio de 2010 – tutoria)

A maioria dos vídeos postados ocorreu na primeira unidade da disciplina. Nas unidades seguintes, a participação dos alunos surdos continua acontecendo, em escala menor que a participação dos ouvintes, e predominantemente, em língua portuguesa, não havendo, no entanto, ruídos e comentários sobre postagens em LIBRAS. Isso, não quer dizer, entretanto, que eles concordem com essa realidade linguística, como veremos no capítulo seguinte, ao tratar das entrevistas.

5 EDUCAÇÃO, SURDEZ E BILINGUISMO

5.1 A LÍNGUA DE SINAIS COMO PRINCIPAL MEIO DE COMUNICAÇÃO E ENSINO NA EDUCAÇÃO DOS SURDOS.

O entendimento de que a Língua Brasileira de Sinais se configura como meio legítimo de comunicação e expressão, é respaldado pela lei 10.436, de 2002. Segundo Quadros e Karnopp (2007), o pesquisador Stokoe, em 1960, foi pioneiro nos estudos sobre a estrutura das línguas de sinais. Ele percebeu e comprovou que a língua de sinais atendia a todos os critérios linguísticos de uma língua genuína, no léxico, na sintaxe, na capacidade de gerar uma quantidade infinita de frases, comprovando que cada sinal apresentava, pelo menos, três partes independentes (em analogia com os fonemas da fala) – a localização, a configuração das mãos e o movimento – e que cada parte possuía um número limitado de combinações.

A LIBRAS, oficializada como meio legal de comunicação e expressão em abril de 2002, pela Lei Nº 10.436, se constitui como uma forma de comunicação e expressão, em que o sistema linguístico de natureza visual-motora, com estrutura gramatical própria, constitui um sistema linguístico de transmissão de ideias e fatos, oriundos de comunidades de pessoas surdas do Brasil. A língua de sinais se configura como uma das principais marcas da identidade de um povo surdo, pois é uma das peculiaridades da cultura surda (STROBEL, 2008).

As línguas de sinais são consideradas, pela linguística, como línguas naturais ou como sistema linguístico legítimo, não se tratando, portanto, de um problema do surdo ou como uma patologia da linguagem. Segundo Quadros e Karnopp (2007), há uma caracterização da língua de sinais como língua natural. Sobre isso as autoras afirmam:

Uma língua natural é uma realização específica da faculdade da linguagem que se dicotomiza num sistema abstrato de regras finitas, as quais permitem a produção de um número ilimitado de frases. Além disso, a utilização efetiva desse sistema, com fim social, permite a comunicação entre os seus usuários (p. 30).

Assim como as outras línguas de sinais, a LIBRAS é basicamente produzida pelas mãos, embora movimentos do corpo e da face também desempenhem

funções. Nesse sentido, são denominadas línguas de modalidade gestual-visual, pois a informação linguística é recebida pelos olhos e produzida pelas mãos.

[...] as línguas de sinais apresentam-se numa modalidade diferente das línguas orais; são línguas espaço-visuais, ou seja, a realização dessas línguas não é estabelecida através dos canais oral-auditivos, mas através da visão e da utilização do espaço. As línguas de sinais são sistemas lingüísticos independentes dos sistemas das línguas orais, desmistificando a concepção de que essas línguas derivam de comunicação gestual espontânea dos ouvintes [...] As línguas de sinais são naturais internamente e externamente, pois refletem a capacidade psicobiológica humana para a linguagem e porque surgiram da mesma forma que as línguas orais – da necessidade específica e natural dos seres humanos de usarem um sistema lingüístico para expressarem idéias, sentimentos e ações. As línguas de sinais são sistemas lingüísticos que passaram de geração em geração de pessoas surdas. (QUADROS, 2008, p.46)

Existe, hoje, uma preocupação em respeitar a autonomia das línguas de sinais e estruturar um plano educacional que não afete a experiência psicossocial e linguística da criança surda. Nessa perspectiva, é importante “pôr a língua de sinais ao alcance de todos os surdos, para que possamos ter condições de suportar um processo educacional mais amplo e isso precisa ser visualizado como um direito dos surdos” (SKLIAR, 2005, p. 27). Os alunos surdos não podem viver isolados porque não utilizam uma língua na modalidade oral-auditiva.

Para que o surdo possa reconhecer sua identidade surda é importante que ele estabeleça o contato com a comunidade surda, para que realize sua identificação com a cultura, os costumes, a língua e, principalmente, a diferença de sua condição. Por intermédio das relações sociais, o sujeito tem possibilidade de aceção e representação de si próprio e do mundo, definindo suas características e seu comportamento diante dessas vivências sociais (DIZEU; CAPORALI, 2005).

Com essa identificação sólida com a cultura surda, é que os surdos construirão possibilidades comunicativas e interativas e, conseqüentemente, terão a oportunidade de integrar-se à cultura ouvinte e dela participar de forma efetiva, sem estigmas, ou seja, como parte integrante e participativa da sociedade.

É importante ressaltar que é na relação com o outro, que os indivíduos se constituem e se desenvolvem como sujeitos de sua história e cultura. Sobre isso, Basso e Masutti (2009, p. 33) escrevem:

É na relação com o outro, portanto nas práticas sociais, que o ser humano se constitui e se desenvolve como sujeito, mediado pela linguagem e em função dos conteúdos da cultura. Isto significa que o sujeito é um sujeito interativo, que se relaciona com o outro, num processo ininterrupto de mútua significação, através da linguagem.

No AVEA do curso de licenciatura em Letras com habilitação em LIBRAS, objeto de estudo desta pesquisa, todo o material, disponibilizado para os alunos, é apresentado na língua portuguesa, na modalidade escrita, e na língua de sinais. Nesse sentido, a Língua Brasileira de Sinais é oportunizada como forma de garantir aos alunos surdos que sua forma de expressão seja respeitada e legitimada. Segundo Quadros (2008, p. 32), “o bilinguismo para surdos deve estar baseado no respeito pela diferença, na aceitação da cultura e língua da comunidade surda e na abertura de espaços para surdos adultos”.

A respeito disso, Ramirez e Masutti (2009) ressaltam que as tecnologias da informação e comunicação apresentam possibilidades múltiplas de inovações metodológicas, promovendo processos de educação bilingue. Nesse sentido, contribuem, substancialmente para potencializar o desempenho escolar dos educandos surdos, quando possibilitam a construção e o uso de materiais visuais de uma forma dinâmica e interativa, viabilizando o acesso à LIBRAS e à língua portuguesa.

As interfaces disponibilizadas pelo AVEA, do curso Letras Libras, representam um diferencial, pois possibilitam que o aluno escolha sua língua de instrução para o desenvolvimento do curso.

5.2 O BILINGUISMO NO CONTEXTO DA SURDEZ

Segundo Grosjean (1996), o bilinguismo está presente em praticamente todos os países do mundo, em todas as classes da sociedade e em todas as idades, levando-se a entender que seria muito difícil encontrar um país genuinamente e exclusivamente monolíngue, que não contenha uma ou diversas minorias linguísticas. Em sua visão, alguns critérios podem ser estabelecidos para definir a pessoa bilingue. Um dos critérios, diz respeito à habilidade de produzir enunciados significativos em duas (ou mais) línguas, tendo o comando de pelo menos uma habilidade linguística. Isso, quer dizer que, o indivíduo bilíngue pode não apresentar fluência equivalente nas duas línguas. Esse fato traz a compreensão, por exemplo, da possibilidade do indivíduo ler e escrever, mas não apresentar uma fluência oral

em algumas das línguas em questão. Outro critério apresentado, diz respeito ao uso alternado de diferentes línguas (GROSJEAN, 1992). Em relação às pessoas surdas, o autor, assim como vários outros estudiosos citados por ele, afirma que o bilinguismo dos surdos é definido pelo uso de duas ou mais línguas (ou dialetos) na vida cotidiana. Isso quer dizer que, os surdos que sinalizam e usam a língua majoritária de seu país (mesmo que de forma escrita) em seu dia a dia são reconhecidos como indivíduos bilíngues. Em Grosjean (1992, p. 21) encontra-se o entendimento de que as pessoas bilíngues adquirem e usam suas línguas por diferentes objetivos, em diferentes domínios da vida, com pessoas diferentes.

O fato de o AVEA disponibilizar os materiais do curso de forma bilingue, viabiliza não só, que os alunos utilizem duas línguas como consumidores, mas também que eles possam constituir-se como sujeitos pelo uso de duas línguas distintas, tendo em vista o fato de que atualizam cada língua a depender de seus objetivos. Nesse sentido, produzem e constroem formas diferenciadas de apreender os conteúdos necessários para sua formação profissional. Como no polo da UFBA, espaço dessa investigação, há uma quantidade significativa de ouvintes, há também uma preocupação em perceber de que forma o ouvinte se utiliza desse ambiente bilingue. Nessa perspectiva, os aspectos pertinentes ao bilinguismo devem ser levados em consideração em relação ao aluno surdo e ao aluno ouvinte.

Grosjean (2010) descreve similaridades entre bilíngues ouvintes e bilíngues surdos. Isso quer dizer que mesmo tratando-se de línguas cuja produção se estabelece por meio de canais diferentes, algumas similaridades são percebidas:

a) Em primeiro lugar, o grau de competência, em sua língua (língua oral/língua de sinais) é muito variado. No caso das pessoas surdas, há influência do nível de perda auditiva, da(s) língua(s) usada(s) durante a infância, do processo educacional, do ambiente social em que vivem, etc. Nesse sentido, eles podem desenvolver diferentes conhecimentos e usos das línguas, tanto da língua de sinais como da língua majoritária.

b) Muitos surdos bilíngues não se consideram bilíngues. Em alguns países, os surdos, não tem consciência da diferença entre a língua majoritária e a língua de sinais. Nesse caso, eles acreditam que não alcançam habilidades suficientes nas línguas orais. Em decorrência disso, eles se autoavaliam de forma inadequada quanto ao seu próprio desempenho nas línguas orais.

c) Assim como os ouvintes bilíngues, os surdos bilíngues usam suas línguas para diferentes finalidades, em diferentes domínios da vida, com diferentes pessoas. Alguns desses domínios são preenchidos pelas duas línguas, mas outros são específicos de uma língua.

d) Surdos bilíngues e ouvintes bilíngues encontram-se em diferentes pontos do continuum, ou seja, eles ativam e desativam uma língua em função do interlocutor e adaptam à situação, ao tópico, etc.

Na mesma obra, o autor esclarece que há aspectos que são específicos dos surdos bilíngues. Um deles, diz respeito ao fato de que, recentemente, é que se tem conhecimento sobre o status linguístico das línguas de sinais, ou seja, até os anos 40, muitas pessoas só reconheciam as pessoas surdas como monolíngues na língua majoritária. Esse fato pode ter estreita relação com a forma como o surdo era visto pela sociedade, ou seja, de forma estigmatizada pela anormalidade, pelo ser deficiente. Outro aspecto, de relevância, é que os surdos bilíngues, em função de sua surdez, vão continuar bilíngues pelo resto de suas vidas. Nesse sentido, eles precisam da língua de sinais como forma de comunicação entre eles e com pessoas ouvintes, mas também precisam da língua majoritária para a vida fora das comunidades surdas. Segundo o autor, também existe o fato de que os surdos, dificilmente poderão adquirir uma língua oral de forma satisfatória.

Nesse sentido, há uma compreensão de que as especificidades da pessoa surda devem ser colocadas em pauta, numa discussão mais ampla sobre o bilinguismo em comunidades surdas. É relevante que os conceitos de primeira e segunda língua sejam reconhecidos e bem delineados, no contexto das comunidades surdas, para que se construam possibilidades de uso em relação à língua de sinais e a língua majoritária (oral) do país, de forma que possa garantir à pessoa surda o direito de escolha e não a imposição de uma única língua como forma de expressão. Acredito que essa compreensão possa ser ainda mais ampla se considerarmos o fato de que a língua de sinais também pode ser reconhecida como segunda língua para o ouvinte. Dentro dessa perspectiva, a difusão e, portanto, o aprendizado da língua de sinais se constituiria de forma mais abrangente.

Em relação à inter-relação entre a língua brasileira de sinais e a língua portuguesa, o ensino da língua majoritária (língua oral) precisa ser colocado como

oportunidade para as pessoas surdas, como forma de acesso a determinados setores da vida em sociedade. Sobre isso Basso e Masutti (2009, p. 23) advertem:

Na inter-relação entre as línguas, torna-se perceptível o quanto a língua de sinais é crucial para os processos de subjetivação dos educandos surdos e o quanto é imprescindível para o ensino do Português, não como um mero recurso de apoio, como alguns advogam, mas como uma condição para a construção de sentidos de uma maneira mais ampla.

Há uma compreensão de que as línguas só poderão se tornar uma opção no momento em que houver oportunidades iguais de apreensão, oportunidades iguais de escolha.

5.3 A PROPOSTA BILINGUE NOS FÓRUNS DE DISCUSSÃO SOB DIFERENTES OLHARES

Os itens que se seguem são construídos à luz das entrevistas realizadas com os alunos surdos e ouvintes do polo. Os alunos foram entrevistados com base em sua disponibilidade para responderem as questões. Todas as entrevistas foram filmadas e transcritas por mim e são aqui apresentadas em forma de excertos. No caso das entrevistas com os alunos surdos, fiz as entrevistas em língua de sinais. Nesse sentido, foi necessário um trabalho de transcrição/tradução para a língua portuguesa. No primeiro momento, esse trabalho foi realizado por mim. Como não tenho um conhecimento aprofundado em LIBRAS, e não poderia correr riscos quanto à interpretação dos dados, apresentados pelos alunos, contratei um profissional intérprete de LIBRAS para realizar a tradução para a língua portuguesa escrita. Os itens abaixo são organizados em dois grupos. O item 5.3.1 refere-se às entrevistas com os alunos surdos e são desdobrados em três tópicos: participação nos fóruns de discussão do ambiente; ler em LIBRAS, mas escrever em português; o que isso significa? ; a proposta dos fóruns em LIBRAS sob o olhar do aluno surdo. O item 5.3.2 apresenta os seguintes desdobramentos: Participação nos fóruns de discussão do ambiente; a língua de estudo: LIBRAS ou português?; a LIBRAS no fórum de discussão: a visão do ouvinte.

5.3.1 O olhar do aluno surdo

5.3.1.1 Participação nos fóruns de discussão do ambiente

Os alunos surdos não se avaliam de forma tão positiva em relação à sua participação no fórum de discussão das disciplinas. A resposta “não é muito boa” é a mais frequente entre eles. Dos oito surdos entrevistados, apenas dois relatam sua participação como boa. Como justificativa, a maioria, apresenta a questão da presença da língua portuguesa escrita, como língua majoritária nos fóruns, como descrito nos excertos abaixo:

Não é muito boa, porque os fóruns do nosso pólo acontecem sempre em língua portuguesa. Com isso eu não consigo entender com clareza as ideias e opiniões dos meus colegas, essas postagens em português não contribuem em nada para meu processo de aprendizagem. Se eu tivesse um intérprete que pessoalmente interpretasse para mim todas as postagens dos meus colegas ouvintes, tudo bem! Mas não tenho esta oportunidade, com isso, participar nos fóruns para mim se torna difícil.

A questão levantada acima, nos mostra o quanto a língua de sinais é indispensável na forma de compreensão do surdo. A presença do português, como língua majoritária nos fóruns, exerce uma forte pressão nos alunos surdos pela necessidade que eles apresentam em se inserir nas práticas discursivas dos alunos ouvintes, para participar dos debates nos fóruns. A presença constante de um intérprete seria uma condição para a produção linguística, ou seja, para interagir com o outro ouvinte, também participante do processo e pertencente da mesma comunidade virtual.

Algumas estratégias são elaboradas, pelos alunos, na tentativa de acompanhar as discussões teóricas dos conteúdos das disciplinas e manter um maior envolvimento em relação ao curso.

Um aluno declara:

Minha participação nos fóruns não é muito boa, pelo fato das postagens das tutoras e dos meus colegas ouvintes serem em língua portuguesa. Isto dificulta que eu acompanhe as discussões e contribua de forma mais dinâmica com meus colegas. Uma alternativa que eu uso é visitar outros pólos onde as postagens são realizadas através de vídeos, o INES, por exemplo, eu observo as postagens filmadas em LIBRAS por meus colegas daquele pólo e a partir desta observação eu entendo o conteúdo (...)

Esse fato demonstra a necessidade de participação que os alunos apresentam em relação às discussões nos fóruns. Eles são parte integrante do curso e precisam sentir-se como tal. A respeito disso Rangel e Stumpf (2006) escrevem:

(...) os surdos querem receber mais do que a devida atenção aos aspectos psicológicos que permitem a formação de identidades saudáveis. Eles querem ir à escola para deixarem de ser analfabetos e para receberem uma educação que lhes permita o acesso a reais perspectivas nos campos laboral e social. (p. 89)

Certamente, o aluno, que se posiciona, da forma expressa no excerto acima, comunga do pensamento das autoras, e, assume sua condição de sujeito, inserido no contexto de um curso de licenciatura, em que a interlocução se faz necessária para a compreensão dos conteúdos apresentados no desenvolvimento do curso. O fórum representa um espaço de debate, de troca do que é lido, do que é compreendido, com base na leitura dos textos disponibilizados no ambiente. Ler o material e fazer as atividades, sem interagir com os demais colegas, acerca de determinados conteúdos, pode representar uma forma de ceifar seu direito de contribuição e de construção de significados.

Ao tratar de sua participação, um aluno surdo (excerto abaixo) nos chama a atenção para o fato de que, em um contexto bilíngue, as línguas são ativadas em diferentes contextos e por diferentes necessidades. O aprofundamento de questões teóricas requer subjetivação, é o seu ser em movimento que para melhor interpretar o mundo a sua volta, precisa ativar a língua de sinais como forma de constituição. Basso e Masutti (2009, p. 24) apontam que “a criação de textos em língua de sinais possibilita um papel ativo dos surdos na atribuição de sentidos, dando vida ao texto, na tradução de experiências singulares”. Esse aspecto também, diz respeito aos

aspectos culturais que envolvem a vida em sociedade. Strobel (2008), ao tratar sobre as questões culturais que envolvem a cultura surda esclarece que:

Cultura surda é o jeito de o surdo entender o mundo e de modificá-lo a fim de se torná-lo acessível e habitável ajustando-se com as suas percepções visuais, que contribuem para a definição das identidades surdas e das “almas” das comunidades surdas. Isso significa que abrange a língua, as idéias, as crenças, os costumes e os hábitos de povo surdo. (p 24)

[...] o uso da língua portuguesa é bem acentuado, eu não entendo nada quando os fóruns são em português. Meus colegas ouvintes participam escrevendo em português e alguns postam vídeos em língua de sinais. Algumas palavras da língua portuguesa eu consigo conceituar e identificar, mas não tenho a mesma capacidade com as frases, não consigo interpretá-las dentro de um contexto coerente. Frases simples escritas num português mais coloquial eu consigo compreender, mas quando escrevem textos mais complexos com um português mais técnico eu não consigo acompanhar. [...] na leitura dos fóruns em português as informações não ficam gravadas em minha mente, elas se dissipam muito rápido por falta de uma compreensão e significação de conceitos e palavras, não há uma assimilação, porque português não é a minha língua natural, LIBRAS é a minha L1 e ela me proporciona um desenvolvimento lexical e interacional rápido e satisfatório. [...] Estive observando os fóruns no Pólo do Rio de Janeiro (INES) e naquele pólo os fóruns são feitos através de filmagens em LIBRAS, realizadas pelos tutores e pelos alunos, numa interação invejável e bem melhor para nós surdos. Aqui no pólo UFBA por eles acontecerem quase sempre em língua portuguesa, não me sinto estimulado a participar, a LIBRAS é deixada de lado e o português vira prioridade comunicativa, com isso avalio os fóruns do meu pólo como regular.

Nesse sentido, é relevante pensar na perspectiva de uma maior disseminação da língua brasileira de sinais em nosso país, principalmente no que diz respeito a contextos educacionais. No contexto dessa pesquisa, evidencia-se o fato de que o espaço de debate é essencial na construção de significados e, portanto, na produção do conhecimento. É possível pensar e construir um ambiente que proporcione aos alunos, não só um diálogo com diferentes autores, mas, como também com seus pares e, muitas vezes, esse diálogo só se torna eficaz quando há

também, a possibilidade de se ativar a língua que lhe proporciona o acesso ao mundo.

Ao avaliar sua participação como ruim, o surdo nos lembra o fato de que a língua portuguesa não lhe é uma língua natural como a LIBRAS. Fernandes e Correia (2005) explicam como o uso de duas línguas por um indivíduo é modelado por sistemas simbólicos diferentes. Sendo diferentes, obedecem a leis distintas e representações sígnicas próprias de seu universo psicossociocultural.

[...] o bilingüismo se caracteriza pela utilização de dois sistemas simbólicos distintos. A partir desse pressuposto, é possível afirmar que toda a relação do indivíduo com o universo da experiência está refletida no mundo mental das representações dos sistemas simbólicos que utiliza no momento de escolha do uso de um ou de outro código que dispõe. No uso de um determinado sistema ou código, as características dos signos que estruturam este sistema simbólico regido por leis de convenção arbitrárias modelam o pensamento em categorias (FERNANDES e CORREIA, 2005, p. 22).

Há também que se lembrar o fato de que indivíduos surdos não adquirem uma língua oral da mesma forma que uma segunda língua é adquirida por bilíngues unimodais. A língua falada não é acessível no ambiente da pessoa surda (EMMOREY, BORINSTEIN, THOMPSON, 2003). A língua falada, quando aprendida, é intermediada por intervenções especiais que incluem treinamentos articulatórios.

Ruim, porque os fóruns do nosso polo acontecem sempre em língua portuguesa. Com isso eu me sinto barrado para contribuir. Porque nós surdos, sinalizamos, nosso pensamento é em LIBRAS e não é português, por isso acho ruim a minha participação.

Para diminuir as barreiras entre a língua portuguesa e a língua de sinais, o aluno (excerto abaixo) propõe que os fóruns sejam separados. Fica-nos a impressão de que o aluno surdo não se narra como alguém capaz de disputar esse espaço com os ouvintes, porque eles “lêem e escrevem melhor em língua portuguesa”, enquanto que os surdos apresentam dificuldades no domínio dessa língua. O aluno também evidencia o contexto colaborativo dos fóruns, entendendo que o processo de aprendizagem se dá tanto no campo coletivo como individual.

Boa, porque é importante lermos os comentários dos colegas, além do que, os fóruns propiciam uma interação entre a turma de modo que acabamos auxiliando uns aos outros com nossas postagens, tirando dúvidas e respondendo alguns questionamentos. Mas para que isso seja possível faz-se necessário um domínio da língua portuguesa e nisso nós surdos temos dificuldade. Os alunos ouvintes lêem e escrevem melhor em língua portuguesa, por isso acho que precisávamos de dois fóruns: um em LIBRAS e outro em língua portuguesa. Assim cada aluno participaria no fórum em que se sentissem mais a vontade para se colocar.

No excerto abaixo, o aluno apresenta duas referências para os fóruns. Uma delas, diz respeito à língua de sinais e a outra, à língua portuguesa. Ele demarca a importância da língua de sinais em sua compreensão e, conseqüentemente, sua participação. Sobre isso Skliar (2005) adverte que há a necessidade de por a língua de sinais ao alcance de todos os surdos como princípio de uma política linguística, a partir da qual se pode sustentar um projeto educacional mais amplo. E dessa forma, significativo para a vida em todas as suas dimensões.

É relativa, porque às vezes ela é boa, outras vezes é regular. Por exemplo, ela é boa quando nos fóruns existem vídeos, respostas em LIBRAS, fica muito mais claro para mim e eu consigo entender mesmo, mas quando as participações dos meus colegas acontecem em português, então meu grau de compreensão e participação diminui, porque meus colegas ouvintes escrevem algumas frases usando terminologias técnicas ou nunca antes vista por mim, e então, dá licença! Não consigo respondê-las mesmo. Às vezes nem participo de alguns fóruns por conta disso.

5.3.1.2 Ler em LIBRAS, mas escrever em português: o que isso significa?

A maioria dos materiais, disponibilizados no ambiente virtual, é apresentado de forma bilingue, ou seja, são produzidos vídeos em LIBRAS e textos escritos em língua portuguesa. Os depoimentos dos surdos, no item anterior, são indicativos de que a compreensão dos fóruns, quando escritos em língua portuguesa, acontece de

forma bastante limitada. Nesse sentido, o processo de escritura parece percorrer o mesmo sentido nas palavras do aluno, traduzidas no excerto abaixo:

Bem, minha língua de sinais é bastante clara, mas quando me deparo com uma frase em língua portuguesa, consigo ler, mas não decodifico. Entender com clareza a complexidade da mensagem apresentada para mim em português é bastante difícil. Português para mim é complexa porque não é a minha língua natural, é preciso que se compreenda esta metáfora. Já tentei escrever em português as minhas ideias e opiniões, mas não houve uma assimilação, o cérebro não armazenou esta informação devido a este problema de comunicação.

Em relação ao seu sentimento em relação à realidade de escrever em língua portuguesa nos fóruns, outro aluno manifesta sua preocupação em relação à habilitação em LIBRAS e as práticas discursivas do curso, em geral.

Eu não me sinto muito bem. Encontro dificuldades porque o curso é de Letras/LIBRAS, mas até hoje acho que a língua prioritária é a portuguesa, nem parece que estamos estudando para sermos futuros professores de LIBRAS. Parece-me mais que estamos estudando Letras Vernáculas. Outro ponto: Nas discussões presenciais no pólo os colegas discutem e tiram dúvidas em português, e pedem que o intérprete passe para nós a discussão, então eu reclamo e pergunto a eles: ora, o curso não é de letras/LIBRAS, vocês não sabem LIBRAS? Então discutam em língua de sinais. Porque em Língua de sinais eu tenho a possibilidade de fazer minhas colocações diretamente à pessoa, o intérprete não é onipresente e não pode fazer a interpretação de duas falas ao mesmo tempo [...]

É importante evidenciar o fato de que na perspectiva histórico-cultural da aprendizagem, o sujeito é um ser constituído nas inter-relações que estabelece com membros mais experientes da sua cultura, sendo possível seu desenvolvimento pelas interações que estabelece com outros sujeitos. Nesse sentido, é essencial que os sujeitos envolvidos ocupem um mesmo território linguístico, como base para a

sistematização dos conhecimentos já produzidos e para a construção de novos conhecimentos (BASSO; MASUTTI, 2009).

Outro aluno também critica o fato da língua portuguesa ser usada como língua majoritária no espaço dos fóruns e faz uma comparação com o tempo em que estudava na escola básica. Cavalcanti e Silva (2007, p. 229) pontuam que “a escola espera que o surdo escreva satisfatoriamente como uma maneira de compensar a falta de uma língua oral”. Esse fato nos chama a atenção para uma reflexão mais ampla a respeito de políticas de educação básica, que envolvem pessoas surdas, das próximas gerações. A língua portuguesa, como língua majoritária, no país, precisa ser ensinada, mas é imprescindível que o status de segunda língua, para o surdo, seja visualizado e compreendido, por meio de metodologias diferenciadas que tenham como referenciais aspectos da cultura visual (BASSO; MASUTTI, 2009).

[...] me lembra muito o estilo de ensino tradicional, onde o português era-nos imposto como base avaliativa para nós surdos, aquela tradição parece que está sendo projetada em nosso curso, este fato é paradoxal já que o Curso é de Letras/LIBRAS, então nada mais justo respeitar a língua de sinais nos espaços deste curso. Posso exemplificar com o curso de Licenciatura Letras/Inglês; a língua de instrução é o português, mas os alunos devem correr atrás do prejuízo, conhecimento e dificuldades que ele possui para a compreensão da língua inglesa, da mesma forma os alunos que estudam Letras Vernáculas aprendem em português e interagem em português. Por que então no curso de Letras/LIBRAS devemos ser instruídos em português e nos relacionar prioritariamente nesta língua que para nós surdos é uma L2? Por isso eu discordo dessa realidade linguística e interativa do nosso pólo.

Ao relatar sua preferência em escrever, nos fóruns, em língua portuguesa, uma aluna (excerto abaixo) mostra-se preocupada com sua vida em sociedade. Há uma luta pelo direito de não ser discriminado pelo modo como fala (MAHER, 2007). Essa luta é expressa no excerto acima e demonstra todo o preconceito que atravessa as minorias em nosso país.

Apesar de reconhecer a importância da língua de sinais na vida do surdo, ela admite sua limitação, nessa língua, em decorrência do processo educativo do qual fez parte.

Eu prefiro o português, porque eu aprendo mais na medida em que eu uso esta língua para meu aprendizado, não quero passar pelo constrangimento de escrever uma palavra errada em português, de ser criticada futuramente por minha ortografia. Isto acontece comigo, pelo fato de ter estudado sempre com pessoas ouvintes desde o Ensino Fundamental até o Médio. Sei da importância de se aprender a LIBRAS, mas por não possuir uma fluência nos sinais eu acabo contribuindo com poucas filmagens em LIBRAS nos fóruns, eu sei desta minha “necessidade lingüística” e que eu preciso aprendê-la mais, sei também que postagens filmadas em LIBRAS contribuem para uma maior interação com meus colegas surdos não só do meu pólo, mas de outros também já que a maioria dos alunos deste curso são surdos; mas eu prefiro escrever e me colocar em português, é uma escolha minha porque eu sempre me senti bem com o português e foi nesta língua que eu fui educada.

Em relação à preferência pela língua portuguesa, outro aluno se manifesta no seguinte sentido:

Eu domino bem o português, para mim é fácil participar escrevendo nesta língua, a mesma facilidade encontro para me expressar em LIBRAS, mas sei que alguns colegas surdos não compartilham comigo desta realidade, para eles o português é muito complexo, LIBRAS seria mais fácil para eles, no entanto noto uma carência da nossa língua nos fóruns do nosso pólo.

A respeito desses posicionamentos, é preciso pensar numa dimensão voltada para a interculturalidade e para o plurilinguismo, em que há a necessidade de aprender a destotalizar o outro (MAHER, 2007). Nesse sentido, o surdo não deixa de ser surdo legítimo porque não faz uso da língua de sinais. Não há possibilidade de generalizações em termos de uso ou não da língua de sinais, por compreender a

natureza de sermos seres humanos: únicos, complexos, criativos, dinâmicos... (SOARES, 2010)

5.3.1.3 A proposta dos fóruns em LIBRAS sob o olhar do aluno surdo

A proposta de postagens em LIBRAS, no espaço dos fóruns de discussão, apresentada no decorrer da investigação, foi bem aceita pelos alunos surdos.

Alguns alunos manifestam o desejo de que todos os alunos do polo (surdos e ouvintes) se utilizem da língua de sinais como forma de interação no ambiente, corroborando com toda a discussão apresentada, no desenvolvimento dessa pesquisa, a respeito da importância da língua de sinais na constituição do sujeito surdo. Eles sinalizam:

Bom! E eu gostaria que os meus colegas fizessem filmagens em LIBRAS e postassem nos fóruns. Eu quero muito isso, para uma interação e troca mais democrática entre a turma.

Há, por parte dos alunos surdos, a preocupação em compartilhar das discussões apresentadas nos fóruns. Eles apontam a língua de sinais como condição para compreenderem o que está sendo discutido, pelos colegas no fórum.

Acho que todos os alunos deveriam contribuir através de filmagens em língua de sinais, aí sim, teríamos uma verdadeira troca de conhecimento e discussões mais democráticas. As pessoas só escrevem em português, alguns copiam textos da internet e colam com isso não aprendemos nada. As postagens precisam ser em LIBRAS porque o surdo é um ser visual e em LIBRAS o aprendizado e desenvolvimento é mais rápido.

Os surdos apontam o fato de que seu canal de reconhecimento do mundo é o visual e por isso, eles precisam da língua de sinais para um maior aprendizado e desenvolvimento.

[...] podemos ver os vídeos em sinais e aprender bastante, além do que, nos fóruns em LIBRAS sempre aparece algum termo novo para nós e isto contribui para o enriquecimento do nosso vocabulário e isso é bom! É de suma importância termos fóruns em LIBRAS, afinal de contas o curso é de licenciatura em Letras/LIBRAS. Eu, por exemplo, a partir de hoje, postarei minhas contribuições mais em língua de sinais. Isso servirá não só para meu aprendizado, mas de outros colegas também no que se refere a vocabulário, terminologias e palavras específicas do nosso curso, vou começar a fazer isso.

As questões, pertinentes à condição do ouvinte, em relação à fluência em língua de sinais também são abordadas quando sinalizam a importância de produções em LIBRAS, pelos ouvintes, nos fóruns. Existe também uma consciência por parte dos alunos de que os fóruns de discussão se caracterizam como espaço de troca e interação.

É o que eu quero, afinal de contas o curso não é de Letras com habilitação em LIBRAS? Então, LIBRAS que deveria ser a língua de instrução e não o português como vem acontecendo. Temos colegas ouvintes que futuramente se tornarão professores de LIBRAS e ensinarão esta língua, como ensiná-la se não possuem fluência e se não buscam aqui no curso? Da mesma maneira os textos disponíveis no AVEA, se não forem em LIBRAS, que bagagem linguística teremos futuramente? Essa troca com os colegas é importante, falta apenas um ano para nos formamos e então quem vai compensar este déficit que tivemos por conta do não acesso aos conteúdos do curso em sua totalidade? Eu quero muito poder acessar os textos em minha língua e poder interagir com meus colegas nela também.

Na fala do aluno, apresentada no excerto abaixo, há referência em relação à importância do aprendizado e a consciência de que a LIBRAS representaria uma forma de garantir que esse aprendizado se processe, corroborando com a ideia de que os surdos processam seu conhecimento em língua de sinais ((QUADROS; CERNY; PEREIRA, 2008).

[...] a opinião e a experiência do outro é vital para uma interação e troca neste espaço virtual, se fosse sempre em LIBRAS o aprendizado seria muito mais intenso e dinâmico, e é isso o que mais importa.

5.3.2 O olhar do aluno ouvinte

5.3.2.1 Participação nos fóruns de discussão do ambiente

Os alunos ouvintes avaliam-se de forma positiva ou regular, em relação à sua participação nos fóruns de discussão, das disciplinas. As dificuldades, segundo eles, de participação, acontecem em virtude de problemas técnicos, ou seja, falta de computador em casa, falta de internet, dificuldade em manipular programas de edição de vídeos, etc., como explicitado, nos excertos, abaixo.

[...] Eu não tenho computador em casa [...] Pra entrar no fórum é mais difícil.

Regular pela questão do computador. Eu não tenho computador em casa. Aliás, tenho o computador, mas está quebrado [...] trabalhar com educação a distância sem computador em casa é horrível.

Eu acho que a minha participação é boa. Gostaria imensamente de produzir mais, de participar mais. Mas a questão mesmo das filmagens, por exemplo, eu já algum tempo, sempre que eu posso, eu filmo. Se eu não filmo mais é por conta da minha dificuldade, com a máquina e a filmagem. Eu dependo de terceiros.

Existe por parte de alguns alunos, a concepção do fórum como espaço de interação, um espaço em que os questionamentos são possíveis.

Boa porque eu tenho participado mais. Eu estou interagindo mais com os colegas, tenho questionado mais, tenho dado mais exemplos. Eu venho mantendo as minhas entradas no fórum desde que eu iniciei.

O fato dos surdos começarem a participar dos fóruns, com postagens em LIBRAS fez com que um aluno ouvinte visualizasse os fóruns sob um novo olhar, como mostra o excerto abaixo:

[...] No início eu participava do fórum, mas achava que não tava tendo êxito, não achei muito interessante. Mas depois que o pessoal começou a participar em LIBRAS eu vi que os surdos realmente tão gostando mais dos fóruns e é necessário também a gente colocar a nossa opinião, principalmente em LIBRAS.

A falta de programação, em termos de horários. Também é uma questão que alguns alunos apontam como justificativa para uma participação menor nos fóruns. Esta, inclusive, é uma das questões que diferencia a modalidade a distância, de educação, da modalidade presencial. Nesse contexto, do curso Letras LIBRAS, o aluno precisa se organizar de forma independente para acompanhar algumas das atividades do curso. Os fóruns, por exemplo, são assíncronos e não obedecem a horários preestabelecidos pelos professores ou tutores. Diferentemente das videoconferências que têm data e horários marcados com antecedência.

Pouca participação. Mais por falta de programação da minha parte, de adaptação de horário de estudos. Mas, em termos de participação, quando eu participo, eu tento me guiar pegando mais pesquisas, e colocar nos fóruns.

Entre regular e boa. Primeiro por falta de tempo mesmo. [...] eu também tenho casa, eu tenho os filhos... Tem toda a complicação de uma vida normal, que pra mim não é fácil. As atividades do curso, as atividades do grupo.

Outro fator que influencia na participação do aluno ouvinte, diz respeito ao conteúdo abordado nos fóruns.

Em nenhum momento, há referência dos alunos ouvintes em termos de dificuldade, quanto à compreensão dos conteúdos apresentados.

Depende do assunto do fórum, mas eu acho que é boa. Porque tem algumas coisas que eu tento filmar em LIBRAS, eu tento mesclar Português e LIBRAS.

5.3.2.2 A língua de estudo: LIBRAS ou português?

A maioria dos alunos ouvintes, entrevistados, utiliza a língua portuguesa como língua de instrução no curso Letras LIBRAS, mesmo aqueles que acreditam que a LIBRAS é o ideal. A língua de sinais é, muitas vezes, ativada como forma de aprender alguns sinais específicos e para revisar para a prova. Alguns alunos apontam, com bastante veemência, que a língua portuguesa, por se constituir como sua língua materna lhe proporciona maior segurança pra ler e entender os conteúdos. O aprofundamento requer subjetividade, requer alto nível de compreensão e, muitas vezes, essa compreensão só se estabelece por meio de uma língua que se expressa como natural, como manifestação de seu pensamento. Nesse sentido, no contexto dos alunos ouvintes, a língua escolhida para instrução é a língua portuguesa, na modalidade escrita.

É fato que os alunos ouvintes, participantes do curso Letras Libras, inserem-se em uma realidade de bilinguismo bimodal, no momento em que se utilizam de duas línguas de modalidades diferentes. A natureza de mudança modal de sinais e fala torna os processos de seleção de atenção mais eficientes para bilíngues bimodais do que para bilíngues unimodais (EMMOREY, BORINSTEIN, THOMPSON, 2003, 2008).

[...] eu estudo primeiro o português para entender. Porque têm algumas coisas que você faz diretamente com a língua de sinais e entende, mas tem caso específico: estar falando sobre a gramática da língua de sinais, por exemplo, tem alguns sinais que são próprios da língua. Por exemplo, vai explicar o léxico. Qual o sinal de léxico? Aí eu nunca vi. Aí aparece lá e eu digo: que isso? Então, se eu já tiver lido o material e já tiver entendido o material, pelo contexto eu digo: ah! o sinal é esse. Então, a importância da língua portuguesa pra mim como primeira língua e a língua de sinais porque é meu objetivo, chegar lá, pra entender bem, pra passar. Então, é importante. Eu li o material, entendi, eu estou participando, vendo o que o pessoal está colocando no fórum [...] Eu vou ter também base pra entrar também em língua de sinais no fórum e fazer.

O excerto abaixo, mostra que há uma diferença em relação à compreensão e a produção de significados. Ao estudar em português, o aluno encontra-se capaz de produzir as suas mensagens tanto em língua portuguesa como em língua de sinais. Parece haver um entendimento de que sua língua materna lhe proporciona um nível de compreensão que lhe garanta a produção em segunda língua, que nesse caso, é uma língua que se manifesta por meio de outro canal que não o auditivo, o canal visuo-espacial.

Eu estudo em língua portuguesa e faço uma alternância das minhas intervenções. Ora eu tenho uma participação em LIBRAS, ora em língua portuguesa.

O aluno ouvinte, que se expressa abaixo, reconhece a importância do estudo em LIBRAS, mas enfatiza a necessidade de compreensão, que lhe é garantida, por meio de sua língua materna. Nesse sentido, é importante salientar que essa necessidade, de compreensão e reconhecimento de mundo, por meio da língua materna, precisa ser levada em conta, nos processos educacionais, com o objetivo de garantir o acesso de todos os envolvidos.

Eu prefiro o português, que é a minha língua materna. Eu preciso também dar uma olhada no material em LIBRAS pra poder ficar a par de uns sinais certos da disciplina, porque a prova é feita em LIBRAS, então eu preciso conhecer. O material em LIBRAS me ajuda nisso, mas o material em português pra mim é fundamental.

Um fator apontado, nas entrevistas, diz respeito às variedades linguísticas que se inter-relacionam no ambiente do curso. Para o aluno, que se expressa, no excerto abaixo, o português sinalizado, dificulta sua compreensão em LIBRAS e por isso, ele prefere estudar o conteúdo da disciplina em língua portuguesa. Com esse relato, fica claro que há, por parte de alguns, a necessidade por uma ‘LIBRAS pura’, ou seja, por uma língua que não acomode nenhum sinal de mistura, de hibridizações, uma língua que se encerra nela mesma e que não se contamine com influências externas. Esse fato nos remete ao pensamento de Gesser (2006, p. 56), quando escreve:

É preciso, então, começar a problematizar os conceitos dominantes hegemônicos relacionados às questões de língua (gem), deslocando aquilo que é visto como marginal e corrompido para o centro da discussão, e dar assim visibilidade ao hibridismo, à mesclagem e à contaminação.

Vale ressaltar, que a luta por essa superação não deve se restringir aos contextos minoritários, mas sim à sociedade em geral, por se tratar de uma questão que diz respeito a todas as línguas naturais, em uso.

Eu me sinto mais a vontade de estudar em português porque na UFSC infelizmente quem faz o material em LIBRAS, sendo surdos ou ouvintes, eu não sei, eles seguem a estrutura do português, então muitas vezes fica um português sinalizado e a gramática do português e a gramática da LIBRAS é diferente. Então, quando fica em português sinalizado a gente fica com dificuldade de entender algumas coisas porque eu sou fluente em LIBRAS e não em português sinalizado. Então, eu prefiro estudar em português e entender claramente e expor as minhas opiniões em LIBRAS ou entender as opiniões dos colegas em LIBRAS.

Para alguns alunos, a leitura em português acontece pela praticidade que o material impresso representa como mostra o excerto, abaixo. O material impresso facilita o deslocamento entre os lugares e por isso, sua preferência pela língua portuguesa. É importante salientar que a praticidade também se encontra, relacionada, nessa perspectiva, ao acesso à língua, ou seja, o reconhecimento imediato de todos os signos que possibilitam a construção de sentidos pela língua.

Eu uso material impresso porque eu levo para meu trabalho. Como a minha língua é português, rapidamente eu leio, rapidamente eu consigo voltar pro fórum. [...] eu acho essencial ler em LIBRAS porque a gente está fazendo sempre essa ponte.

Alguns alunos expressam sua preferência pelo estudo em língua portuguesa e em LIBRAS, tendo como direção a língua portuguesa – LIBRAS.

Os dois porque tem um DVD. Então, se eu não entendi alguma coisa, tem o DVD em língua de sinais e, às vezes, clareia, fica mais claro, mas a maioria em português. Quando tem alguma coisa próximo a prova, eu leio o DVD todo.

Eu foco nos dois porque eu faço a leitura e fico muitas vezes fazendo a relação por causa dos sinais porque tem sinais que são regionais, outros, são muito novos na área, muito específico e aí eu vou ver qual é o sinal utilizado.

Dos alunos entrevistados, apenas um (excerto abaixo) apresentou sua escolha, pelo estudo em língua de sinais. Há uma referência as duas línguas, mas há uma preferência para a LIBRAS.

Em LIBRAS porque, pra mim, fica mais claro [...] quando o DVD está em nossas mãos, eu pego mais o material do DVD, eu olho no ambiente a parte sinalizada. Eu estudo os dois, [...] mas pra mim, eu gosto mais de estudar em LIBRAS.

5.3.2.3 A LIBRAS no fórum de discussão: a visão do ouvinte

Existe por parte dos alunos ouvintes uma manifestação positiva em relação à proposta de mensagens em LIBRAS nos fóruns. Esse fato decorre da preocupação, que muitos ouvintes apresentam, em relação ao processo educacional, historicamente vivenciado pelos surdos e que traz reflexos negativos em relação ao uso e compreensão da língua portuguesa na modalidade escrita.

Eu acho bom [...]. Primeiro, porque a gente briga muito por isso. Porque o surdo não entende o português tão claramente como a gente [...] eu venho pro curso de Letras Libras e coloco tudo em português. [...] se a gente colocar tudo em Português, obriga o surdo a não participar, porque ele não vai entender tudo. [...] Se eu colocar no português e vou lá e faço alguma coisa em língua de sinais, ele vai se interessar. Ele vai dizer.

Há, também, uma relação com a proposta da licenciatura em Letras com habilitação em Libras. É preciso ser um profissional com um bom desempenho na língua. Os excertos abaixo, além de apresentarem a questão da competência linguística, também apontam para o fato da importância da interação entre todos os colegas.

Eu acho fundamental, muito importante. Primeiro porque a nossa língua de estudo é a língua de sinais. É super importante a gente tá apresentando o nosso material em sinais e também pra haver uma interação verdadeira entre os nossos colegas surdos e nós. É importante.

Excelente porque os surdos precisam e o curso tem que ter a sensibilidade para os surdos, principalmente. O português, ele tem uma barreira. Então tem que ter essa sensibilidade. A gente sente que há uma interação total quando é em LIBRAS.

Existe, também, o entendimento de que o espaço do curso Letras Libras é um espaço para uso da língua de sinais e não da língua portuguesa. Nesse sentido, há uma crítica àqueles que não usam a LIBRAS nos espaços do curso.

[...] Eu acho decididamente e definitivamente um absurdo no fórum e na sala de aula as pessoas ainda insistirem em não usar a libras [...] Este é o espaço da língua de sinais.

É muito melhor para os surdos, muito bom, muito boa iniciativa. Isso já aconteceu em outros polos, mas agora com a iniciativa da sua intervenção, melhorou bastante. É tanto que, os surdos se desenvolveram mais com isso. Eles interagem mais [...] antes eles não interagiam, não perguntavam, por causa da dificuldade da comunicação com a língua portuguesa, mas agora está melhor, até mesmo, na questão da união da turma.

Existe, por parte de alguns alunos, uma preocupação para que os alunos dominem a língua portuguesa, na modalidade escrita, por se tratar da língua majoritária no país. Em seu entendimento, haverá uma cobrança da sociedade em relação à sua competência linguística na língua majoritária, que pode colocar em questão a competência profissional e a qualidade do curso realizado. Para esses alunos, o espaço do fórum poderia ser utilizado para treinar a escrita da língua portuguesa, como forma de garantir acesso à sociedade e ao mercado de trabalho.

Eu acho que tem que ter um equilíbrio das duas partes. Tanto os ouvintes têm que se esforçarem pra fazer o fórum em LIBRAS, como os surdos também têm que se esforçarem pra fazer em português. Não é fácil eu fazer só em LIBRAS e o surdo falar: eu vou fazer só em LIBRAS porque o fundamental aqui é LIBRAS. O curso é LIBRAS, mas você está numa sociedade onde o português impera [...] eu coloco em português e em libras pra eles entenderem, captarem melhor. Tem que ter este equilíbrio. [...]

[...] A cobrança não vai existir aqui, vai existir no mercado, lá fora. Eu acho que os surdos preocupam muito com libras, libras, libras e lá fora? O surdo saiu do curso de Letras e não sabe escrever. Que curso é esse? É fraco. Entendeu? [...] O surdo tem que fazer um esforço porque o mundo lá fora não é libras, apesar de ser segunda língua em nosso país, ainda se prevalece a língua portuguesa.

Algumas questões merecem destaque em relação ao excerto acima, no que concerne ao fato de que o curso Letras Libras tem uma habilitação específica para Libras. Seu foco é o ensino de Libras como primeira e como segunda língua. Dessa

forma, não há, no curso, uma exigência específica para o uso da língua portuguesa escrita. Todos os textos, todo o material disponibilizado é organizado de forma bilíngue. Os alunos surdos, nesse sentido, podem se utilizar da língua de sinais para o desenvolvimento de suas atividades.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Finalizar um trabalho, dessa natureza, representa o término de uma etapa cumprida, tanto no que diz respeito ao âmbito profissional, como pessoal. Representa, também, o início de novos compromissos que já foram demarcados ao longo do processo investigatório e que nos traz um sentido de responsabilidade e desejo de prosseguir.

No percurso da pesquisa, vivenciei momentos conflituosos, confusos e tensos, que se misturaram com outros sentimentos como ansiedade, medo, expectativa, satisfação. Vivenciei também a alegria de tentar, de alguma forma, contribuir nos processos de construção de sentidos, de significados, enfim, processos de aprendizagem de outras pessoas. Tenho a convicção de que tais processos, não são facilitados, e nem mediados, por outrem, mas, construídos internamente no convívio social com o outro que, muitas vezes, apresenta condições de intervir, construindo possibilidades que interferem no âmbito coletivo e que influenciam no individual.

Para ingressar no campo de pesquisa que envolve a surdez, precisei adentrar, não só nos estudos dos livros, artigos e textos, mas, sobretudo, no convívio, mesmo limitado, com a pessoa surda. Uso o termo limitado para definir duas questões: a primeira, em relação ao tempo. Quando iniciei o doutorado e conheci a realidade do curso Letras Libras, não conhecia nenhuma pessoa surda, na localidade onde moro. Ao buscar essa informação, fui surpreendida com a quantidade de surdos que estudam nas escolas públicas, bem perto de mim. Precisei de um tempo para me aproximar dessas pessoas, de sua língua, de sua forma de compreender e viver no mundo. Precisei de um tempo para me apropriar de termos como surdo oralizado, surdo profundo, implante coclear, deficiente auditivo, português sinalizado, português surdo, etc. Precisei, também, que o estranhamento em relação à língua, à modalidade visual, ao jeito surdo de falar com as mãos, se afastasse e desse lugar à busca de possibilidades. A segunda questão diz respeito, especificamente, à língua. Não conhecia a língua de sinais, ou melhor, não sabia que existia outra língua oficial no Brasil. Hoje, tenho certeza, que fui apresentada por ter sido apresentada, à LIBRAS, por pessoas surdas, com culturas e identidades próprias e que por isso, me mostraram o significado do ser surdo. Não

sei, exatamente, esse significado porque cresci e me desenvolvi, em um mundo ouvinte, mas compreendo, com toda a clareza, a natureza do ser surdo, a natureza da experiência visual, a natureza de identidades múltiplas. Ainda, não conheço a língua brasileira de sinais em sua profundidade, mas, tenho condições mínimas de comunicação e interação com pessoas surdas. Compreendo que limitações existem para serem superadas. Não posso afirmar, hoje, se vou me aprofundar nos estudos teóricos da LIBRAS, porque não posso prever o futuro, as necessidades que virão. Sei que a comunicação, mesmo tímida, me permite continuar desenvolvendo pesquisas na área da Linguística Aplicada, a fim de discutir processos de interação.

Em relação à produção de conceitos, os estudos realizados, tanto no âmbito das pesquisas desenvolvidas sobre a modalidade de educação a distância, quanto no campo da surdez, me envolveu fortemente, ao ser presenteada pela oportunidade de um estudo, no intuito de buscar aprofundamento, em alguns aspectos que fomentaram o percurso da pesquisa.

Apresento, nos parágrafos que se seguem, algumas conclusões que demarcam o processo de investigação que vivenciei. Esse capítulo, portanto, refere-se às considerações finais, do estudo realizado, mas, certamente, marca novos começos, novas responsabilidades, novos desafios.

Ao buscar analisar os processos de construção de sentidos, dentro do espaço dos fóruns de discussão, das disciplinas do Curso Letras Libras, polo UFBA, percebi a necessidade de desenvolver uma metodologia que contribuísse para a construção de um espaço de interação e discussão de temas concernentes a cada disciplina do curso e, por conseguinte, temas que dizem respeito ao processo de formação, proposto no projeto do curso. A proposta metodológica teve como base, portanto, o entendimento de que o ser humano é um ser em constante aprendizagem e, que, se desenvolve por meio de um processo sociointerativo. Há, portanto, uma visão do meio cultural e das relações entre os indivíduos. Ademais, “todo uso autêntico da língua é feito em textos produzidos por sujeitos históricos e sociais de carne e osso, que mantêm algum tipo de relação entre si e visam a algum objetivo comum.” (MARCUSCHI, 2008).

O processo inicial de intervenção se constituiu numa atividade relevante no desenvolvimento da pesquisa. Mesmo tendo um objetivo explícito para a atividade, os resultados mostraram novas possibilidades de interpretação e análise de dados, como também, a necessidade de outra intervenção no sentido de dinamizar a

participação dos alunos surdos. Nesse sentido, a primeira atividade de intervenção influenciou, marcadamente, o desenvolvimento dos fóruns de discussão que se seguiram.

Apesar de apresentar, durante a referida intervenção, três fóruns com objetivos bem específicos, o foco da atividade intervencionista, foi o fórum 'Aspectos Linguísticos'. Tal fato se deve ao entendimento de que um curso a distância, ao quebrar barreiras de tempo e espaço, precisa construir espaços que sejam propícios à construção coletiva de significados e conceitos, necessários à formação a que se propõe. Em contextos de educação presencial, existe a possibilidade de que discussões e debates ocorram com bastante frequência, quando entram em cena, metodologias planejadas que visem aulas participativas. Compreendo que, no cenário da educação a distância, o espaço do fórum de discussão das disciplinas representa a sala de aula "perdida" da educação presencial. "Perdida", em dois sentidos: primeiro, porque em um ambiente virtual de aprendizagem, de um curso a distância, não temos uma sala física, no sentido do termo, em que o professor organiza debates e discussões sobre a temática trabalhada; segundo, porque estamos tratando de modalidades de ensino e aprendizagem diferenciadas e que, portanto, não merecem comparações.

Nesse sentido, considero que os fóruns de discussão representam uma interface singular no desenvolvimento de cursos, na modalidade a distância, por entender que os processos de construção de sentidos partem de um coletivo que pode ressignificar o individual. A prática de leitura e produção (escrita e/ou sinalizada), nos fóruns de discussão, nos mostra que é possível construir sentido de forma coletiva. A tecnologia, utilizada pela plataforma virtual, favorece o desenvolvimento de uma cadeia dialógica, em formato de arquivo, que proporciona, em qualquer tempo e espaço, o direito de ser acessado, por qualquer dos participantes. Esse acesso pode, a depender do objetivo de cada usuário, representar um diferencial na forma de construir sentidos, significados, ideias e conceitos relacionados ao tema estudado, discutido, debatido. O conceito de atividade responsiva ativa, apresentado em Bakhtin (2003), possibilita-nos pensar no grande encontro de vozes e entonações diferentes, proporcionadas pelos diálogos, ali construídos. E como nos lembram Souza, Pena e Soares (2010), diálogos entre pessoas, textos, autores, sentimentos e vidas.

Não há, nesse contexto, a ideia de um aluno passivo que percebe o ambiente virtual apenas, como um espaço para retirada e envio de material. Há, ao contrário, um aprendiz, que, na condição de ser inacabado, interage com o outro, com o texto escrito e/ou sinalizado pelo outro, com a ideia do outro, com os conceitos do outro, na construção de si mesmo e, portanto, de sua história. Ao interagir, é possível que compartilhem um sentimento de pertencimento a uma comunidade que ‘fundida por idéias’ (BAUMAN, 2005) faz surgir a questão da identidade. É relevante salientar que tais princípios e ideias são sempre negociáveis e revogáveis na medida em que são construídos e reconstruídos em decorrência do próprio processo de interação por que vivenciam os participantes.

Vale lembrar, que a figura do tutor, nessa perspectiva, é compreendida em uma lógica que transcende o significado do termo ‘tutor’, redimensionando, dessa forma, sua função, como participante do processo, no momento em que dinamiza as discussões, com participação efetiva nos fóruns. Há, portanto, uma compreensão que ultrapassa o limite do acompanhar, do tutelar. O tutor, ao abrir os fóruns com um convite à discussão, também se estabelece como participante, como aprendente, como parte do grupo, ou seja, como parte daquela comunidade que compartilha interesses, conflitos, tensões, descobertas e satisfações.

Os fóruns de discussão podem, dessa forma, enriquecer os processos de aprendizagem em ambientes virtuais de ensino e aprendizagem, no contexto de educação, na modalidade a distância. Há, nessa investigação, portanto, em toda a sua trajetória, uma defesa ao uso de fóruns de discussão numa perspectiva de interação, que proporcione processos de construção e reconstrução de ideias e conceitos pertinentes à formação do indivíduo.

Em relação às observações que ocorreram, após a primeira intervenção, e, que, expuseram índices de participação de alunos surdos e ouvintes, nas discussões dos fóruns, criando as condições para reflexões acerca da necessidade de fóruns em LIBRAS, gostaria de destacar algumas considerações na relação língua/construção de sentidos, língua/formação.

O desenvolvimento dos fóruns de discussão do período de intervenção nos apresenta um contexto em que a língua portuguesa e a LIBRAS se constituem como línguas plenas naquele espaço. A língua de sinais e a língua portuguesa são compreendidas como práticas enunciativas que propiciam processos de interação e

de construção de significados pelos participantes que, ao fazerem uso de dois sistemas linguísticos distintos, objetivam a representação de conceitos.

A ativação da LIBRAS e/ou da Língua Portuguesa depende da necessidade do falante/sinalizante e do conteúdo abordado no desenvolvimento dos fóruns. Isso quer dizer que, em relação ao aluno surdo, a LIBRAS é importante e necessária para o surdo como forma de apropriação de conceitos e, portanto, produção de conhecimentos. A língua portuguesa é usada em situações em que não há necessidade de aprofundamento de conteúdo, mas não deixa de ser uma forma de expressão do surdo.

No que diz respeito ao aluno ouvinte, a língua portuguesa é acessada sempre que há a necessidade de aprofundamento teórico e construção de significados, ideias e conceitos. A língua de sinais é mais utilizada para revisar conteúdos, antes de contexto de provas, como também, para conhecer sinais desconhecidos.

Nesse sentido, vale ressaltar que, o valor linguístico, identitário e cultural que a língua portuguesa representa, para o aluno ouvinte, tem o mesmo significado do valor linguístico, identitário e cultural que a língua de sinais representa, para o aluno surdo. Não podemos, portanto, perder de vista o fato de que a substância da língua é constituída pela interação social, ou seja, pelo conjunto de práticas enunciativas, de ações.

Considero relevante que, nessa relação entre língua portuguesa e língua de sinais, façamos as seguintes indagações: As condições históricas favorecem que o aluno surdo acesse a língua portuguesa em processos de interação verbal na mesma condição que o aluno ouvinte acessa a LIBRAS? Quais os mecanismos de aprendizagem de segunda língua utilizados por pessoas ouvintes e por pessoas surdas ao longo da história? Como se estabeleceram as práticas de letramento vivenciadas por alunos surdos? Qual a relação língua/subjetividade no contato aluno surdo/língua portuguesa, aluno surdo/língua de sinais, aluno ouvinte/língua de sinais aluno/ouvinte/língua portuguesa? Tomando por base tais questionamentos, de que forma poderíamos pensar a competência linguística em língua portuguesa no caso do aluno surdo?

As indagações, acima apresentadas tomam, como ponto de partida, a luta travada pelos alunos surdos para que houvesse nos fóruns de discussão explicações/traduições do que estava sendo discutido em língua portuguesa, para a língua de sinais, a LIBRAS, a língua por meio da qual, eles, processam seu

pensamento, suas ideias, e por isso, constroem sentido. A palavra escrita e/ou sinalizada foi utilizada, muitas vezes, pelos surdos, como forma de protesto. A respeito disso, Foucault (2008) nos lembra que “o discurso não é simplesmente aquilo que traduz as lutas ou os sistemas de dominação, mas aquilo por que, pelo que se luta, o poder do qual nos queremos apoderar” (p. 10). O poder de expressão e compreensão, no espaço do fórum, certamente, tem reflexos múltiplos em espaços, fora dos muros do mundo acadêmico.

Somando-se a isso, trago, também, uma frase sinalizada por um aluno surdo, durante as entrevistas, e que, por muitas vezes, foi repetida por outros alunos: “*eu não entendo nada quando os fóruns são em português*”. Os fóruns não apresentam, apenas, textos organizados e sistematizados em parágrafos e períodos, os fóruns representam a subjetividade dos participantes. É a expressão do seu pensar, sua forma de compreensão, sua análise sobre determinados temas, suas impressões. E o que dizer nos fóruns, se não há compreensão? Os alunos ouvintes, como expressado, nas entrevistas, lêem o material do curso em português e participam dos fóruns, nessa mesma língua. Os alunos surdos lêem o material na língua, que lhe é natural, para uma maior compreensão do conteúdo, ou seja, na língua de sinais. A subjetividade do outro, necessária ao processo de interação verbal, é escrita em outra língua que, acessada por outro canal, que não o visual, como a língua de sinais, precisa de um processo de tradução para ser compreendida. Ter acesso às discussões dos fóruns, em que novas ideias são colocadas em pauta, representa um compromisso com aspectos culturais e identitários da pessoa surda, pois há de se considerar a dinâmica de significados que são produzidos na interação com o outro e na lembrança de que o homem é um ser sociocultural que se constitui inicialmente no plano intersubjetivo para depois passar ao plano intra-subjetivo, como nos apontou Vygotsky (1994, 1999, 2001, 2003) em seus estudos.

Há um entendimento de que o processo educacional, historicamente vivenciado por esses alunos surdos, hoje adultos, em contexto de educação superior, deixou marcas que podem ser difíceis de lidar, nessa altura de suas vidas, mas compreendo, também, que esse fato representa um desafio de grandes proporções para aqueles que se propuserem a pesquisar o campo da surdez e para aqueles que hoje lidam com a realidade desses surdos adultos.

Nesse sentido, tomando por base, o fato de que o Curso Letras Libras é um curso para formação profissional, e que, possivelmente, esses alunos surdos

participarão de processos seletivos para ensino de língua de sinais, considero relevante uma reflexão a respeito desse surdo adulto, vivenciando processos seletivos, para a vida profissional, tendo que escrever em português, aprofundar conhecimentos, apresentar e defender ideias, em uma língua que lhe é pouco compreensível, a língua portuguesa, na modalidade escrita. Mesmo que haja uma correção, de uma prova escrita, que considere estruturas linguísticas diferenciadas, é preciso pensar em como se estabelece o poder de argumentação e defesa de determinadas ideias, de determinados princípios, em uma língua que lhe causa certo estranhamento, e por isso, distanciamento. Se não há um entendimento para a leitura e participação, em fóruns de discussão, de uma temática, relacionada a uma disciplina, como poderíamos pensar a competência linguística para defender ideias e princípios? Há uma compreensão histórica e cultural de que os alunos surdos que frequentam o Curso Letras Libras não tiveram a oportunidade de um ensino da Língua Portuguesa como segunda língua ao longo de sua escolarização e por isso processam o conhecimento na Língua Brasileira de Sinais (QUADROS; CERNY; PEREIRA, 2008).

No que diz, ainda, respeito à dinâmica dos fóruns de discussão, há por parte de alguns alunos ouvintes, o reconhecimento da importância da LIBRAS para que o surdo compreenda determinados conceitos, razão pela qual eles produzem mensagens em LIBRAS, mas ainda verificamos uma expressiva participação em língua portuguesa. Isso ocorre também por parte de alguns alunos surdos, mesmo com pouco aprofundamento teórico, o que ratifica o caráter bilíngue da comunicação do surdo no uso do ambiente virtual deste curso e parece refletir, de forma mais ampla, sua condição sociolinguisticamente bilíngue.

Nesse sentido, podemos, então, entender o bilinguismo, com base em diferentes níveis, como nos apontou Grosjean, em suas pesquisas. No caso de alguns alunos surdos, que participam dessa investigação, há um entendimento de que a língua portuguesa, na modalidade escrita, é utilizada, por eles, nos fóruns de discussão, quando não há necessidade de aprofundamento teórico. Nesse caso, precisam da língua de sinais para se apropriarem do conteúdo abordado e se expressarem com maior propriedade.

Ao finalizar, preciso manifestar o meu contentamento em ter tido oportunidade de pensar e refletir sobre aspectos que dizem respeito à pessoa surda e à língua de sinais. A pesquisa, que se finaliza, com esse capítulo, em nenhum momento, foi

pensada como forma de solucionar qualquer questão, ao contrário, foi desenvolvida, sobretudo, com o pensamento de pensar novas possibilidades de ação, tanto no que diz respeito ao uso de fóruns de discussão, em contextos de educação a distância, como no que se refere no pensar o universo do surdo, sua situação linguística, cultural e identitária, vivenciando um contexto de educação superior. Acredito que muitos desdobramentos podem surgir pelas reflexões, aqui apresentadas, tanto em relação às minhas escolhas, quanto à comunidade acadêmica que se debruça sobre estudos dessa natureza. O que fazer, poderá advir de pesquisas, realizadas na área, mas, sobretudo, de nossas atitudes e conduta frente a essa realidade.

REFERÊNCIAS

- ANDRADE, A. F.; VICARI, R.M. Construindo um ambiente de aprendizagem a distância inspirado na concepção sociointeracionista de Vygotsky. In: SILVA, M. (Org) Educação online: teorias, práticas, legislação e formação corporativa. 2. ed. São Paulo: Edições Loyola, 2006.
- ABREU, L. S. O Chat educacional: o professor diante desse gênero emergente. In: DIONÍSIO, A.P. et al. (Org.). *Gêneros textuais & ensino*. 2. ed. Rio de Janeiro: Lucerna, 2003.
- APARICI, R; ACEDO, S. O. Aprendizagem colaborativa e ensino virtual: uma experiência no dia-a-dia de uma universidade a distancia. In: SILVA, M.; PESCE, L.; ZUIN, A. (Org.). *Educação online: cenário, formação e questões didático-metodológicas*. Rio de Janeiro: Wak, 2010.
- ARAUJO, J. C. (Org.) *Internet e Ensino: novos gêneros, outros desafios*. Rio de Janeiro: Lucerna, 2007.
- BAKHTIN, M. Estética da Criação Verbal. 4. ed. São Paulo: Martins fontes, 2003.
- _____. *Marxismo e Filosofia da Linguagem*. 8. ed. São Paulo: Hucitec, 1997.
- BARBOSA, R. M.(Org.) *Ambientes Virtuais de aprendizagem*. Porto Alegre: Artmed, 2005.
- BARBOSA, R. M.; SANTOS, I. O uso do fórum de discussão para desenvolver atividades colaborativas. In: BARBOSA, R. M.(Org.) *Ambientes Virtuais de aprendizagem*. Porto Alegre: Artmed, 2005.
- BASSO, I. M. S; MASUTTI, M. L. A mediação do ensino de português na aprendizagem escolar do surdo por meio do SES. In: RAMIREZ, A. R. G.; MASUTTI, M. L. (Org.) *A educação de surdos em uma perspectiva bilingue: Uma experiência de elaboração de softwares e suas implicações pedagógicas*. FLORIANÓPOLIS: Editora da UFSC, 2009.
- BARBIER, R. *A Pesquisa – Ação*. (tradução de Lucie Didio). Série pesquisa, v.3. Brasília: Liber livro editora, 2007.
- BEHAR et al. Construção e aplicação de ECT – editor de texto coletivo. In: BARBOSA, R. M.(Org.) *Ambientes Virtuais de aprendizagem*. Porto Alegre: Artmed, 2005.
- BHABHA, H. K. Local da cultura. Belo Horizonte: Editora UFMG. [Tradução de Myrian Ávila, Eliana L. De Lima Reis, Gláucia R. Gonçalves da obra originalmente publicada em 1998], 2003.
- BRASIL. Lei 10.436 – 24 de abril 2002. Dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais - Libras e dá outras providências. Brasília: Presidência da República, Casa Civil, Subchefia para Assuntos Jurídicos, 2002.
- BRASIL. Decreto 5.626 – 23 de dezembro 2005. Regulamenta LEI nº 10. 436, de 24 de abril de 2002, que dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais – Libras, e o art. 18 da Lei nº 10.098, de 19 de dezembro de 2000. Brasília: Presidência da República, Casa Civil, Subchefia para Assuntos Jurídico, 2005.

- BAUMAN, Z. Identidade: entrevista a Benedetto Vecchi. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2005.
- BOGDAN, R. C.; BIKLEN S. K. *Investigação Qualitativa em Educação: uma introdução a teoria e aos métodos*. Portugal: Porto Editora LDA, 1994.
- CAPOVILLA, F. C.; RAPHAEL, W. D. Dicionário enciclopédico ilustrado trilingue da língua de sinais brasileira. Vol I e II. 2ª ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo: Imprensa Oficial do Estado, 2001.
- CAVALCANTI, M. C. (Org.) *Linguística Aplicada – suas faces e interfaces*. Campinas, São Paulo: Mercado de Letras, 2007.
- CAVALCANTI, M. C. ; SILVA, I. R. Já que ele não fala, podia ao menos escrever... O grafocentrismo naturalizado que insiste em normalizar o surdo. KLEIMAN, A. B.; CAVALCANTI, M. C. (Org.) *Linguística Aplicada – suas faces e interfaces*. Campinas, São Paulo: Mercado de Letras, 2007: 219-242.
- CAVALCANTI, M. C. Um olhar metateórico e metametodológico em pesquisa em linguística aplicada. In: MOITA LOPES, L. P. (Org.). *Por uma Linguística Aplicada Indisciplinar*. São Paulo: Parábola Editorial, 2006. 279 p.
- CRUZ, D.M. Aprendizagem por videoconferência. In: LITTO F. e FORMIGA, M. (Org.) *Educação a distância: o estado da arte*. São Paulo: Pearson Education do Brasil, 2009.
- CRYSTAL, D. *Language and the Internet*. Cambridge: Cambridge University Press, 2002.
- DEMO, P. *Pesquisa e Informação Qualitativa*. Campinas, SP: Papirus, 2001.
- DIONÍSIO, P. A. et al. *Gêneros textuais & ensino*. Rio de Janeiro: Lucerna, 2003.
- DIZEU, L.C.T. B. e CAPORALI, S.A. *A Língua de Sinais constituindo o Surdo como Sujeito*. In: *Educação e Sociedade*, Campinas, vol. 26, nº 91, 2005: 583-597.
- EMMOREY, K.; LUK, G.; PYERS, J.; BIALYSTOK, E. *The source of enhanced cognitive control in bilinguals: Evidence from bimodal bilinguals*. *Psychological Science*, 19, 2008.
- EMMOREY, K.; BORINSTEIN, H.; THOMPSON, R. *Bimodal Bilingualism: Code Blending between Spoken English and American Sign Language*. San Diego: Salk Institute for Biological Studies and the University of California, 2003.
- FAVORITO, W. *O Difícil são as Palavras: representações de / sobre estabelecidos e 'outsiders' na escolarização de jovens e adultos surdos*. Tese de doutoramento. Campinas, São Paulo: IEL / Unicamp, 2006.
- FERNANDES, E. *Surdez e Bilingüismo – leitura de mundo e mundo da leitura*. Disponível em http://www.ines.org.br/ines_livros13/13_PRINCIPAL.HTM. Acesso em: mar. 2010.
- FERNANDES, E.; CORREIA, C. M. C. Bilingüismo e surdez: a evolução dos conceitos no domínio da linguagem. In: FERNANDES, E. (Org.) *Surdez e bilingüismo*. Porto Alegre: Mediação, 2005.
- FOUCAULT. M. A. *Ordem do Discurso*. 16. ed. São Paulo: Edições Loyola, 2008.
- FRANCO, S. R. K. *O Construtivismo e a Educação*. 7. ed. Porto Alegre: Mediação, 1998.

- FREIRE, P. *Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa*. 26. ed. São Paulo: Paz e terra, 2003.
- GERALDI, J. W. (Org.). *O texto na sala de aula*. 3. ed. São Paulo, Ática, 2004.
- GARCIA, M. L. Para quem investigamos, para quem escrevemos: reflexões sobre a responsabilidade social do pesquisador. In: MOREIRA, Antônio Flávio et al. (Org.). *Para quem pesquisamos. Para quem escrevemos – o impasse dos intelectuais*. São Paulo: Cortez, 2001.
- GESUELI, Z.M. A escrita como fenômeno visual nas práticas discursivas de alunos surdos. In: LODI, A. C. B., HARRISON, K. M. P., CAMPOS, S. R. L. de (Org.). *Leitura e escrita: no contexto da diversidade*. Porto Alegre: Mediação, 2006, p. 39-49.
- GESSER, A. *LIBRAS: Que língua é essa? Crenças e preconceitos em torno da Língua de Sinais e da realidade surda*. São Paulo: Parábola Editorial, 2009.
- GESSER, A. *Um Olho no Professor Surdo e outro na Caneta: ouvintes aprendendo a língua brasileira de sinais*. Tese de doutoramento. Campinas, São Paulo.: IEL/ Unicamp, 2006.
- GROSJEAN, F. *Bilingualism, biculturalism, and deafness*. International Journal of Bilingual Education and Bilingualism, 2010, 13(2), 133-145.
- _____. *The right of deaf child to grow up bilingual*. Sign Language Studies, 2001, 1(2), 110-114.
- _____. Living with two languages and two cultures. In: PARASNIS I. (Ed.) *Cultural diversity and language diversity and the deaf experience*. Cambridge: Cambridge University Press, 1996: 20-37.
- _____. *Life with two languages: An introduction to bilingualism*. Cambridge: Harvard University Press, 1982.
- KARNOPP, L. Língua de sinais e língua portuguesa: em busca de um diálogo. In: LODI, A.C.B., HARRISON, K.M.P., CAMPOS, S.R.L de; TESKE, O. (Orgs.) *Letramento e minorias*. Porto Alegre, Mediação, 2009.
- KARNOPP, L. B.; PEREIRA, M. C. da C. Concepções de leitura e de escrita e educação de surdos. In: LODI, A. C. B.; ET AL. (Org..) *Leitura e escrita no contexto da diversidade*. Porto Alegre: Editora Mediação, 2006.
- KLEIMAN, A. B.; CAVALCANTI, M. C. (Org.). *Linguística Aplicada – suas Faces e Interfaces*, 2007.
- KOCH, I. G. V. *Introdução à lingüística textual*. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2006.
- _____. *O Texto e a construção de sentidos*. São Paulo: Contexto, 2005.
- KOCH, I.G.V.; ELIAS, V.M.S. *Ler e Compreender. os sentidos do texto*. São Paulo: Contexto, 2006.
- LACERDA, C.B.F. *A prática pedagógica mediada (também) pela língua de sinais: trabalhando com sujeitos surdos*. In: Caderno CEDES, Campinas, v. 20, n. 50, 2000. Disponível em <http://www.scielo.br/scielo.php>. Acesso em: abr. 2010.
- LÉVY, P. *O que é o virtual*. São Paulo: Ed. 34, 2001.

_____. *As tecnologias da inteligência: o Futuro do pensamento na era da informática*. Rio de Janeiro: Fundação Carlos Irineu da Costa, 1993.

LITTO F. ; FORMIGA, M. (Org.). *Educação a distância: o estado da arte*. São Paulo: Pearson Education do Brasil, 2009.

LODI, A. C. B.; MOURA, M. C. de. Primeira língua e constituição do sujeito: uma transformação social. *ETD – Educação Temática Digital*, v. 7, n. 2, p. 1-13, jun. 2007. Disponível em: <<http://www.fae.unicamp.br/etd/viewarticle.php?id=75>> Acesso em: out. 2010.

LODI, A.C.B.; HARRISON, K.M.P.; CAMPOS, S.R.L de. (Org.) *Leitura e escrita no contexto da diversidade*. Porto Alegre: Editora Mediação, 2006.

LODI, A.C.B.; HARRISON, K.M.P.; CAMPOS, S.R.L de.; TESKE, O. (Org.) *Letramento e minorias*. Porto Alegre, Mediação, 2009.

MAIA, C.; MATTAR, J. *ABC da EaD: a educação a distância hoje*. São Paulo: Pearson Prentice Hall, 2007.

MACHADO, P. S. A mediação do ensino de biologia na aprendizagem escolar do surdo por meio do SES. In: RAMIREZ, A. R. G.; MASUTTI, M. L. (Org.) *A educação de surdos em uma perspectiva bilíngue: Uma experiência de elaboração de softwares e suas implicações pedagógicas*. FLORIANÓPOLIS: Editora da UFSC, 2009.

MAHER, T. M. A Educação do Entorno para Interculturalidade e o Plurilinguismo. In: KLEIMAN, A. B.; CAVALCANTI, M. C. (Org.). *Linguística Aplicada – suas Faces e Interfaces*, 2007: 255-270.

MARCUSCHI, L. A. *Produção textual, análise de gêneros e compreensão*. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.

MARCUSCHI, L. A. Gêneros textuais emergentes no contexto da tecnologia digital. In: MARCUSCHI, Luiz Antônio; XAVIER, Antônio Carlos. (Org.). *Hipertexto e Gêneros Digitais*. Rio de Janeiro: Editora Lucerna, 2004.

MARCUSCHI, L. A. Gêneros Textuais: definição e funcionalidade. In: DIONÍSIO, A.P. et al. (Org.). *Gêneros textuais & ensino*. 2. ed. Rio de Janeiro: Lucerna, 2003.

MINAYO, M. C. de S. *Pesquisa social: teoria, método e criatividade*. Petrópolis, R.J.: Editora Vozes, 1994.

MOITA LOPES, L. P. (Org.). *Por uma Lingüística Aplicada Indisciplinar*. São Paulo: Parábola Editorial, 2006. 279 p.

MOITA LOPES, L. P. Uma lingüística aplicada mestiça e ideológica. In: MOITA LOPES, L. P. (Org.). *Por uma Lingüística Aplicada Indisciplinar*. São Paulo: Parábola Editorial, 2006. 279 p.

MOORE, M; KEARSLEY, G. *Educação a distância: uma visão integrada*. (tradução Roberto galman) São Paulo: Thompson Learning , 2007.

PAIVA, V.L.M.O. E-mail: um novo gênero textual. In: MARCUSCHI, Luiz Antônio; XAVIER, Antônio Carlos. (Org.). *Hipertexto e Gêneros Digitais*. Rio de Janeiro: Editora Lucerna, 2004.

_____. *Comunidades virtuais de aprendizagem e colaboração*. Disponível em: <<http://www.veramenezes.com/textos.htm>>. Acesso em: ago. 2006.

PAIVA, V.L.M.O.; RODRIGUES JUNIOR, A.S. O Footing do moderador em Fóruns Educacionais. In: ARAUJO, J. C. (Org.) *Internet e Ensino: novos gêneros, outros desafios*. Rio de Janeiro: Lucerna, 2007.

_____. Fóruns *on-line*: intertextualidade *footing* na construção do conhecimento. In: MACHADO, I.L.; MELLO, R. (Org.). *Gêneros: reflexões em análise do discurso*. Belo Horizonte: Faculdade de Letras da UFMG, 2004.

PASSARELI, B. A aprendizagem *on-line* por meio de comunidades virtuais de aprendizagem. In: LITTO F. e FORMIGA, M. (Org.). *Educação a distância: o estado da arte*. São Paulo: Pearson Education do Brasil, 2009.

PENNYCOOK, A. Uma linguística aplicada transgressiva. In: MOITA LOPES, L. P. (Org.). *Por uma Lingüística Aplicada Indisciplinar*. São Paulo: Parábola Editorial, 2006. 279 p.

PERLIN, G. Identidades surdas. In: SKLIAR, Carlos (org). *A surdez : um olhar sobre as diferenças*. Porto Alegre: 3. ed. Porto alegre: Editora mediação, 2005.

QUADROS, R. M. de.: CERNY, R. Z. ; PEREIRA, A. T. C. Inclusão de surdos no ensino superior por meio do uso da tecnologia. In: QUADROS, R. M. de.(Org.) *Estudos Surdos III*. Petrópolis, Rio de Janeiro: Arara Azul, 2008.

QUADROS, R. M. de. E KARNOPP, L. *Língua de Sinais Brasileira: estudos lingüísticos*. Porto Alegre: Artmed, 2007.

QUADROS, R. M. Educação de Surdos: A Aquisição da Linguagem. 2. Ed. Porto Alegre: Artmed, 2008.

_____. O 'BI' em bilinguismo na educação de surdos. In: FERNANDES, E. (Org.) *Surdez e bilingüismo*. Porto Alegre: Mediação, 2005.

RAJAGOPALAN, K. Por uma linguística crítica: linguagem, identidade e a questão ética. 3. ed. São Paulo: Parábola, 2008

_____. Repensar o papel da linguística aplicada. In: MOITA LOPES, L. P. (Org.). *Por uma Lingüística Aplicada Indisciplinar*. São Paulo: Parábola Editorial, 2006. p. 279

RAMIREZ, A. R. G.; MASUTTI, M. L. (Org.) *A educação de surdos em uma perspectiva bilingue: Uma experiência de elaboração de softwares e suas implicações pedagógicas*. FLORIANÓPOLIS: Editora da UFSC, 2009.

RANGEL, G; STUMPF, M.R. A pedagogia da diferença para o surdo. In: LODI, A. C. B.; ET AL. (Org..) *Leitura e escrita no contexto da diversidade*. Porto Alegre: Editora Mediação, 2006.

ROJO, R. L. R. Fazer linguística aplicada em uma perspectiva sócio-histórica: privação sofrida e leveza do pensamento. In: MOITA LOPES, L. P. (Org.). *Por uma Lingüística Aplicada Indisciplinar*. São Paulo: Parábola Editorial, 2006. 279 p.

SÁ, N.L. *Cultura, poder e educação de surdos*. São Paulo: Paulinas, 2006.

SANTOS, E.. Educação online para além da EAD: um fenômeno da cibercultura. In: SILVA, M. et al (Org.) Educação online: cenário, formação e questões didático-metodológicas. Rio de Janeiro: Wak Ed., 2010. Pags. 29-48.

SILVA, M. (Org) *Educação online: teorias, práticas, legislação e formação corporativa*. 2. ed. São Paulo: Edições Loyola, 2006.

_____. Criar e professorar um curso online: relato de experiência. In: SILVA, M. (Org) *Educação online: teorias, práticas, legislação e formação corporativa*. 2. ed. São Paulo: Edições Loyola, 2006.

SANTOS, E.O.; OKADA, A.L.P. *A construção de ambientes virtuais de aprendizagem: por autorias plurais e gratuitas no ciberespaço*. Disponível em: <<http://www.anped.org.br/26/trabalhos/edmeaoliveiradossantos.pdf>>. Acesso em: out. 2005.

SIGNORINI, I. A questão da língua legítima na sociedade democrática: um desafio para a linguística aplicada contemporânea. In: MOITA LOPES, L. P. (Org.). *Por uma Linguística Aplicada Indisciplinar*. São Paulo: Parábola Editorial, 2006. 279 p.

SKLIAR, C. Os Estudos surdos em educação: problematizando a normalidade. In: SKLIAR, C.(Org.) *A surdez: um olhar sobre as diferenças*. 3. Ed. Porto alegre: editora mediação, 2005.

SOARES, C. V. C. O. *Intervenção pedagógica do professor em ambientes informatizados de aprendizagem*. Vitória da Conquista: Editora UESB, 2010.

SOARES, C. V. C. O. . INTERVENÇÃO PEDAGÓGICA EM AMBIENTES VIRTUAIS DE APRENDIZAGEM: O FÓRUM DE DISCUSSÃO. In: 3º Encontro Regional ABED de Educação a Distância - Região Nordeste, 2005, Salvador. www.abed.br, 2005.

SOARES, C. V. C. O. ; TEIXEIRA, E. R . A natureza bilíngue dos fóruns de discussão do curso de graduação Letras Libras. In: XI Seminário de Linguística Aplicada e Seminário de Tradução, 2010, Salvador. Anais XI Seminário de Linguística Aplicada e Seminário de Tradução - Programa de caderno e resumos, 2010.

SOARES, C. V. C. O. ; TEIXEIRA, E. R . Online discussion forums within learning intervention environments: the case of the Letras Libras Course. In: Theoretical Issues in Sign Language research 2010, West Lafayette, Indiana. Theoretical Issues in Sign Language research 2010.

SOARES, C. V. C. O. ; TEIXEIRA, E. R. *O fórum de discussão online e o processo construtivo de aprendizagem: o caso do curso Letras Libras*. In: ABRALIN em cena Piauí, 2008, Teresina. Anais- ABRALIN em cena Piauí. João Pessoa: Editoração eletrônica - Idéia, 2008. p. 73-81.

SOUZA, E. P. de ; SENA, C. P. P ; SOARES, C. V. C. O. *Epistemological concepts for teacher development in virtual environments and in the teaching learning process for visually impaired students*. In: CSEDU 2010 - 2nd International Conference on Computer Supported Education, 2010, 2010, Valência. Anais do 2nd International Conference on Computer Supported Education, 2010. v. 2.

SOUZA, R. M. *Língua de Sinais e Língua Majoritária como Produto de Trabalho Discursivo*. In: Cadernos Cedes, ano XIX, no. 46, 1998: 57-67.

STROBEL, K. *As imagens do outro sobre a cultura surda*. Florianópolis: Editora da UFSC, 2008.

TELES, L. A aprendizagem por e-learning. In: LITTO F. e FORMIGA, M. (Org). *Educação a distância: o estado da arte*. São Paulo: Pearson Education do Brasil, 2009.p. 72.

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA. Projeto pedagógico do Curso de Licenciatura em letras Libras. Florianópolis: UFSC, 2006.

VYGOTSKY, L. S. *Psicologia pedagógica - edição comentada*. Porto Alegre: Artes Médicas, 2003.

_____. *A construção do pensamento e da linguagem*. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

_____. *Teoria e Método em Psicologia*. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

_____. *A formação social da mente*. São Paulo: Martins Fontes, 1994.

VYGOTSKY, L. S.; LURIA, A; LEONTIEV, A. *Linguagem, desenvolvimento e aprendizagem*. São Paulo, Ícone: EDUSP, 1988.

APÊNDICE A

CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO PARA PARTICIPAÇÃO EM ESTUDO QUE ANALISA OS PROCESSOS DE CONSTRUÇÃO DE SENTIDOS EM AMBIENTES VIRTUAIS DE APRENDIZAGEM

Por este instrumento particular declaro para efeitos éticos e legais, que eu, CLAUDIA VIVIEN CARVALHO DE OLIVEIRA SOARES, portadora de RG 2551975 19, CPF 441444665-15, residente e domiciliada a Rua E, Qd E, nº. 38, Morada do Bem Querer, Vitória da Conquista, Ba, estarei realizando uma pesquisa de doutorado com orientação da Professora Doutora Elizabeth Reis Teixeira, com o objetivo de investigar os processos de construção de sentidos em ambientes virtuais de aprendizagem. Esclareço que as ferramentas utilizadas para a coleta de dados serão os fóruns de discussão e o Chat.

Convite e Objetivo: Você é convidado a participar deste estudo por fazer parte de um curso de graduação à distância em que o uso do ambiente virtual é essencial no desenvolvimento do curso. Caso aceite participar do estudo, você será solicitado a assinar este formulário de consentimento.

Participação voluntária: a sua participação é voluntária. Você pode desistir de participar a qualquer momento, seja agora, durante ou ao final do curso. A minha permanência no ambiente para proposta de intervenções nos fóruns e Chats será de aproximadamente 01 (um) ano. Após este período, o meu trabalho será o de analisar os textos produzidos nessas interfaces pelo grupo participante.

Confidencialidade: Qualquer informação obtida durante o estudo só será do conhecimento da pesquisadora e de sua orientadora. Nem você nem nenhum outro participante deste estudo será identificado pelo nome em futuras publicações dos resultados obtidos nesta pesquisa.

Esclarecimentos: Os dados coletados durante a pesquisa não serão julgados como bons ou ruins. Serão analisados sob a perspectiva de um estudo lingüístico e da possibilidade de uso dos ambientes virtuais como proposta metodológica para cursos a distância.

- Sim, aceito participar do estudo.
- Não, não aceito participar do estudo.

Por intermédio deste instrumento de autorização por mim assinado, dou pleno consentimento às integrantes da pesquisa, através da orientadora, e autora devidamente autorizada, realizar a coleta dos dados obtidos por meio de discussões ocorridas nos fóruns de discussão e chats ocorridos no desenvolvimento das disciplinas de nosso curso.

NOME DO PARTICIPANTE	Assinatura do participante	Data
NOME DO PESQUISADOR Claudia Vivien C. de Oliveira Soares	Assinatura do pesquisador	Data